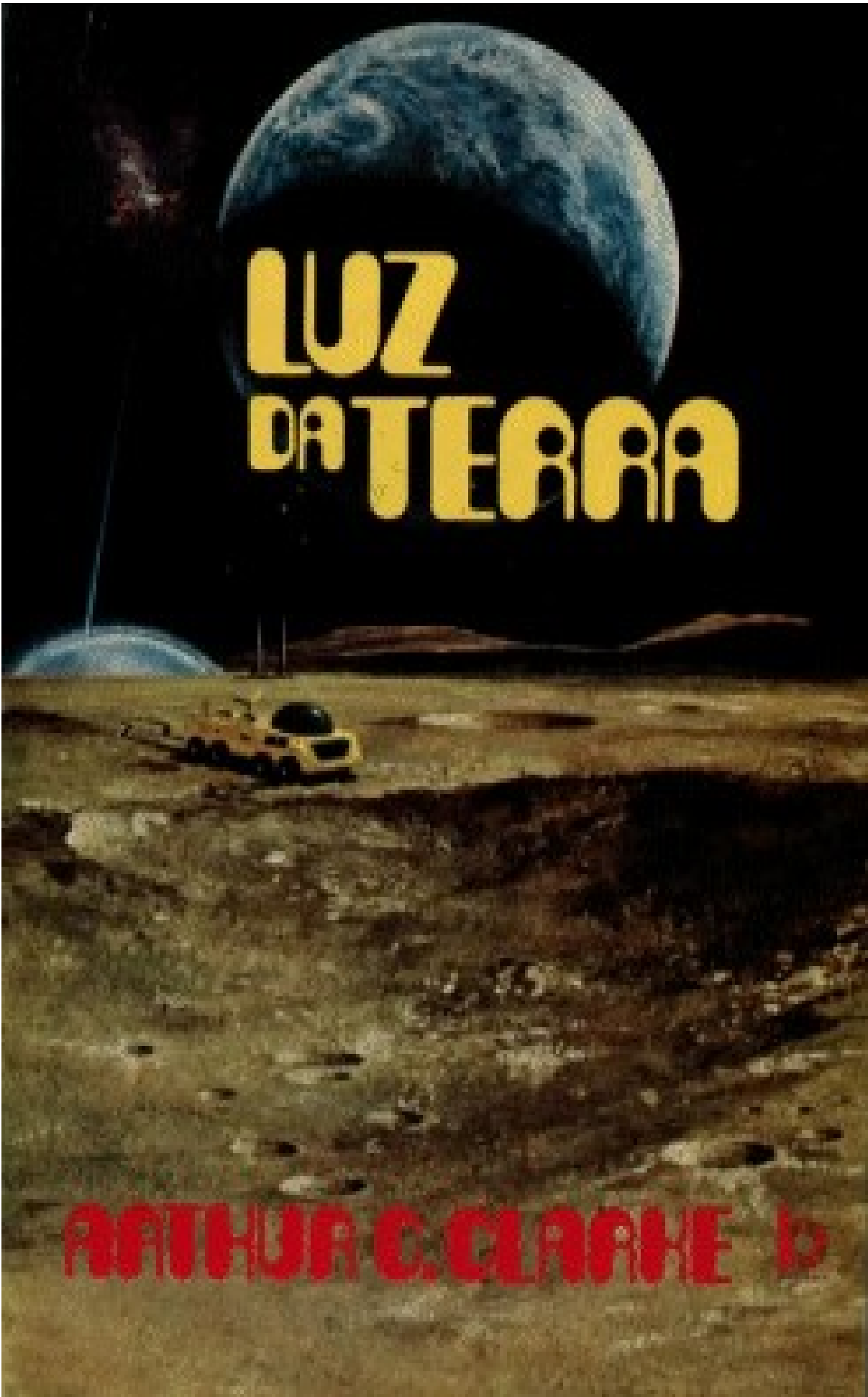




LUZ DA TERRA

ARTHUR C. CLARKE b



LUZ DA TERRA

Arthur C. Clarke

Mais uma vez, através de seu processo imaginativo, Arthur C. Clarke nos conduz ao espaço interplanetário, que cria a ambiência necessária para onde possam afluir outros aspectos da vida humana em eterno choque consigo mesma.

Neste livro, Arthur C. Clarke lança suas personagens em uma era, separada da nossa por dois séculos. Dominando o Sistema Solar, mundos hostis à sua constituição física, o homem ainda se vê preso ao seu próprio invólucro e vencido por ele. E é justamente esta ambivalência humana, paradoxal na sua constante reincidência, que serve de plataforma de onde se projetam ações e reações mescladas, consciente ou inconscientemente, de medo, ansiedade, vigor e aniquilamento.

No decorrer de sua narrativa, o Autor deixa entrever como esses ingredientes se juntam para que fique patente a impotência do homem na busca de uma verdade que ainda não delineou na sua globalidade. Suas personagens vão, imperceptivelmente, caminhando pelas linhas definidas de urna possível sociedade geométrica nas suas aspirações e limitações. A individualidade, diluída nos quadriláteros sociais de cada planeta, raríssimas vezes é preservada. Mas tudo isso faz parte de uma obra que tem como problemática central a essência humana, que suas próprias personagens frisam como sendo repetitiva nos seus complicados meandros, em contraposição à descoberta de novos mundos que se despem aos olhos do homem, transformando-se em reflexos distorcidos dele mesmo.

Por outro lado, a fragilidade do homem diante do universo que ele próprio cria, a partir de suas descobertas, torna-o inconsistente e, por vezes, incoerente. E esta é uma constante dentro do contexto desta obra, a qual Arthur C. Clarke leva até suas últimas consequências, em tom quase que carregado de ironia.

Torna-se fácil, pois, detectar nas várias passagens do livro um Clarke que não omite a sua preocupação pela trajetória do ser humano, mas, contrariamente, infiltra-se por entre as personagens, rotulando sutil e corretamente as ações que praticam.

Edição de

BESTSELLER

Importadora de Livros S.A.

LUZ DA TERRA

ARTHUR C. CLARKE

LUZ DA TERRA

Tradução de AYDANO ARRUDA

BESTSELLER *Importadora de Livros S. A.*
SÃO PAULO

Do original inglês:
Earth Light

Copyright ® by
ARTHUR C CLARKE

Direitos para a língua portuguesa adquiridos por

BESTSELLER

Importadora de Livros S. A.

Rua Tupi, 168
SÃO PAULO

que se reserva a propriedade desta tradução

1973

Impresso no Brasil

Printed in Brasil

O monotrilho perdia velocidade à medida que subia, afastando-se das baixadas ensombradas. Agora, a qualquer momento, pensou Sadler, alcançariam o sol. A linha de escuridão movia-se ali tão devagar que, com um pouco de esforço, um homem poderia acompanhá-la, poderia conservar o sol equilibrado no horizonte até ter uma pausa para repousar. Mesmo depois o sol se esconderia com tanta relutância que transcorreria mais de uma hora, antes que o último e deslumbrante segmento desaparecesse abaixo da beirada da Lua e a longa noite lunar começasse.

Ele estivera correndo através da noite, ao longo do solo que os primeiros pioneiros haviam aberto. dois séculos antes, a uma estável e confortável velocidade de quinhentos quilômetros por hora. Além de um entediado condutor, que parecia nada ter a fazer senão fornecer xícaras de café a pedido, os únicos outros ocupantes do carro eram quatro astrônomos de Observatório. Havia acenado afavelmente com a cabeça quando ele subira a bordo, mas prontamente se perderam em uma discussão técnica e, a partir de então, ignoraram Sadler. Ele se sentiu um pouco ofendido por esse abandono, depois se consolou com a idéia de que talvez o tomassem por um experimentado residente, não um recém-chegado em sua primeira missão na Lua.

As luzes do carro tornavam impossível ver muita coisa do solo escurecido, através do qual corriam quase em silêncio completo. "Escurecida" era, naturalmente, um termo relativo. Na verdade, o sol se pusera, mas não longe do zênite a Terra aproximava-se de seu primeiro quarto. Cresceria firmemente até a meia-noite lunar, dentro de uma semana, e seria então um cegante disco, brilhante demais para ser visto a olho nu ..

Sadler deixou seu banco e foi para a frente, passando pelos astrônomos que ainda discutiam, em direção à alcova encortinada na parte dianteira do carro. Ainda não estava acostumado a possuir um sexto apenas de seu peso normal e movia-se com exagerada cautela ao longo do estreito corredor entre os lavatórios e a pequena sala de controle.

Agora podia ver melhor. As janelas de observação não eram tão grandes quanto gostaria que fossem. Algum regulamento de segurança seria responsável por isso. Mas não havia luz interna para distrair seus olhos e finalmente ele pôde dedicar-se com a fria glória daquela crosta antiga e vazia.

Fria - sim, ele era bem capaz de acreditar que, do lado de fora daquelas janelas, a temperatura já alcançava duzentos graus abaixo de zero, embora o sol se tivesse posto apenas duas horas antes. Certa qualidade da luz que vinha dos distantes mares e nuvens da Terra dava essa impressão. Era uma luz tingida de azuis e verdes; uma radiação ártica que não proporcionava um átomo de calor. E que, pensou Sadler, era sem dúvida um paradoxo, pois vinha de um mundo de luz e calor.

À frente do veloz carro, o trilho único - apoiado em pilares incomodamente distantes entre si - dirigia-se para leste. Outro paradoxo. Aquele mundo estava cheio de paradoxos. Por que não podia o sol se pôr no oeste, como acontecia na Terra? Devia haver alguma explicação astronômica simples, mas no momento Sadler não conseguia decidir qual era. Depois percebeu que, afinal de contas, tais rótulos eram

puramente arbitrários e podiam ser facilmente mal empregados quando se fazia o mapa de um mundo novo.

Ainda estavam subindo devagar e havia à direita um penhasco que limitava a visão. À esquerda - vejamos, isso seria sul, não seria? - o solo partido caía em uma série de camadas, como se há um bilhão de anos a lava que se erguera do centro fundido da Lua se tivesse solidificado em ondas sucessivas e cada vez mais fracas. Era uma cena que esfriava a alma, mas havia na Terra lugares tão desolados quanto esse. As terras áridas do Arizona eram igualmente desoladas; as encostas superiores do Everest eram ainda muito mais hostis, pois aqui pelo menos não havia vento eterno e fustigante.

Depois Sadler quase gritou, pois o penhasco à direita terminara abruptamente, como se um monstruoso cinzel tivesse cortado da superfície da Lua. Não barrava mais sua vista; agora podia ver claro em direção ao norte. A arte não premeditada da natureza produziu um efeito tão emocionante, que era difícil acreditar que fosse meramente um acidente de tempo e lugar.

Ali, marchando através do céu em flamejante glória, estavam os picos dos Apeninos, incandescentes sob os últimos raios do sol oculto. A abrupta explosão de luz deixou Sadler quase cego; protegeu os olhos contra o clarão e esperou até poder enfrentar de novo a vista, com segurança. Quando voltou a olhar, a transformação era completa. As estrelas, que um momento antes enchiam o céu, haviam desaparecido. Suas pupilas contraídas não conseguiam mais vê-las; mesmo a resplandecente Terra não parecia mais do que uma fraca mancha de luminosidade esverdeada. O clarão das montanhas iluminadas pelo sol, ainda a centenas de quilômetros de distância, eclipsava todas as outras fontes de luz.

Os picos flutuavam no céu, como fantásticas pirâmides de chama. Pareciam não ter mais ligação com o solo abaixo deles, do que as nuvens que se juntam sobre um pôr de sol na Terra. A linha de sombra era tão nítida, as encostas inferiores das montanhas tão perdidas em completa escuridão, que só os cumes ardentes tinham alguma existência real. Transcorreriam ainda horas, antes que o último desses orgulhosos picos voltasse a cair na sombra da Lua e se entregasse à noite ..

As cortinas atrás de Sadler abriram-se. Um de seus companheiros de viagem entrou na alcova e tomou posição ao lado da janela. Sadler perguntou a si próprio se deveria iniciar conversa; ainda se sentia um pouco ressentido por ter sido tão completamente ignorado. Contudo, o problema de etiqueta foi resolvido para ele.

- Vale a pena vir da Terra para ver isso, não é? - disse uma voz no escuro a seu lado.

- Sem a menor dúvida - respondeu Sadler.

Depois, tentando ser blasé, acrescentou: - Mas suponho que com o tempo a gente se acostuma.

Houve uma risadinha no escuro:

- Eu não diria isso. Com algumas coisas a gente nunca se acostuma, por mais tempo que se viva entre elas. Acaba de chegar?

- Sim. Cheguei ontem à noite na Tycho Brahe. Porém, ainda não tive tempo de ver muita coisa.

Em inconsciente imitação, Sadler se viu empregando as frases curtas de seu companheiro. Perguntou a si próprio se todos na Lua falavam assim. Talvez pensassem que isso economizava ar.

- Vai trabalhar no Observatório?

- Em certo sentido, embora não vá fazer parte do quadro permanente. Sou contador. Vou fazer uma análise de custo de suas operações.

Isso produziu um silêncio pensativo, que foi finalmente interrompido pela voz:

- Foi indelicadeza de minha parte... deveria ter-me apresentado. Robert Molton. Chefe de Espectroscopia. É bom ter alguém que possa ensinar-nos a fazer nossa declaração de renda.

- Receava que isso acontecesse - disse Sadler secamente. - Meu nome é Bertram Sadler. Eu sou do Tribunal de Contas.

- Hum. Pensa que estamos desperdiçando dinheiro aqui?

- Isso será decidido por outros. Eu só vou descobrir como vocês gastam o dinheiro, não por quê.

- Bem, você vai se divertir um pouco. Todos aqui são capazes de apresentar bons argumentos para gastar o dobro do dinheiro que recebem. E eu gostaria de saber como você conseguirá pôr uma etiqueta de preço em pesquisa científica pura.

Sadler vinha pensando nisso desde algum tempo antes, mas achou que era melhor não tentar dar mais explicações. Sua história fora aceita sem perguntas; se tentasse torná-la mais convincente, poderia trair-se. Não era um bom mentiroso, embora esperasse melhorar com a prática.

Em todo caso, o que dissera a Molton era absolutamente verdadeiro. Sadler só desejava que fosse toda a verdade e não apenas cinco por cento dela.

- Eu gostaria de saber como vamos atravessar aquelas montanhas - observou ele, apontando para os picos ardentes à frente. - Passamos por cima... ou por baixo?

- Por cima - respondeu Molton. - Elas parecem espetaculares, mas na realidade não são tão grandes. Espere até ver as Montanhas Leibnitz ou a Cordilheira Oberthe. São duas vezes mais altas.

Essas já eram suficientemente boas para começar, pensou Sadler. O carro do monotrilho, abraçando seu trilho único, furava as sombras em um trajeto que subia vagorosamente. Na escuridão que os cercava, rochedos e penhascos vagamente avistados aproximavam-se com explosiva velocidade, depois desapareciam atrás. Sadler percebeu que provavelmente em nenhum outro lugar seria possível viajar com tal velocidade tão perto do solo. Nenhum avião a jato, muito acima das nuvens da Terra, dava uma impressão de pura rapidez igual a essa.

Se fosse dia, Sadler poderia ver os prodígios de engenharia que tornaram possível esse trilho estendido nos sopés dos Apeninos. Mas a escuridão velava as numerosas pontes e as curvas à beira de desfiladeiros; ele só via os picos que se aproximavam, ainda magicamente flutuando sobre o mar de noite que se estendia em volta.

Depois, muito longe no leste, um arco ardente espiou por cima da beirada da Lua. Havia subido acima da sombra, juntando-se às montanhas em sua glória e alcançado o próprio sol. Sadler desviou os olhos do clarão que inundava a cabina e, pela primeira vez, viu claramente o homem em pé a seu lado.

O Doutor (ou seria Professor?) Molton tinha uns cinquenta e poucos anos, mas seus cabelos eram muito pretos e abundantes. Tinha uma daquelas fisionomias impressionantemente feias que, por algum motivo, inspiram imediata confiança. Sentia-se que ali estava o filósofo bem humorado e praticamente judicioso; o moderno Sócrates, suficientemente desprendido para dar conselhos imparciais a todos, mas de maneira alguma distante do contato humano. "O coração de ouro por baixo do exterior rude", pensou Sadler, encolhendo-se mentalmente diante da vulgaridade da frase.

Seus olhos encontraram-se na silenciosa apreciação de dois homens que sabem que suas atividades futuras os reunirão de novo. Depois Molton sorriu, enrugando um rosto que era quase tão áspero quanto a paisagem lunar circundante.

- Deve ser sua primeira alvorada na Lua. Se é possível chamar a isto de alvorada,

naturalmente... seja como for, é um nascer do sol. É pena que só dure dez minutos... depois passaremos pelo topo e voltaremos a entrar na noite. Então você. terá que esperar duas semanas para ver novamente o sol.

- Não é um pouco... tedioso... ficar no escuro durante quatorze dias? - perguntou Sadler. Mal proferira as palavras, percebeu que provavelmente havia dito tolice. Mas Molton corrigiu-o delicadamente.

- Você verá - respondeu ele. - Dia ou noite, é quase a mesma coisa embaixo do solo. Seja como for, você. poderá sair sempre que quiser. Algumas pessoas preferem o período da noite. A luz da Terra faz com que elas se sintam românticas.

O monotrilho atingira agora o ápice de sua trajetória através das montanhas. Os dois viajantes ficaram em silêncio, enquanto os picos de ambos os lados se erguiam até seu clímax e depois começavam a afundar-se atrás. Havia irrompido através da barreira e estavam descendo as encostas muito mais íngremes que davam para o Mare Imbrium. Enquanto desciam, o sol, que a velocidade do veículo tirara da noite, encolheu-se, passando de um arco a um fio, de um fio a um único ponto de fogo, e depois desapareceu da existência. No último instante daquele falso pôr do sol, segundos antes de afundarem novamente na sombra da Lua, houve um momento mágico que Sadler nunca esqueceria. Avançavam por uma serra que o sol já deixara, mas a linha do monotrilho, a menos de um metro acima do solo, ainda recebia os últimos raios. Era como se estivessem correndo ao longo de uma tira de luz sem apoio, um filamento de chama construído por feitiçaria e não pela engenharia humana. Depois, a escuridão final caiu e a magia cessou. As estrelas começaram a voltar ao céu, enquanto os olhos de Sadler se adaptavam à noite.

- Você teve sorte - disse Molton. - Eu fiz esta viagem centenas de vezes, mas nunca tinha visto isso. É melhor voltar ao carro... vão servir uma pequena refeição dentro de um minuto. Seja como for, nada mais há para ver.

Isso, pensou Sadler, não era verdade. A resplandecente luz da Terra, voltando sozinha agora que o sol sumira, inundava a grande planície que os astrônomos antigos haviam batizado tão erroneamente como Mar das Chuvas. Comparada com as montanhas que ficaram para trás, não era espetacular, mas ainda assim era coisa de fazer perder o fôlego.

- Vou esperar, mais um pouco - respondeu Sadler. - Lembre-se que tudo Isto é novo para mim e não quero perder coisa alguma.

Molton riu, não sem bondade.

- Não posso culpá-lo por isso - disse ele. Receio que às vezes a gente aceite as coisas como muito normais.'

O monotrilho deslizava agora para baixo em um declive absolutamente vertiginoso que na Terra teria sido suicídio. A fria planície iluminada de verde subia para encontrar-se com eles: uma cordilheira de montes baixos, anões ao lado das montanhas que haviam deixado para trás, quebrava a linha do horizonte à frente. Mais .uma vez o horizonte, fantasticamente próximo, daquele pequeno mundo começava a fechar-se sobre eles. Estavam de volta ao nível do "mar"...

Sadler, seguindo Molton, atravessou as cortinas e entrou na cabina, onde o comissário de bordo servia bandejas ao pequeno grupo.

- Sempre há tão poucos passageiros assim? - perguntou Sadler. - Eu acharia que não é um serviço muito econômico.

- Depende do que você entende por economia - respondeu Molton. - Muita coisa aqui vai parecer engraçada em suas folhas de balanço. Mas a manutenção deste serviço não custa muito. O equipamento dura eternamente... não há ferrugem, nem

ação do tempo. Os carros só são submetidos a revisão de dois em dois anos.

Essa era uma coisa que Sadler certamente não havia considerado. Havia muitas coisas que precisava aprender e algumas delas talvez tivesse que descobrir pelo método mais difícil.

A refeição era saborosa, mas impossível de ser identificada. Como todos os alimentos na Lua, devia ter sido cultivada nas grandes fazendas hidropônicas, que se estendiam por quilômetros quadrados, em estufas pressurizadas, ao longo do equador. A carne presumivelmente era sintética: dava a impressão de carne de vaca, mas por acaso Sadler sabia que a única vaca existente na Lua vivia luxuosamente no Zoo de Hipparchus. Essa era a espécie de informação inútil que sua mente diabolicamente retentiva estava sempre recolhendo e recusando eliminar.

Talvez a hora da comida tornasse os outros astrônomos mais afáveis, pois se mostraram bastante amistosos quando o Dr. Molton os apresentou, conseguindo durante alguns minutos evitar conversas sobre serviço. Era evidente, porém, que eles consideravam a missão de Sadler com certo alarma. Sadler podia mentalmente ver todos eles passando em revista as verbas e se perguntando que espécie de argumentação poderiam apresentar se fossem desafiados. Não tinha dúvida de que todos apresentariam histórias muito convincentes e tentariam deixá-lo cego com ciência, se tentasse apertá-los. Já passara por tudo isso antes, embora nunca em circunstâncias iguais a essas.

O carro estava agora na última etapa de sua viagem e chegaria ao Observatório em pouco mais de uma hora. O percurso de seiscentos quilômetros através do Mare Imbrium era quase reto e plano, com exceção de um breve desvio para leste, a fim de evitar os montes em volta da gigantesca planície murada de Arquimedes. Sadler acomodou-se confortavelmente, tirou seus papéis de anotações e começou a fazer alguns estudos.

O organograma que desdobrou cobriu quase toda a mesa. Era caprichosamente impresso em várias cores, de acordo com os vários departamentos do Observatório, e Sadler olhou para ele com certo desgosto. O homem antigo, lembrou-se, fora certa vez definido como um animal que faz ferramentas. Com frequência pensava que a melhor descrição do homem moderno seria a do animal que desperdiça papel.

Abaixo dos títulos "Diretor" e "Vice-diretor", o organograma dividia-se em três partes sob as denominações de ADMINISTRAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS e OBSERVATÓRIO. Sadler procurou o Dr. Molton; sim, ali estava ele, na seção do OBSERVATÓRIO, diretamente abaixo do Cientista Chefe e encabeçando a curta coluna de nomes denominada "Espectroscopia". Parecia ter seis assistentes: dois deles - Jamieson e Wheeler - eram homens aos quais Sadler acabara de ser apresentado. O outro viajante do mono-carro, conforme descobriu, não era realmente cientista. Tinha seu quadradinho próprio no organograma e não estava subordinado senão ao Diretor. Sadler suspeitou que o Secretário Wagnal era provavelmente uma potência na Lua que valeria a pena cultivar.

Fazia meia hora que estudava o organograma e perdera-se completamente em suas ramificações, quando alguém ligou o rádio. Sadler não fez a menor objeção à música suave que encheu o carro; seus poderes de concentração permitiam-lhe tolerar interferência pior do que essa. Depois a música cessou; houve uma breve pausa, os seis bips de um sinal horário e uma voz suave começou:

"Aqui é a Terra, Canal Dois, Rede Interplanetária. O sinal que acabaram de ouvir foi o das vinte e uma horas, GMT. Aqui estão as notícias".

Não havia o menor traço de interferência. As palavras eram claras como se

viesses de uma estação local. No entanto, Sadler notara o sistema de antena inclinado em direção ao céu no teto do mono-carro e sabia que estava ouvindo uma transmissão direta. As palavras que ouvia haviam deixado a Terra quase um minuto e meio antes; já estavam passando por ele em direção a mundos muito mais distantes. Havia homens que ainda demorariam minutos para ouvi-las... talvez horas, se as naves que a Federação tinha além de Saturno estivessem ouvindo. E aquela voz da Terra ainda continuaria, expandindo-se e enfraquecendo-se, até muito além dos limites extremos das explorações do homem, até algum lugar no caminho de Alpha Centauri, onde seria finalmente apagada pelo incessante murmúrio rádio das próprias estrelas.

"Aqui estão as notícias. Acaba de ser anunciado em Haia que a conferência sobre recursos planetários se encerrou. Os delegados da Federação deixarão a Terra amanhã, e a seguinte declaração foi divulgada pelo Gabinete do Presidente..."

Nada havia ali que Sadler não esperasse.

Todavia, quando um temor, ainda que previsto durante muito tempo, se transforma em realidade, há sempre aquela sensação de abatimento. Sadler olhou para seus companheiros. Perceberiam eles a gravidade do fato?

Percebiam. O Secretário Wagnall tinha o queixo ferozmente apertado contra suas mãos em concha; o Dr. Molton estava recostado em sua cadeira, com os olhos fechados; Jamieson e Wheeler fitavam a mesa em sombria concentração. Sim. eles compreendiam. Seu trabalho e seu distanciamento da Terra não os isolaram das correntes principais dos negócios humanos.

A voz impessoal, com seu catálogo de desentendimentos e acusações recíprocas, de ameaças mal veladas pelos eufemismos da diplomacia, parecia fazer com que o desumano frio da noite lunar se filtrasse através das paredes. Era duro enfrentar a amarga verdade, e milhões de homens ainda deviam estar vivendo em um paraíso de tolos. Sacudiriam os ombros e diriam com forçada jovialidade: "Não se preocupem... tudo passará".

Sadler não acreditava nisso. Sentado dentro daquele pequeno e brilhantemente iluminado cilindro que corria para o norte através do Mar das Chuvas, sabia que pela primeira vez em duzentos anos a humanidade estava diante da ameaça de guerra.

2

Se viesse a guerra, pensou Sadler, seria uma tragédia de circunstância e não de política deliberada. Realmente, o fato obstinado que colocara a Terra em conflito com suas ex-colônias parecia-lhe às vezes uma brincadeira de mau gosto por parte da Natureza.

Mesmo antes de sua missão não desejada e não esperada, Sadler conhecia bem os fatos por trás da crise atual. Vinham-se desenvolvendo por mais de uma geração e resultaram da posição peculiar do planeta Terra.

A raça humana nascera em um mundo único no Sistema Solar, carregado de uma riqueza mineral que não encontrava par em nenhum outro lugar. Esse acidente do destino proporcionara impulso temporário à tecnologia do homem, mas quando ele chegou a outros planetas descobriu para sua surpresa e decepção que, em relação a muitos dos materiais mais vitais, precisaria depender do mundo natal.

A Terra é o mais denso de todos os planetas, só Vênus se aproximando dela nesse sentido. Mas Vênus não tem satélite e o sistema Terra-Lua forma um mundo duplo de tipo em nenhum outro lugar encontrado entre os planetas. Seu modo de formação é ainda um mistério, mas sabe-se que, quando a Terra ainda estava fundida, a Lua girava à sua volta apenas a uma fração de sua distância atual e erguia gigantescas marés na substância plástica de sua companheira.

Como resultado dessas marés internas, a crosta da Terra é rica em metais pesados - muito mais rica do que qualquer outro dos planetas. Estes guardam sua riqueza muito no fundo, dentro de seus núcleos inatingíveis, protegidas por pressões e temperaturas que as colocam longe das depredações do homem. Por isso, quando a civilização humana se estendeu para fora da Terra, aumentou rapidamente o gasto dos decrescentes recursos do mundo materno.

Os elementos leves existiam nos outros planetas em quantidades ilimitadas, mas era quase impossível obter artigos essenciais como mercúrio, chumbo, urânio, platina, tório e tungstênio. Para muitos deles não havia substitutos; sua síntese em grande escala era impraticável, apesar de dois séculos de esforço - e a tecnologia moderna não poderia sobreviver sem eles.

Era uma situação infeliz e muito irritante para as repúblicas independentes de Marte, de Vênus e dos satélites maiores, que se haviam unido para formar a Federação. Conservava-os na dependência da Terra e impedia sua expansão em direção às fronteiras do Sistema Solar. Embora tivessem procurado entre os asteroides e luas, entre os entulhos sobrados quando os mundos se formaram, encontraram pouca coisa além de rocha e gelo inúteis. Precisavam chegar de chapéu na mão diante do planeta materno, a fim de pedir quase cada grama de uma dúzia de metais mais preciosos que o ouro.

Isso por si só não seria grave, se a Terra não tivesse ficado cada vez mais ciumenta de sua prole durante os duzentos anos transcorridos, desde a aurora da viagem espacial. Era uma velha história, sendo talvez seu exemplo clássico o caso da

Inglaterra e das colônias americanas. Já foi dito com verdade que a história nunca se repete, mas situações históricas reaparecem. Os homens que governaram a Terra eram muito mais inteligentes do que Jorge III; apesar disso, estavam começando a demonstrar as mesmas reações daquele infeliz monarca.

Havia desculpas de ambos os lados; sempre há. A Terra estava cansada; desgastara-se, mandando seu melhor sangue para as estrelas. Via o poder fugir de suas mãos e sabia que já perdera o futuro. Por que aceleraria o processo, dando a seus rivais os instrumentos de que precisavam?

A Federação, por outro lado, olhava com uma espécie de afetuoso desprezo para o mundo de que saíra. Atraía para Marte, Vênus e satélites dos planetas gigantes algumas das inteligências melhores e alguns dos espíritos mais aventureiros da raça humana. Ali estava a nova fronteira, que se expandiria para sempre em direção às estrelas. Era o maior desafio físico que a humanidade já enfrentara, a que só se poderia responder com suprema aptidão científica e inflexível determinação. Essas virtudes não eram mais essenciais à Terra; o fato de a Terra ter plena consciência disso em nada contribuía para atenuar a situação.

Tudo isso poderia levar à discórdia e invectivas interplanetárias, mas nunca poderia levar à violência. Para produzi-la era necessário algum outro fator, uma centelha final que provocaria uma explosão capaz de ecoar em todo o Sistema Solar.

Essa centelha fora agora acesa. O mundo ainda não sabia e o próprio Sadler estivera igualmente na ignorância até apenas uns seis meses antes. A Central de Inteligência, organização obscura da qual ele era agora membro relutante, vinha trabalhando noite e dia para neutralizar os danos. Uma tese matemática intitulada "Uma Teoria Quantitativa da Formação dos Acidentes da Superfície Lunar" não parecia a espécie de coisa capaz de dar início a uma guerra - mas um trabalho igualmente teórico de um certo Albert Einstein pusera outrora fim a uma guerra.

O trabalho fora escrito uns dois anos antes pelo Professor Roland Phillips, um pacífico cosmólogo de Oxford sem o menor interesse por política. Apresentara-o à Real Sociedade Astronômica e estava ficando um pouco difícil dar-lhe uma explicação satisfatória para a demora na publicação. Infelizmente - e esse era o fato que causara grande aflição à Central de Informações - o Professor Phillips inocentemente enviara cópias a seus colegas de Marte e Vênus. Desesperadas tentativas haviam sido feitas para interceptá-las, mas inutilmente. Agora a Federação devia saber que a Lua não era um mundo empobrecido como se acreditara durante duzentos anos.

Não havia como obter de volta conhecimento que transpirara, mas existiam outras coisas a respeito da Lua, e era igualmente importante que não fossem conhecidas pela Federação. No entanto, de alguma maneira estavam chegando a seu conhecimento; de alguma maneira informações estavam vazando através do espaço, da Terra para a Lua e de lá para os planetas.

Quando há um vazamento em casa, pensou Sadler, a gente chama o encanador. Mas como lidar com um vazamento que não se pode ver - e que pode estar em qualquer lugar na superfície de um mundo tão grande quanto a África.

Ele ainda sabia muito pouco a respeito da esfera de ação, do tamanho e dos métodos da Central de Inteligência - e ainda se ressentia, por mais fútil que isso fosse, da maneira como sua vida privada fora perturbada. Por formação, ele era precisamente o que simulava ser - um contador. Seis meses antes, por razões que não lhe haviam sido explicadas e que provavelmente nunca descobriria, fora entrevistado e recebera a oferta de um emprego não especificado. Sua aceitação foi absolutamente voluntária: simplesmente lhe tornaram claro que era melhor não recusar. Desde então passara a maior parte de seu tempo sob hipnose, sendo

enchido de informações das mais variadas espécies e levando uma vida monástica em um canto obscuro do Canadá. (Pelo menos pensava que era o Canadá, mas poderia igualmente ter sido a Groenlândia ou a Sibéria.) Agora estava ali na Lua, como um pequeno peão no jogo de xadrez interplanetário. Ficaria muito satisfeito quando toda a frustradora experiência estivesse terminada. Parecia-lhe absolutamente incrível que alguém pudesse tornar-se voluntariamente agente secreto. Só indivíduos muito imaturos e desequilibrados poderiam obter alguma satisfação de comportamento tão francamente incivilizado.

Havia algumas compensações. Da maneira comum, ele nunca teria tido oportunidade de ir à Lua, e a experiência que estava adquirindo agora poderia ser uma verdadeira vantagem em anos futuros. Sadler sempre procurava olhar para o futuro, particularmente quando estava deprimido pela situação presente. E a situação, tanto no plano pessoal como no plano interplanetário, era bastante deprimente.

A segurança da Terra representava tremenda responsabilidade, mas era realmente grande demais para que um único homem se preocupasse com ela. Apesar de tudo que a razão dissesse, os vastos imponderáveis da política planetária representavam peso menor do que os pequenos cuidados da vida cotidiana. Para um observador cósmico talvez parecesse muito esquisito que a maior preocupação de Sadler se referisse a um ser humano solitário. Jeanette, perguntava ele a si próprio, perdoá-lo-ia por ter estado ausente em seu aniversário de casamento? Pelo menos esperaria que ele lhe telefonasse e essa era uma coisa que não se atrevia a fazer. Para sua esposa e seus amigos, ainda estava na Terra. Não havia meio de telefonar da Lua sem revelar sua localização, pois a demora de dois segundos e meio o trairia imediatamente.

A Central de Informações podia dar jeito em muitas coisas, mas dificilmente poderia acelerar ondas de rádio. Podia entregar em tempo seu presente de aniversário, como prometera fazer - mas não podia dizer a Jeanette quando ele estaria de novo em casa.

E não podia alterar o fato de ele ter mentido à sua esposa no sagrado nome da Segurança, para ocultar seu paradeiro.

3

Quando terminou de comparar as fitas, Conrad Wheeler levantou-se de sua cadeira e caminhou três vezes em volta da sala. Pela maneira como se movia, um veterano poderia ter dito que Wheeler era relativamente recém-chegado à Lua. Fazia parte do quadro do Observatório há seis meses e ainda supercompensava a gravidade friccional em que agora vivia. Havia em seus movimentos um caráter espasmódico que contrastava com as maneiras suaves e quase lentas de seus colegas. Uma parte de sua rudeza era devida a seu próprio temperamento, sua falta de disciplina e sua precipitação em saltar a conclusões. Era contra esse temperamento que ele estava agora tentando se proteger.

Cometera erros antes - mas desta vez certamente não poderia haver dúvidas. Os fatos eram indiscutíveis; o cálculo, trivial - a resposta, impressionante. Muito longe, nas profundezas do espaço, uma estrela explodira com inconcebível violência. Wheeler olhou para os números que anotara, conferiu-os pela décima vez e apanhou o telefone.

Sid Jamieson não ficou satisfeito com a interrupção.

- É realmente importante? - indagou ele. Estou na câmara escura fazendo um serviço para a Velha Toupeira. De qualquer maneira, precisarei esperar até que estas chapas estejam lavadas.

- Quanto tempo demorará?

- Oh, talvez cinco minutos. Depois ainda tenho mais o que fazer.

- Eu penso que isto é importante. Demorará apenas um momento. Eu estou na Instrumentação 5.

Jamieson ainda tinha revelador escorrendo de suas mãos, quando chegou. Depois de mais de trezentos anos, certos aspectos da fotografia continuavam absolutamente inalterados. Wheeler, que pensava que tudo podia ser feito pela eletrônica, considerava muitas das atividades de seu velho amigo como sobreviventes da idade da alquimia.

- Então? - disse J Jamieson, como de hábito não desperdiçando palavras.

Wheeler apontou para a fita perfurada que se encontrava sobre a mesa.

- Eu estava fazendo a inspeção de rotina no integrador de magnitude. Ele descobriu alguma coisa.

- Está sempre fazendo isso - respondeu Jamieson, bufando. - Toda vez que alguém espirra no observatório, ele pensa ter descoberto um novo planeta.

Havia sólidas razões para o ceticismo de Jamieson. O integrador era um instrumento delicado, facilmente desorientável, e muitos astrônomos achavam que ele dava mais complicações do que valia a pena. Mas acontecia que era um dos projetos favoritos do Diretor, por isso não havia a menor esperança de fazer alguma coisa a respeito, antes que houvesse uma mudança de administração. Fora inventado pelo próprio Maclaurin, nos dias em que tinha tempo de fazer um pouco de astronomia prática. Como vigia automático dos céus, esperava pacientemente durante anos até uma nova estrela - uma "nova" - chamejar no espaço. Então tocava uma campainha e começava a chamar a atenção.

- Escute - disse Wheeler - existe o registro. Não vá apenas por minha palavra.

Jamieson passou a fita pelo conversor, copiou os números e fez um rápido cálculo. Wheeler sorriu de satisfação e alívio quando o queixo de seu amigo caiu.

- Treze magnitudes em vinte e quatro horas! Puxa!

- Eu obtive treze vírgula quatro, mas isso já é suficientemente bom. Quero perder dinheiro se não é uma supernova. E próxima.

Os dois jovens astrônomos entreolharam-se em pensativo silêncio. Depois Jamieson observou:

- É bom demais para ser verdade. Não comece a contar para todo o mundo antes de termos certeza absoluta. Vamos obter seu espectro primeiro e, até então, tratá-la como uma nova comum.

Havia uma expressão sonhadora nos olhos de Wheeler.

- Quando houve a última supernova em nossa galáxia?

- Foi a estrela de Tycho... não, não foi... houve outra um pouco mais tarde, por volta de 1600.

- De qualquer maneira, faz muito tempo. Isso deverá fazer com que eu conquiste novamente as boas graças do Diretor.

- Talvez - respondeu Jamieson secamente.

- Para isso seria mesmo preciso uma supernova. Eu vou preparar o espectrógrafo enquanto você faz o relatório. Não devemos ser gananciosos; os outros observatórios desejam participar do número.

Olhou para o desintegrador, que voltara à sua paciente busca no céu.

- Acho que você já se pagou - acrescentou mesmo que nunca mais encontre alguma coisa, exceto luzes de navegação de naves espaciais.

Sadler ouviu a notícia, sem particular excitação, na Sala Comum uma hora mais tarde. Estava preocupado demais com seus próprios problemas e com as montanhas de trabalho que tinha à sua frente para dar muita atenção ao programa de rotina do Observatório, mesmo quando o entendia inteiramente. O Secretário Wagnall, porém, logo tornou claro que aquilo estava muito longe de ser uma questão de rotina.

- Aí está uma coisa para você pôr em sua folha de balanço - disse ele jovialmente.

- É a maior descoberta astronômica desde há muitos anos. Vamos até o teto.

Sadler deixou cair o veemente editorial do Time Interplanetary, que estava lendo com crescente aborrecimento. A revista caiu com aquela lentidão de sonho a que ele ainda não se acostumara. Seguiu Wagnall até o elevador.

Subiram, passando pelo nível residencial, pela Administração, pela Energia e Transporte, e saíram para uma das pequenas cúpulas de observação. A cápsula de plástico tinha no máximo dez metros de diâmetro e os toldos que a abrigavam durante o dia lunar haviam sido puxados para trás. Wagnall desligou as luzes internas e eles ficaram olhando para as estrelas e a Terra crescente.

Sadler já estivera ali várias vezes; não conhecia cura melhor para fadiga mental.

A um quarto de quilômetro de distância, a grande estrutura do maior telescópio já construído pelo homem apontava firmemente para um ponto no sul do firmamento. Sadler sabia que o telescópio não estava olhando para estrelas que seus olhos podiam ver - de fato, para nenhuma estrela que pertencesse a este universo. Estava sondando os limites do espaço, um bilhão de anos-luz distantes.

Depois, inesperadamente, ele começou a girar para o norte. Wagnall riu baixinho.

- Muita gente estará agora arrancando os cabelos - disse ele. - Nós interrompemos a programação para virar os grandes canhões na direção de *Nova Draconis*. Vamos ver se conseguimos encontrá-la.

Procurou por algum tempo, consultando um esquema que tinha na mão. Sadler,

também olhando para o norte, nada conseguiu ver de extraordinário. Todas as estrelas pareciam-lhe exatamente iguais. Finalmente, porém, seguindo as instruções de Wagnall e usando a Ursa Maior e Poláris como guias, encontrou a fraca estrela na parte inferior do firmamento norte. Absolutamente não era impressionante, mesmo sabendo-se que uns dois dias antes só os maiores telescópios poderiam tê-la encontrado e que sua luminosidade aumentara cem mil vezes em poucas horas.

Talvez Wagnall tivesse percebido sua decepção. - Pode não parecer muito espetacular agora - disse ele defensivamente - mas ainda está em ascensão. Com um pouco de sorte, poderemos realmente ver alguma coisa dentro de um ou dois dias.

Dia lunar ou dia terrestre? perguntou-se Sadler. Era bastante confuso, como muitas outras coisas ali. Todos os relógios funcionavam pelo sistema de vinte e quatro horas e marcavam a Hora Média de Greenwich. Uma pequena vantagem era que bastava olhar a terra para se ter uma noção razoavelmente precisa da hora. Mas isso significava que o progresso de luz e trevas na superfície lunar não tinha a menor relação com o que o relógio marcava. O Sol podia estar em qualquer lugar acima ou abaixo do horizonte quando os relógios marcavam meio-dia.

Sadler desviou os olhos do norte e olhou novamente para o Observatório. Sempre supusera sem se dar ao trabalho de pensar no assunto - que todo observatório consistia em um amontoado de gigantescas cúpulas, esquecendo-se de que ali na Lua sem atmosfera não haveria necessidade de se conservarem os instrumentos fechados. O refletor de mil centímetros e seu companheiro menor erguiam-se nus e sem proteção no vácuo do espaço. Só seus fracos senhores permaneciam abaixo do solo no calor e ar de sua cidade enterrada.

O horizonte era quase plano em todas as direções. Embora o Observatório ficasse no centro da grande planície murada de Platão, o anel de montanhas que a cercava era oculto pela curva da Lua. Era uma perspectiva nua e desolada, sem ter sequer alguns montes para conferir-lhe interesse. Apenas uma planície poeirenta, marcada aqui e acolá por buracos de impactos e pequenas crateras - e pelas enigmáticas obras do homem, estendendo-se para as estrelas e tentando arrancar seus segredos.

Quando saíam, Sadler olhou mais uma vez para Draco, mas já se esquecera qual das fracas estrelas circumpolares era a que fora ver.

-- Exatamente por que - perguntou a Wagnall, o mais diplomaticamente que pôde, pois não queria ferir os sentimentos do Secretário - essa estrela é tão importante?

Wagnall pareceu incrédulo, depois penalizado e finalmente compreensivo.

- Bem - começou ele - acho que as estrelas são como pessoas. As bem comportadas nunca atraem muita atenção. Ensinam-nos alguma coisa, naturalmente, mas podemos aprender muito mais com aquelas que saem da linha.

- E as estrelas fazem coisas dessa espécie com frequência?

- Anualmente, só em nossa galáxia, uma centena delas explode... mas essas são apenas novas comuns. Em seu apogeu podem ser umas cem mil vezes mais brilhantes do que o sol. Uma supernova é coisa muito mais rara e muito mais excitante. Ainda não sabemos qual a sua causa, mas quando uma estrela se torna super pode ficar vários bilhões de vezes mais brilhante do que o sol. De fato, pode ofuscar com seu brilho todas as outras estrelas da galáxia juntas.

Sadler considerou isso por algum tempo. Era sem dúvida uma idéia tendente a inspirar um momento de silenciosa reflexão.

- O importante - continuou Wagnall animadamente - é que nada igual a isso aconteceu desde quando foi inventado o telescópio. A última supernova em nosso universo ocorreu há seiscentos anos. Houve muitas em outras galáxias, mas estavam

excessivamente distantes para serem convenientemente estudadas. Quanto a esta, pode-se dizer que está bem à nossa porta. O fato será bastante evidente dentro de uns dois dias. Em algumas horas, ela ofuscará com seu brilho tudo quanto há no céu, exceto o sol e a Terra.

- E que esperam vocês aprender com ela?

- A explosão de uma supernova é o acontecimento mais titânico que se sabe que ocorre na Natureza. Poderemos estudar o comportamento da matéria em condições que fazem o centro de uma explosão nuclear parecer mortalmente calmo. Mas se você é uma dessas pessoas que sempre desejam aplicação prática para tudo, sem dúvida é de considerável interesse descobrir o que faz uma estrela explodir. Afinal de contas, um dia nosso sol pode decidir-se a fazer o mesmo.

- E nesse caso - replicou Sadler - eu realmente preferiria não saber com antecedência. Gostaria de saber se essa nova levou consigo alguns planetas.

- Absolutamente não há meios de saber. Mas isso deve acontecer com bastante frequência, pois pelo menos uma estrela em dez tem planetas.

Era uma idéia de gelar o coração. A qualquer momento, com toda probabilidade, em algum lugar rio universo, todo um sistema solar, com civilizações e mundos estranhamente povoados, estava sendo jogado descuidadamente em uma fornalha cósmica. A vida era um fenômeno frágil e delicado, colocado sobre o fio da navalha entre frio e calor.

Todavia, o Homem não se contentava com os riscos que a Natureza podia oferecer. Estava construindo atarefadamente sua própria pira funerária.

A mesma idéia ocorrera também ao Dr. Molton, mas, ao contrário de Sadler, ele podia opor a ela outra mais animadora. *Nova Draconis* estava a mais de dois mil anos-luz de distância; o clarão da detonação estava viajando desde o nascimento de Cristo. Durante esse tempo, devia ter passado por milhões de sistemas solares e ter alertado os habitantes de milhares de mundos. Mesmo nesse momento, espalhados pela superfície de uma esfera de quatro mil anos-luz de diâmetro, deveria certamente haver outros astrônomos, com instrumentos não diferentes dos seus, que captariam as radiações desse sol agonizante, à medida que se dirigissem para as fronteiras do universo. E era ainda mais estranho pensar que observadores infinitamente mais distantes, tão distantes que para eles toda a galáxia não era mais do que uma vaga mancha de luz, notariam dentro de algumas centenas de milhões de anos que nosso universo insular dobrara momentaneamente de luminosidade...

O Dr. Molton estava parado ao lado da mesa de controle na câmara suavemente iluminada que era seu laboratório e sua oficina. Anteriormente ela fora pouco diferente de qualquer das outras celas que constituíam o Observatório, mas seu ocupante estampara nela sua personalidade. Em um canto havia um vaso de flores artificiais, coisa ao mesmo tempo incongruente e agradável em um lugar como aquele. Era a única excentricidade de Molton e ninguém lhe queria mal por isso. Como a vegetação lunar nativa oferecia muito pouca oportunidade como ornamento, ele fora forçado a usar criações de cera e arame, habilmente feitas a seu pedido na Cidade Central. Variava o arranjo dessas criações com tanto engenho e recurso, que nunca parecia ter as mesmas flores em dois dias sucessivos.

Às vezes Wheeler fazia caçada desse seu passatempo, afirmando que isso provava que ele tinha saudade da Terra e desejava voltar. De fato, fazia mais de três anos que o Dr. Molton visitara pela última vez sua terra natal, a Austrália, mas ele parecia não ter pressa de voltar a fazê-lo. Como acentuava, havia ali uma centena de vidas de trabalho para ele e preferia deixar suas licenças acumularem-se, até sentir vontade de tirá-las de uma só vez.

As flores eram ladeadas por arquivos de metal contendo os milhares de espectrogramas que Molton reunira durante suas pesquisas. Ele não era, como sempre fazia questão de acentuar, um astrônomo teórico. Simplesmente olhava e registrava; outras pessoas tinham a tarefa de explicar o que ele descobrira. Às vezes matemáticos indignados chegavam protestando que nenhuma estrela poderia ter um espectro assim. Então Molton ia a seus arquivos, verificava que não havia o menor erro e respondia: - Não culpem a mim. Queixem-se da velha Mãe Natureza.

O resto da sala era uma massa atravancada de equipamentos que seriam completamente sem sentido para um leigo e, de fato, deixava perplexos muitos astrônomos. A maior parte desses equipamentos fora construída pelo próprio Molton ou, pelo menos, desenhada por ele e entregue a seus assistentes para construção. No decurso dos dois últimos séculos, todo astrônomo prático precisara ser um pouco de eletricista, de engenheiro, de físico e, à medida que o custo de seu equipamento crescia, também homem de relações públicas.

Os comandos eletrônicos percorreram rápida e silenciosamente os cabos enquanto Molton ajustava Ascensão e Declinação Diretas. Muito acima de sua cabeça, o grande telescópio, como um gigantesco canhão, girava macia mente em direção ao norte. O vasto espelho na base do tubo captava mais de um milhão de vezes a quantidade de luz que o olho humano podia receber e focalizava-a com bela precisão em um único feixe. Esse feixe, refletido novamente de espelho para espelho como em um periscópio, estava agora chegando ao Dr. Molton, para que fizesse com ele o que desejasse.

Se olhasse para o feixe de luz, o simples clarão da *Nova Draconis* o deixaria cego e, em comparação com seus instrumentos, seus olhos praticamente nada poderiam dizer-lhe. Ajustou o espectrômetro eletrônico no lugar e fez com que ele iniciasse sua exploração. Exploraria o espectro da *Nova Draconis* com paciente precisão, descendo através do amarelo, verde e azul até o violeta e o ultravioleta em alto grau, completamente fora do alcance do olho humano. Enquanto explorava, traçava sobre a fita móvel a intensidade de cada linha espectral, deixando um registro indiscutível que astrônomos poderiam consultar mil anos mais tarde.

Houve uma batida na porta e Jamieson entrou, carregando algumas chapas fotográficas ainda molhadas.

- Aquelas últimas exposições deram certo! - disse ele jubiloso. - Mostram a concha gasosa expandindo-se em volta da nova. E a velocidade confere com seus desvios de Doppler.

- Era o que eu esperava -- resmungou Molton - Vamos olhá-las.

Estudou as chapas, enquanto no fundo o zumbido de motores elétricos continuava vindo do espectrômetro que prosseguia em sua busca automática. Eram negativos, naturalmente, mas como todos os astrônomos ele estava acostumado a isso e era capaz de interpretá-los tão facilmente quanto cópias positivas.

No centro estava o pequeno disco que assinalava a *Nova Draconis*, queimada através da emulsão por superexposição, E, em volta dela, quase invisível a olho nu, havia um tênue anel. Com o passar dos dias, sabia Molton, aquele anel expandir-se-ia cada vez mais no espaço até finalmente se dissipar. Parecia tão pequeno e insignificante que a mente não era capaz de compreender o que realmente significava.

Estavam olhando para o passado, para uma catástrofe que ocorrera dois mil anos antes. Estavam vendo a casca de fogo -- tão quente que não se esfriara ainda ao ponto de coisa aquecida ao branco -- que a estrela lançara no espaço a milhões de

quilômetros por hora. Aquela parede de fogo em expansão teria engolido o mais poderoso planeta, sem reduzir sua velocidade; no entanto, vista da Terra, não era mais do que um fraco anel nos limites da visibilidade.

-- Eu me pergunto -- falou Jamieson em voz baixa -- se nós chegaremos um dia a descobrir por que uma estrela faz uma coisa assim.

-- Às vezes -- respondeu Molton -- quando estou ouvindo rádio, penso que seria uma boa idéia se isso acontecesse. O fogo é bom esterilizador.

Jamieson ficou evidentemente chocado. Aquilo era tão estranho em Molton, cujo exterior brusco escondia inadequadamente seu profundo calor interior.

- Você não está realmente falando sério! protestou ele.

- Bem, talvez não. Fizemos algum progresso no último milhão de anos e suponho que um astrônomo deve ser paciente. Mas veja a encrenca em que estamos nos metendo agora... você já pensou como tudo isso vai acabar?

Havia por trás das palavras uma paixão, uma profundidade de sentimento que espantou Jamieson e o deixou profundamente perturbado. Molton nunca antes baixara sua guarda - nunca, realmente, indicara que possuía sentimentos muito fortes em relação a qualquer assunto fora de seu próprio terreno. Jamieson sabia que vislumbrara o momentâneo enfraquecimento de um controle férreo. Isso agitou alguma coisa dentro de sua própria mente e, como um cavalo assustado, empinou-se contra o choque de reconhecimento mental.

Por um longo momento os dois cientistas se fitaram, avaliando, especulando, estendendo-se através do abismo que separa todo homem de seu vizinho. Depois, com um zumbido agudo, o espectrômetro automático anunciou que concluíra sua tarefa. A tensão foi rompida; o mundo cotidiano envolveu-os de novo. E assim, um momento que poderia ter-se alargado em incalculáveis consequências tremeu na iminência de ser e voltou novamente ao limbo.

Sadler não era tolo a ponto de esperar uma sala só para ele. O mais que podia esperar era uma modesta mesa em algum canto na Seção de Contabilidade e foi exatamente o que obteve. Isso não o aborreceu. Estava ansioso por não causar complicações, nem chamar desnecessária atenção sobre si próprio, e de qualquer maneira passava relativamente pouco tempo à sua mesa. Todo o trabalho final - de redigir seus relatórios era executado na intimidade de seu quarto - um minúsculo cubículo, de tamanho apenas suficiente para evitar claustrofobia, entre uma centena de celas idênticas no Nível Residencial.

Demorara vários dias para adaptar-se a esse modo de vida completamente artificial. Ali, no coração da Lua, o tempo não existia. As violentas mudanças de temperatura entre o dia e a noite lunar não penetravam mais do que um ou dois metros na rocha; as ondas diurnas de calor e frio desfaziam-se antes de chegar a essa profundidade. Só dos relógios do Homem escorregavam os segundos e minutos; a cada vinte e quatro horas, as luzes do corredor apagavam-se e havia uma simulação de noite. Mesmo então o Observatório não dormia. Fosse qual fosse a hora, havia sempre alguém em serviço. Os astrônomos, naturalmente, sempre haviam estado acostumados a trabalhar em horas peculiares, para grande aborrecimento de suas esposas - exceto nos casos muito comuns em que as esposas também eram astrônomas. O ritmo da vida lunar, não representava incomodo adicional para eles; os únicos que resmungavam eram os engenheiros, os quais precisavam manter ar, energia, comunicações e outros múltiplos serviços do Observatório em uma base de vinte e quatro horas.

De maneira geral, pensou Sadler, o pessoal administrativo era o que levava mais vantagem. Não tinha muita importância se a Contabilidade, Diversões ou Almojarifado fechavam por oito horas, como faziam a cada vinte e quatro horas, desde que alguém continuasse a cuidar da Enfermaria e Cozinha.

Sadler fizera o possível para não aborrecer ninguém e acreditava ter-se saído muito bem até então. Ficara conhecendo todo o pessoal superior, com exceção do próprio Diretor - que estava ausente, na Terra - e conhecia de vista metade dos funcionários do Observatório. Seu plano era trabalhar conscienciosamente de seção em seção, até ver tudo que cada lugar pudesse oferecer. Depois disso, sentar-se-ia e pensaria durante uns dois dias. Havia alguns serviços que simplesmente não poderiam ser apressados, não importando sua urgência.

Urgência - sim, esse era o problema principal. Várias vezes lhe haviam dito, não sem bondade, que chegara ao Observatório em uma ocasião muito imprópria. A crescente tensão política deixara à flor da pele os nervos da pequena comunidade e a paciência se tornara escassa. Era verdade que *Nova Draconis* melhorara um tanto a situação, pois ninguém se preocupava com trivialidades como política enquanto esse fenômeno fulgurava nos céus. Mas não era de se esperar também que se preocupassem com contabilidade de custos e Sadler dificilmente poderia culpá-los por isso.

Todo o tempo que podia poupar de sua investigação passava na Sala Comum,

onde o pessoal se relaxava quando estava de folga. Ali era o centro da vida social do Observatório, o que lhe dava uma oportunidade ideal para estudar os homens e mulheres que se haviam exilado para o bem da ciência - ou, alternativamente, pelos salários inflacionados, necessários para atrair à Lua indivíduos menos dedicados.

Embora não gostasse de mexericos e se interessasse mais por fatos e cifras do que por pessoas, Sadler sabia que precisava aproveitar ao máximo essa oportunidade. De fato, suas instruções sobre esse ponto haviam sido específicas, de uma maneira que ele considerava desnecessariamente cínica. Mas não se podia negar que a natureza humana é sempre a mesma, entre todas as classes e em todos os planetas. Sadler reunira algumas de suas informações mais úteis, simplesmente se postando em um lugar de onde pudesse ouvir o que se dizia no bar...

A Sala Comum fora planejada com grande aptidão e gosto. Os foto-murais em constante mudança tornavam difícil acreditar que aquela espaçosa câmara estivesse, na realidade, enterrada na crosta da Lua. Como capricho do arquiteto, havia uma lareira aberta, na qual uma realística pilha de lenha ardia constantemente sem ser consumida. Isso fascinava Sadler, que nunca vira coisa igual na Terra.

Mostrara-se suficientemente bom em jogos e conversa geral para tornar-se membro aceito do pessoal e grande parte dos escândalos locais já lhe havia sido confiada. A não ser pelo fato de seus funcionários serem dotados de inteligência distintamente superior, o Observatório era um microcosmo da própria Terra. Com exceção de homicídio (e isso era provavelmente apenas uma questão de tempo), quase tudo quanto acontecia na sociedade terrestre estava ocorrendo em algum lugar ali. Sadler raramente ficava surpreendido com alguma coisa e certamente não se surpreendeu com esse fato. Era simplesmente de se esperar que todas as seis moças da computação, depois de algumas semanas em uma comunidade principalmente masculina, tivessem agora uma reputação que só poderia ser descrita como frágil. Nem era notável que o Engenheiro Chefe não falasse com o Assistente do Executivo Chefe, que o Professor X considerasse o Dr. Y um comprovado lunático ou que o Sr. Z tivesse a fama de roubar na Hiper canastra. Todos esses itens não interessavam diretamente a Sadler, mas ele os ouvia com grande interesse. Contribuíam simplesmente para provar que o Observatório era uma grande e feliz família.

Sadler estava perguntando a si próprio que humorista teria carimbado as palavras NÃO PODE SER LEVADO PARA FORA DO SALÃO sobre a escultural dama na capa da Triplanet News do mês anterior, quando Wheeler entrou violentamente na sala.

- Que aconteceu agora? - perguntou Sadler. - Descobriu outra nova? Ou está apenas procurando um ombro sobre o qual chorar?

Calculava que a última hipótese era a verdadeira e que seu ombro teria que servir na ausência de coisa mais adequada. A essa altura, já ficara conhecendo Wheeler muito bem. O jovem astrônomo podia ser um dos membros mais jovens do quadro de pessoal, mas era também o mais memorável. Seu humor sarcástico, sua falta de respeito por autoridade superior, sua confiança nas próprias opiniões e sua tendência natural a discussão impediam que ele fosse muito bem visto. Mas haviam dito a Sadler, mesmo aqueles que não gostavam de Wheeler, que ele era brilhante e iria longe. No momento, ainda não consumira o estoque de boa vontade criada por sua descoberta de *Nova Draconis*, que por si só seria suficiente para assegurar-lhe uma reputação durante o resto de sua carreira.

- Eu estava procurando Wagtail, (*) Ele não está em sua sala e eu preciso apresentar uma queixa.

(*) [N. do T. - Jogo de palavras entre Wagnall e Wagtail, que sugere a idéia de sacudir o rabo,

como faz um cão.]

- O Secretário Wagnall - respondeu Sadler, pondo a maior censura censura que pôde na correção - foi à Hidropônica há meia hora. E, se me permite fazer um comentário, não é um tanto estranho você ser a fonte, ao invés da causa, de uma queixa?

Wheeler mostrou um largo sorriso que lhe deu aparência incrível e apaziguadoramente infantil. - Receio que você tenha razão. E sei que isto deveria seguir os canais competentes e tudo o mais... mas é bastante urgente. Umas duas horas de meu trabalho foram estragadas por um tolo que fez um pouso não autorizado.

Sadler precisou pensar rapidamente antes de perceber o que Wheeler queria dizer. Depois se lembrou de que aquela parte da Luz era interdita: nenhuma nave deveria voar sobre o hemisfério norte sem antes comunicar ao Observatório. O cegante fulgor de iônios dos foguetes, captado por um dos grandes telescópios, poderia arruinar exposições fotográficas e causar devastação nos delicados instrumentos.

- Não acha que foi uma emergência? - perguntou Sadler, dominado por uma idéia repentina. - É bastante mau para seu trabalho, mas aquela nave pode estar em dificuldade.

Wheeler evidentemente não pensara nisso e sua raiva declinou instantaneamente. Olhou hesitante para Sadler, como que perguntando o que deveria fazer em seguida. Sadler deixou cair sua revista e levantou-se.

- Não acha que deveríamos ir a Comunicações? - perguntou. - Eles devem saber o que está acontecendo. Não faz questão que eu vá junto?

Sadler era muito cauteloso nesses pontos de etiqueta e nunca se esquecia de que ali se encontrava principalmente por tolerância. Além disso, era sempre boa política dar aos outros indicações de que estão prestando favores à gente.

Wheeler agarrou de um salto a sugestão e tomou a dianteira em direção a Comunicações, como se toda a idéia fosse sua. A sala de sinalização era um aposento grande, imaculadamente limpo, no nível mais alto do Observatório, apenas a alguns metros abaixo da crosta lunar. Ali ficava a central telefônica automática, que era o sistema nervoso central do Observatório, e os monitores e transmissores que mantinham esse distante e avançado posto científico em contato com a Terra. Era tudo presidido pelo Operador de Sinalização em Serviço, que desencorajava visitantes casuais com um grande cartaz no qual estava escrito:

POSITIVAMENTE E ABSOLUTAMENTE PROIBIDA A ENTRADA DE PESSOAS NÃO AUTORIZADAS.

- Isso não é conosco - disse Wheeler, abrindo a porta. Foi prontamente contraditado por um cartaz ainda maior: **ISSO É COM VOCÊ.** Sem se perturbar, ele se voltou para o sorridente Sadler e acrescentou: - Afinal de contas, todos os lugares onde a gente realmente não deve entrar são fechados à chave.

Apesar disso, não abriu a segunda porta, mas bateu e esperou até uma voz entediada dizer: - Entre.

O OSS, que estava dissecando um aparelho transmissor-receptor de traje espacial, pareceu muito satisfeito com a interrupção. Imediatamente chamou a Terra e pediu ao Controle de Tráfego que descobrisse o que estava fazendo uma nave no Mare Imbrium sem notificar o Observatório. Enquanto esperavam a resposta, Sadler ficou andando entre as prateleiras de instrumentos.

Era realmente surpreendente que fosse necessário tanto aparelhamento apenas

para falar com gente ou transmitir imagens entre a Lua e a Terra. Sadler, que sabia como os técnicos gostam de explicar seu trabalho a quem demonstra verdadeiro interesse, fez algumas perguntas e procurou absorver o mais que pôde das respostas. Sentia-se agradecido pelo fato de ninguém ter-se dado ao trabalho de pensar, dessa vez, se ele tinha motivos ocultos ou estava tentando descobrir se podiam fazer seu trabalho com metade do dinheiro. Aceitavam-no como uma audiência de uma só pessoa, interessada e inquisitiva, pois era óbvio que muitas das perguntas por ele feitas não poderiam ter a menor significação financeira.

A resposta da Terra chegou através do impressor automático, logo após o OSS ter terminado sua rápida excursão como guia. Era uma mensagem ligeiramente desconcertante:

VÔO NÃO PROGRAMADO. NEGÓCIOS DO GOVERNO. NÃO FOI EMITIDA NOTIFICAÇÃO. OUTROS POUSOS PREVISTOS. LAMENTA-SE O TRANSTORNO.

Wheeler olhou para as palavras como se não pudesse acreditar em seus olhos. Até esse momento, os céus do Observatório haviam sido sacrossantos. Nenhum abade, vendo a violação de seu mosteiro, poderia ter ficado mais indignado ..

- E eles vão continuar com isso! -- gaguejou Wheeler. - E o nosso programa?

- Acorde, Con - disse o Operador de Sinalização em tom indulgente. - Você não ouviu as notícias? Ou tem estado muito ocupado olhando sua nova de estimação? Esta mensagem significa apenas uma coisa: algo secreto está acontecendo no Mare. Posso dar-lhe um palpite?

- Sei disso - falou Wheeler. - É outra daquelas expedições secretas procurando minérios pesados com a esperança de que a Federação não descubra. É tudo tão infernalmente infantil.

- Por que você pensa que essa é a explicação - perguntou Sadler incisivamente.

- Bem, faz anos que se fala em coisas dessas espécie. Qualquer bar na cidade lhe dará todos os últimos mexericos. .

Sadler ainda não estivera "na cidade" - como era chamada a Cidade Central -- mas bem podia acreditar nisso. A explicação de Wheeler era muito plausível, particularmente em vista da presente situação.

- Simplesmente teremos que fazer o que for possível, suponho eu - disse o OSS, voltando a atacar seu transmissor-receptor. - Seja como for, há um consolo. Tudo isso se passa ao sul de nós... do outro lado do céu oposto a Draco. Assim, não interferirá realmente em seu trabalho principal, não é?

- Acho que não - admitiu Wheeler resmungando. Por um momento; pareceu muito abatido. Não que ele desejasse... longe disso... que alguma coisa interferisse no trabalho. Mas estava esperando uma boa briga e vê-la fugir de suas mãos assim era uma amarga decepção.

Não era necessário ter conhecimento das estrelas para ver agora *Nova Draconis*. Depois da Terra crescente, ela era o objeto mais brilhante no céu. Mesmo Vênus, seguindo o sol para leste, estava pálido em comparação com essa arrogante recém-chegada. Ela já começara a lançar uma nítida sombra e ainda estava crescendo em luminosidade.

Na Terra, de acordo com as notícias que chegavam pelo rádio, era claramente visível mesmo durante o dia. Durante algum tempo, havia expulsado a política das primeiras páginas, mas agora a pressão dos acontecimentos começava a fazer-se sentir de novo. O Homem não suporta pensar na eternidade por muito tempo. E a Federação estava distante apenas minutos-luz, não séculos-luz.

5

Havia ainda aqueles que acreditavam que o Homem seria mais feliz se tivesse permanecido em seu próprio planeta - mas agora já era muito tarde para fazer alguma coisa a respeito. Em qualquer caso, se tivesse permanecido na Terra, não seria Homem. A inquietação que o impulsionara sobre a superfície de seu próprio mundo, que o fizera subir aos céus e sondar os mares, não seria minorada enquanto a Lua e os planetas o chamassem das profundezas do espaço.

A colonização da Lua fora uma empresa lenta, penosa, às vezes trágica e sempre fabulosamente cara. Dois séculos depois dos primeiros pousos, grande parte do gigantesco satélite da Terra ainda estava inexplorada. Todos os pormenores haviam sido, naturalmente, cartografados do espaço, mas mais de metade daquele áspero globo nunca fora examinada de perto.

A Cidade Central e outras bases estabelecidas com tanto trabalho eram ilhas de vida em um imenso vazio; oásis em um silencioso deserto de luz resplandecente ou negra escuridão. Muitos haviam perguntado se o esforço necessário para sobreviver ali valeria a pena, uma vez que a colonização de Marte ou Vênus oferecia oportunidades muito maiores. Contudo, apesar de todos os problemas com que se defrontava, o Homem não poderia ter passado sem a Lua. Fora sua primeira cabeça de ponte no espaço e era ainda a chave dos planetas. As naves de passageiros que faziam a travessia de mundo para mundo obtinham toda sua massa de combustível ali, enchendo seus grandes tanques com a poeira finamente refinada que os foguetes iônicos expeliriam em jatos eletrificados. Obtendo a poeira da Lua e não precisando erguê-la através do enorme campo de gravitação da Terra, fora possível reduzir o custo da viagem espacial mais de dez vezes. De fato, sem a Lua como base de reabastecimento de combustível, nunca teria sido conseguido o vôo espacial econômico.

A Lua se mostrara também, como haviam previsto os astrônomos e físicos, de imenso valor científico. Libertada finalmente da aprisionada atmosfera da Terra, a astronomia fizera gigantescos progressos; e, na verdade, dificilmente se encontraria um ramo da ciência que não se tivesse beneficiado dos laboratórios lunares. Fossem quais fossem suas limitações, os estadistas da Terra haviam aprendido bem uma lição: pesquisa científica era o sangue vital da civilização; era o único investimento que pagaria dividendos garantidos, durante toda a eternidade...

Vagarosamente, com incontáveis e desanimadores recuos, o Homem descobrira como existir, depois como viver e finalmente como florescer na Lua. Inventara técnicas inteiramente novas de engenharia de vácuo, de arquitetura de baixa gravidade, de controle de ar e temperatura. Vencera os demônios gêmeos do dia e da noite lunar, embora precisasse sempre estar em guarda contra suas depredações. O calor causticante podia expandir suas cúpulas e rachar seus edifícios; o frio intenso podia rasgar qualquer estrutura de metal não planejada de modo a proteger-se contra contrações nunca encontradas na Terra. Todos esses problemas, porém, haviam sido finalmente superados.

Toda empresa nova e ambiciosa parece muito mais perigosa e difícil de longe. Isso acontecera com a Lua. Problemas que pareciam insuperáveis antes de se alcançá-la

havia agora passado para o folclore lunar. Obstáculos que haviam desanimado os primeiros exploradores estavam quase esquecidos. Sobre o solo onde homens haviam outrora lutado a pé, os mono-carros transportavam agora os turistas da Terra, em luxuoso conforto.

Em alguns aspectos, as condições na Lua haviam ajudado em lugar de atrapalhar os invasores. Havia, por exemplo, a questão da atmosfera lunar. Na Terra seria considerada um bom vácuo e não teria o menor efeito sobre observações astronômicas. Era perfeitamente suficiente, porém, para atuar como eficiente escudo contra meteoros. A maioria dos meteoros é interceptada pela atmosfera da Terra antes de chegar a uma centena de quilômetros da superfície; é portanto interceptada, em outras palavras, enquanto percorrer ar não mais denso que o da Lua. De fato, o invisível escudo da Lua contra meteoros é ainda mais eficaz que o da Terra pois, graças à baixa gravidade lunar, se estende muito mais pelo espaço.

A mais espantosa descoberta dos primeiros exploradores talvez tenha sido a existência de vida vegetal. Suspeitava-se desde muito tempo antes, pelas mudanças peculiares de luz e sombra em crateras como as de Aristarco e Eratóstenes, que havia alguma forma de vegetação na Lua, mas era difícil entender como poderia sobreviver em condições tão extremas. Presumia-se que talvez pudessem existir alguns líquens e musgos primitivos, e seria interessante ver como conseguiam existir.

A conjectura estava completamente errada.

Um pouco de pensamento teria mostrado que qualquer planta lunar não seria primitiva, mas altamente especializada - extremamente sofisticada, de fato, para que pudesse enfrentar seu ambiente hostil. Plantas primitivas não poderiam existir na Lua mais do que o poderia o Homem primitivo.

As plantas lunares mais comuns eram formações carnudas, frequentemente globulares, não diferentes de cactos. Sua pele córnea impedia a perda da preciosa água e era salpicada aqui e acolá de "janelas" transparentes que deixavam entrar a luz do sol. Essa espantosa improvisação, por mais surpreendente que pudesse parecer a muitos, não era singular; fora desenvolvida independentemente por certas plantas do deserto na África, colocadas diante do mesmo problema de absorver a luz do sol, sem perder água.

O aspecto singular das plantas lunares era, entretanto, seu engenhoso mecanismo para captar ar. Um sistema complicado de portinholas e válvulas, não diferente daquele com o qual algumas criaturas marinhas bombeiam o ar através de seus corpos, atuava como uma espécie de compressor. As plantas eram pacientes; esperavam anos ao longo das grandes fendas que ocasionalmente soltavam fracas nuvens de dióxidos de carbono e enxofre do interior da Lua. Então as portinholas punham-se a trabalhar freneticamente, e as estranhas plantas sugavam através de seus poros toda molécula que passasse a seu alcance, antes que o efêmero nevoeiro lunar se dispersasse no quase vácuo faminto, que era toda a atmosfera restante da Lua.

Era assim o estranho mundo que servia agora de lar a alguns milhares de seres humanos. Apesar de todas as suas dificuldades, eles o amavam e não desejavam voltar para a Terra, onde a vida era fácil e, por isso, oferecia pouca oportunidade para empreendimento ou iniciativa. De fato, a colônia lunar, embora ligada à Terra por laços econômicos, tinha mais coisas em comum com os planetas da Federação. Em Marte, Vênus, Mercúrio e os satélites de Júpiter e Saturno, homens travavam uma guerra de fronteira contra a Natureza, muito semelhante à que fora vencida na Lua. Marte já estava completamente conquistado; era o único mundo fora da Terra onde um homem podia caminhar ao ar livre sem o uso de auxílios artificiais. Em

Vênus, a vitória estava à vista e o prêmio seria uma superfície três vezes maior que a da Terra. Em outros lugares, só existiam postos avançados: o ardente Mercúrio e os gelados mundos exteriores eram um desafio para séculos futuros.

Assim pensava a Terra. Mas a Federação não podia esperar e o Professor Phillips, em completa inocência, levava sua impaciência ao ponto de ruptura. Não era a primeira vez que um trabalho científico mudava o curso da história, e não seria a última.

Sadler nunca vira as páginas de matemática que causaram toda a complicação, mas conhecia as conclusões a que chegavam. Muitas coisas haviam-lhe sido ensinadas nos seis meses transcorridos, desde quando fora tirado de sua vida. Algumas delas aprendera em uma pequena e nua sala de aulas com seis outros homens, cujos nomes nunca lhe foram mencionados, mas muito conhecimento adquirira em sono ou no sonhador estando de transe da hipnose. Um dia, talvez, esse conhecimento seria retirado dele pelas mesmas técnicas.

A superfície da Lua, haviam dito a Sadler, consistia em duas espécies distintas de terreno - as áreas escuras dos chamados mares e as regiões luminosas, que eram geralmente mais altas e muito mais montanhosas. As áreas luminosas são marcadas pelas incontáveis crateras lunares e parecem ter sido rasgadas e crestadas por milênios de fúria vulcânica. Os Mares, em contraste, são planos e relativamente lisos. Contêm ocasionais crateras, muitos buracos e fendas, mas são incomparavelmente mais regulares do que as acidentadas terras altas. Foram formados, segundo parece, muito mais tarde do que as cadeias de montanhas e de crateras da feroz mocidade da Lua. De alguma maneira, muito tempo após as formações mais antigas terem-se congelado, a crosta fundiu-se de novo em algumas áreas de modo a formar as planícies escuras e lisas que são os Mares. Eles contêm os destroços de muitas antigas crateras e montanhas que se derreteram como cera, e suas costas são criadas de penhascos meio destruídos e planícies interrompidas que mal escaparam ao desaparecimento completo.

O problema que durante muito tempo ocupara cientistas e que o Professor Phillips resolvera era este: por que o calor interno da Lua irrompera para fora apenas nas áreas selecionadas dos Mares, deixando intactas as antigas terras altas?

O calor interno de um planeta é produzido por radiatividade. Parecia, portanto, ao professor Phillips que, sob os grandes Mares, deveria haver ricos depósitos de urânio e seus elementos associados. O fluxo das marés no interior fundido da Lua produzira de alguma maneira essas concentrações locais, e o calor assim gerado através de milênios de radiatividade derreteria os acidentes da superfície muito acima delas, a fim de formar os Mares.

Durante dois séculos homem haviam examinado a superfície da Lua com todos os instrumentos de medição concebíveis. Havia feito seu interior tremer com terremotos artificiais; haviam-no sondado com campos magnéticos e elétricos. Graças a essas observações, o Professor Phillips conseguira assentar sua teoria sobre sólida base matemática.

Vastos depósitos de urânio existiam, muito abaixo dos Mares. O urânio propriamente dito não tinha mais a vital importância que tivera nos séculos XX e XXI, pois as velhas pilhas de fissão desde muito tempo antes haviam cedido lugar ao reator de hidrogênio. Mas, onde havia urânio, seriam encontrados também os outros metais pesados.

O Professor Phillips sentia-se absolutamente certo de que sua teoria não tinha aplicações práticas. Todos esses grandes depósitos, acentuara ele cuidadosamente, encontravam-se a tal profundidade que qualquer forma de mineração estaria

inteiramente fora de cogitação. Ficavam pelo menos a uma centena de quilômetros abaixo da superfície - e a pressão na rocha a essa profundidade era tão grande que o mais duro metal fluiria como líquido, de modo que nenhum poço de mina ou orifício de perfuração poderia permanecer aberto por um instante sequer.

Parecia ser uma grande pena. Aqueles sedutores tesouros, concluíra o Professor Phillips, deveriam permanecer eternamente fora do alcance dos homens que deles tanto precisavam.

Um cientista, pensou Sadler, não deveria realmente ter dito uma tolice dessas. Um dia o Professor Phillips iria ter uma grande surpresa.

6

Sadler permaneceu deitado em sua tarimba e tentou focalizar a mente na semana anterior. Era muito difícil acreditar que chegara da Terra há apenas oito dias, mas o relógio-calendário na parede confirmava as anotações que fizera em seu diário. E, se duvidasse dessas duas testemunhas, bastaria simplesmente subir à superfície e entrar em uma das cúpulas de observação. De lá poderia olhar a Terra imóvel, que acabara de passar a fase cheia e começava a minguar. Quando chegara à Lua, a Terra estava em seu primeiro quarto.

Era meia-noite sobre o Mare Imbrium. Alvorada e ocaso eram igualmente remotos, mas a paisagem lunar resplandecia de luz. Desafiando a própria Terra estava a *Nova Draconis*, já mais luminosa do que qualquer estrela da história. Mesmo Sadler, que achava a maioria dos acontecimentos astronômicos muito remota e impessoal para tocar suas emoções, às vezes fazia a caminhada até "em cima" para olhar esse novo invasor no norte do firmamento. Estaria olhando a pira funerária de mundos mais antigos e mais sábios do que a Terra? Era estranho que acontecimento tão inspirador de reverência ocorresse em um momento de crise humana. Só poderia ser coincidência, naturalmente, o fato de *Nova Draconis* ser uma estrela próxima, mas o sinal de sua morte estivera viajando durante vinte séculos. Era preciso ser não apenas supersticioso, mas também muito geocêntrico para imaginar que esse acontecimento fora planejado como advertência à Terra. Pois o que dizer de todos os outros planetas, dos outros sóis, em cujos céus a nova resplandecia com igual ou maior luminosidade?

Sadler recolheu seus pensamentos errantes e concentrou-se em seu assunto apropriado. Que deixara de fazer? Visitara todas as seções do Observatório e ficara conhecendo todas as pessoas importantes, com exceção apenas do Diretor. O Professor Maclaurin deveria voltar da Terra dentro de um ou dois dias e sua ausência simplificara a tarefa de Sadler. Quando o Chefe voltasse, como todos haviam lhe avisado, a vida não seria tão fácil e livre, e tudo precisaria ser feito através dos Canais Competentes. Sadler estava acostumado a isso, mas nem assim gostava ..

Houve uma discreta vibração do alto-falante na parede sobre a cama. Sadler estendeu um pé e bateu em um interruptor com a ponta de sua sandália. Conseguia fazer isso logo na primeira vez, "mas fracos raspões na parede eram ainda uma lembrança visível de sua aprendizagem.

- Sim - disse ele. - Quem é?

- Seção de Transporte. Estou fechando a lista para amanhã. Há ainda uns dois lugares vagos... voce quer ir?

- Se há lugar - respondeu Sadler. - Não desejo que causas mais meritórias sejam prejudicadas.

- Está bem... você será incluído - disse a voz energicamente, após o que desligou.

Sadler sentiu apenas a mais leve pontada na consciência. Depois de uma semana de sólido trabalho, poderia passar algumas horas na Cidade Central. Ainda não estava no tempo de encontrar-se com seu primeiro contato e até então seus relatórios haviam seguido pelo serviço postal normal, sob uma forma que nada

significasse para alguém que por acaso os lesse. Mas já era tempo de conhecer a cidade e de fato parecia estranho se não aproveitasse uma única folga.

Sua principal razão para a viagem era, porém, puramente pessoal. Havia uma carta que desejava remeter e sabia que a correspondência do Observatório estava sendo censurada por seus colegas da Central de Informações. A essa altura eles deviam mostrar-se indiferentes a tais questões, mas Sadler ainda preferia guardar consigo sua vida privada.

A Cidade Central ficava a vinte quilômetros do espaçoporto e Sadler nada vira da metrópole lunar por ocasião de sua chegada à Lua. Quando o mono-carro - muito mais cheio agora do que na sua primeira viagem - entrou mais uma vez no Sinus Medii, Sadler não se sentia mais um completo estranho. Conhecia, pelo menos de vista, todas as pessoas que estavam no carro. Quase metade dos funcionários do Observatório nele se encontrava; a outra metade teria seu dia de folga na semana seguinte. Nem mesmo *Nova Draconis* conseguira interferir nessa rotina, que se baseava em bom senso e sólida psicologia.

O aglomerado de grandes cúpulas começou a erguer-se acima do horizonte. Uma luz de farol brilhava no topo de cada uma, mas, afora isso, todas estavam escuras e não davam sinal de vida. Algumas, segundo Sadler sabia, podiam se tornar transparentes quando se desejava. Todas estavam agora opacas, conservando seu calor contra a noite lunar.

O mono-carro entrou em um longo túnel na base de uma das cúpulas. Sadler teve um vislumbre de grandes portas que se fechavam por trás dele - depois outro conjunto e em seguida ainda outro. Não se arriscavam, pensou ele, aprovando tal cautela. Depois houve o inconfundível som de ar movendo-se à sua volta, uma porta final abriu-se à frente e o veículo parou ao lado de uma plataforma que poderia estar em qualquer estação na Terra. Sadler experimentou um choque quando olhou pela janela e viu pessoas andando do lado de fora sem trajes espaciais...

- Vai a algum lugar determinado? - perguntou Wagnall, enquanto esperavam que diminuísse o aperto na porta.

Sadler sacudiu negativamente a cabeça.

- Não... Só desejo andar um pouco e dar uma olhada. Quero ver onde vocês conseguem gastar todo seu dinheiro.

Wagnall evidentemente não poderia decidir se ele estava brincando ou não e, para alívio de Sadler, não ofereceu seus serviços como guia. Essa era uma das ocasiões em que ele se sentiria muito feliz em ser deixado sozinho.

Saiu da estação e viu-se no alto de uma larga rampa que descia para uma cidade pequena e compacta. O nível principal ficava a vinte metros abaixo de onde estava; não havia percebido. que toda a cúpula era afundada na planície lunar, reduzindo assim a quantidade de estrutura de teto necessária. Ao lado da rampa, uma larga esteira rolante levava carga e bagagem para a estação em ritmo vagaroso. Os edifícios mais próximos eram evidentemente industriais e, embora bem conservados, tinham a aparência surrada que inevitavelmente tudo adquire nas vizinhanças de estações ou docas.

Não foi senão quando já estava na metade da rampa que Sadler percebeu que havia um céu azul no alto, que o sol brilhava logo atrás dele e que altas nuvens cirrus fluíam em cima.

A ilusão era tão perfeita que ele considerara tudo normal e se esquecera por um momento que era meia-noite na Lua. Fitou por longo tempo as profundezas estonteantes daquele céu sintético e não conseguiu encontrar falhas em sua

perfeição. Agora compreendia por que as cidades lunares insistiam em suas dispendiosas cúpulas, quando poderiam muito bem ter-se enterrado como o Observatório.

Não havia risco de perder-se na Cidade Central. Com uma única exceção, cada uma das sete cúpulas interligadas era traçada dentro do mesmo padrão de avenidas radiais e anéis rodoviários concêntricos. A exceção era a Cúpula 5, principal centro industrial e de produção, que era virtualmente uma única vasta fábrica e que Sadler resolveu deixar de lado.

Caminhou ao acaso durante algum tempo: indo onde impulsos casuais o levavam. Queria tomar o "pulso" do lugar, pois percebia que era completamente impossível conhecer a cidade de maneira conveniente no curto espaço de tempo à sua disposição. Havia uma coisa na Cidade Central que o impressionou imediatamente: ela tinha uma personalidade, um caráter próprio. Ninguém pode dizer por que isso acontece em algumas cidades e não em outras, e Sadler sentiu-se um pouco surpreendido por acontecer em um ambiente tão artificial quanto aquele. Depois se lembrou de que todas as cidades, quer na Terra quer na Lua, eram igualmente artificiais...

As ruas eram estreitas e os únicos veículos eram pequenos carros abertos de três rodas que circulavam a menos de trinta quilômetros por hora e pareciam ser usados exclusivamente para carga e não para passageiros. Transcorreu algum tempo antes que Sadler descobrisse o metrô automático que ligava as seis cúpulas externas em um grande anel, passando por baixo do centro de cada uma delas. Era realmente uma esteira rolante glorificada e movia-se apenas da direita para esquerda. Quem não tivesse sorte poderia precisar dar toda a volta na cidade a fim de chegar à cúpula adjacente mas como a viagem demorava apenas cinco minutos, essa não era uma grande dificuldade.

O centro comercial e principal repositório da elegância lunar ficava na Cúpula 1. Ali também moravam os altos executivos e técnicos - os mais altos de todos, em casas próprias. A maioria dos edifícios residenciais tinha jardins no teto, onde plantas importadas da Terra subiam a alturas improváveis nessa baixa gravidade. Sadler conservou os olhos abertos à procura de vegetação lunar mas não viu sinais dela. Não sabia que havia rigoroso regulamento contra a entrada de plantas nativas nas cúpulas. Uma atmosfera rica em oxigênio super-estimulava-as de tal modo que elas se descontrolavam e morriam prontamente, quando seus organismos carregados de enxofre se decompunham, produzindo um mau cheiro que só quando experimentado se fazia idéia.

A maioria dos visitantes da Terra era encontrada ali. Sadler, selenita de oito dias de permanência, surpreendeu-se olhando com divertido desprezo os recém-chegados óbvios. Muitos deles haviam alugado cintos de peso assim que entraram na cidade, sob a impressão de que essa era a coisa mais segura a fazer. Sadler fora avisado em tempo contra a falsidade disso e assim evitara contribuir para o que na realidade era uma pequena exploração. Na verdade, se a pessoa se carregasse com chumbo havia menos perigo de erguer-se do solo com passos incautos e talvez terminar a trajetória com a cabeça no chão. Contudo, número surpreendentemente pequeno de pessoas percebia a distinção entre peso e inércia, que fazia com que esses cintos tivessem valor duvidoso. Quando a pessoa procurava começar a mover-se ou parar depressa, descobria rapidamente que, embora cem quilos de chumbo pudessem pesar ali apenas sessenta quilos, tinham exatamente o mesmo impulso que na Terra.

De tempos a tempos, enquanto abria caminho através das escassas multidões e

vagueava de loja para loja, Sadler encontrava amigos do Observatório. Alguns deles estavam ficando carregados de embrulhos, à medida que compensavam a economia compulsória de uma semana. A maioria dos membros mais jovens do quadro de pessoal, homens e mulheres, arrumara companhia. Sadler presumiu que, embora o Observatório pudesse ser auto-suficiente na maioria das coisas, havia outras que exigiam certa variedade.

O claro som como de um sino, repetido três vezes, apanhou-o desprevenido. Olhou em volta, mas não conseguiu localizar sua origem. A princípio parecia que ninguém estava dando atenção ao sinal, fosse qual fosse sua significação. Depois observou que as ruas se esvaziavam vagarosamente - e que o céu escurecia.

Nuvens cobriram o sol. Eram pretas e denteadas, com suas orlas franjadas de chamas quando a luz do sol passava por elas. Mais uma vez Sadler admirou-se da habilidade com que essas imagens - pois não poderiam ser outra coisa eram projetadas na cúpula. Nenhuma verdadeira tempestade poderia parecer mais realística e quando o primeiro trovão ecoou no céu, ele não hesitou em procurar abrigo. Mesmo que as ruas não se tivessem esvaziado, ele poderia ter calculado que os organizadores dessa tempestade não iam omitir pormenor algum...

O pequeno café de calçada estava cheio de outros refugiados quando as gotas iniciais caíram e a primeira feroz língua de relâmpago lambeu o céu. Sadler nunca podia ver relâmpagos sem contar os segundos antes que retumbasse o trovão. O som chegou quando ele contara seis, indicando que o relâmpago fora a dois quilômetros de distância. Isso, naturalmente, o colocava bem fora da cúpula, no vácuo sem som do espaço. Oh, bem, era preciso permitir certa licença artística e não seria justo queixar-se de pontos como esse.

Cada vez mais grossa e pesada caía a chuva, cada vez mais contínuos eram os raios. A água corria pelas ruas e pela primeira vez Sadler percebeu as sarjetas rasas que, se tivesse visto antes, teria deixado passar sem pensar mais nelas. Não era seguro tomar qualquer coisa como certa ali. A gente precisava constantemente parar e perguntar a si mesmo: "A que função serve isto? Que está fazendo aqui na Lua? Será o que eu penso que é?" Sem dúvida, pensando agora na questão, era tão inesperado ver uma sarjeta na Cidade Central quanto seria ver um removedor de neve. Mas talvez mesmo isso...

Sadler virou-se para seu vizinho mais próximo, que observava a tempestade com evidente admiração.

- Desculpe-me - disse - mas com que frequência acontece essa espécie de coisa?

- Umas duas vezes por dia... dia lunar, quero dizer - foi a resposta. - É sempre anunciada com algumas horas de antecedência, para que não interfira nas atividades comerciais.

- Não quero ser excessivamente inquisitivo - continuou Sadler, receando estar sendo exatamente isso - mas estou surpreso pelo trabalho a que vocês se deram. Será mesmo necessário todo esse realismo?

- Talvez não, mas gostamos dele. Precisamos de um pouco de chuva, lembre-se, para conservar a cidade limpa e eliminar poeira. Por isso, procuramos fazer as coisas de maneira apropriada.

Se Sadler tivesse alguma dúvida a respeito, teria sido dissipada quando um glorioso arco-íris duplo surgiu das nuvens. As últimas gotas bateram sobre a calçada; o trovão reduziu-se a um murmúrio zangado e distante. O espetáculo estava encerrado e as ruas ainda reluzentes da Cidade Central começaram novamente a encher-se de vida.

Sadler ficou no café para tomar uma refeição e, depois de uma barganha um

pouco difícil, conseguiu livrar-se de um pouco de dinheiro terrestre por uma taxa apenas ligeiramente abaixo do câmbio oficial. A comida, um pouco para sua surpresa, era excelente. Tudo fora sintetizado ou cultivado nos tanques de fermento e clorela, mas misturado e processado com grande aptidão. O mal na Terra, refletiu Sadler, era poder tomar a comida como coisa certa e raramente dar à questão a atenção que merecia. Ali, por outro lado, os alimentos não eram coisa cuja obtenção se pudesse esperar de uma bondosa natureza, com um pouco de estímulo. Precisavam ser planejados e produzidos desde o começo e, uma vez que o trabalho precisava ser feito, alguém providenciara para que fosse feito da maneira correta. Como os fenômenos meteorológicos, realmente...

Era tempo de por-se em movimento. A última correspondência para a Terra seria recolhida dentro de duas horas e, se a perdesse, Jeanette só receberia sua carta quase uma semana depois, pelo tempo da Terra. Ela já fora mantida em suspense por tempo mais que suficiente.

Tirou do bolso a carta ainda aberta e leu-a de novo para alguma correção final que pudesse ser necessária.

Jeanette, minha querida:

Gostaria de poder dizer-lhe onde estou, mas não tenho permissão para isso. A idéia não foi minha, mas eu fui escolhido para um serviço especial e tenho que me arrumar da melhor maneira possível. Estou bem de saúde e, embora não possa entrar diretamente em contato com você, todas as cartas que mandar para a Caixa cujo número eu lhe dei chegarão às minhas mãos mais cedo ou mais tarde.

Odiei estar ausente por ocasião de nosso aniversário, mas, creia-me, eu absolutamente nada poderia fazer para evitá-lo. Espero que tenha recebido meu presente... e espero que tenha gostado. Demorei muito tempo para encontrar aquele colar e não vou dizer-lhe quanto custou!

Está sentindo muita falta de mim? Meus Deus, como eu gostaria de estar novamente em casa! Sei que você ficou ofendida e preocupada quando parti, mas quero que confie em mim e compreenda que eu não podia contar-lhe o que estava acontecendo. Sem dúvida você sabe que desejo Jonathan Peter tanto quanto você. Por favor, tenha fé em mim e não pense que foi por egoísmo ou por não amá-la que agi da maneira como o fiz. Eu tinha razões muito boas, que um dia poderei explicar-lhe.

Acima de tudo, não se preocupe e não se impaciente.

Você sabe que eu voltarei assim que puder. E uma coisa eu lhe prometo: quando estiver novamente em casa, iremos em frente. Eu gostaria de saber quando acontecerá isso.

Eu a amo, minha querida... nunca duvide disso. Este é um serviço duro e sua fé em mim é a única coisa que me sustenta...

Leu a carta com muito cuidado, tentando por um momento esquecer tudo quanto ela significava para si, a fim de encará-la como uma mensagem que pudesse ter sido escrita por um indivíduo completamente estranho. A carta revelava muita coisa? Acreditava que não. Poderia ser indiscreta, mas nela nada havia que revelasse sua localização ou a natureza de seu trabalho.

Fechou o envelope, mas não escreveu nele nome ou endereço. Depois fez uma coisa que, estritamente falando, era uma violação direta de seu juramento. Colocou a carta em outro envelope, que endereçou, com um bilhete incluso, a seu advogado em Washington.

Caro George: (escreveu) Você ficará surpreso ao saber onde estou agora. Jeanette não sabe e não quero que ela se preocupe. Por isso, por favor, enderece o envelope incluso para ela e coloque-o na caixa de correspondência mais próxima. Trate minha atual localização como coisa absolutamente confidencial. Eu explicarei tudo um dia.

George adivinharia a verdade, mas era capaz de guardar segredos tão bem quanto qualquer pessoa na Central de Inteligência. Sadler não conseguia pensar em outro meio seguro de fazer sua carta chegar às mãos de Jeanette e estava disposto a correr o ligeiro risco em troca de sua paz de espírito... e da dela.

Perguntou onde ficava a caixa de correspondência mais próxima (era difícil encontrar uma na Cidade Central) e enfiou a carta nela. Dentro de umas duas horas estaria a caminho da Terra; à mesma hora do dia seguinte estaria nas mãos de Jeanette. Só podia esperar que ela compreendesse ou, se não pudesse compreender, suspendesse seu julgamento até se encontrarem de novo.

Havia uma banca de jornais ao lado da caixa de correspondência e Sadler comprou um exemplar do Central News. Ainda dispunha de várias horas antes que o monotrilho partisse para o Observatório e, se alguma coisa interessante estava acontecendo na cidade, o jornal local presumivelmente contaria tudo a respeito.

As notícias políticas ocupavam tão pouco espaço que Sadler perguntou a si próprio se não estaria em vigor uma branda censura. Só pelos títulos, ninguém teria percebido que havia uma crise; era necessário procurar no jornal para descobrir as notícias realmente significativas. Na segunda página, embaixo, por exemplo, havia a notícia de que uma nave de passageiros da Terra estava tendo complicações de quarentena em Marte e não recebera autorização para pousar... enquanto outra em Vênus não conseguia autorização para decolar. Sadler tinha bastante certeza de que a verdadeira complicação era política e não médica: a Federação estava simplesmente endurecendo.

Na quarta página havia uma notícia que dava ainda mais o que pensar. Um grupo de exploradores de minério fora preso em um asteróide remoto nas vizinhanças de Júpiter. A acusação, segundo parecia, era de violação dos regulamentos de segurança no espaço. Sadler suspeitou que a acusação fosse falsa... e os exploradores também. A Central de Inteligência provavelmente perdera alguns de seus agentes.

Na página central do jornal havia um editorial bastante ingênuo que fazia pouco da situação e expressava a confiante esperança de que prevaleceria o senso comum. Sadler, que não tinha ilusões a respeito do mais comuns dos sentidos comuns, permaneceu cético e voltou-se para as notícias locais.

Todas as comunidades humanas, onde quer que estejam no espaço, seguem o mesmo padrão. Pessoas nascem, são cremadas (com cuidadoso aproveitamento de fósforo e nitratos), casam-se e divorciam-se, mudam de cidade, processam seus vizinhos, dão festas, promovem reuniões de protesto, envolvem-se em acidentes espantosos, escrevem Cartas à Redação mudam de emprego... Sim, era exatamente como na Terra. Essa era uma idéia um tanto deprimente. Por que o Homem se dera ao trabalho de deixar seu próprio mundo, se todas as suas viagens e experiências haviam feito tão pouca diferença em sua natureza fundamental? Poderia muito bem ter permanecido em casa, em lugar de exportar a si próprio e suas fraquezas, com grandes gastos, para outro mundo.

Seu serviço está tornando-o cínico, disse Sadler a si mesmo. Vejamos o que a Cidade Central oferece em matéria de divertimento.

Acabara de perder um torneio de tênis na Cúpula Quatro, que valia a pena ter assistido. Era jogado, segundo lhe dissera alguém, com uma bola de tamanho e massa normais. Todavia, a bola era cheia de cavidades, o que aumentava sua residência ao ar, de modo que seu alcance não era maior do que na Terra. Sem tal subterfúgio, uma boa raquetada faria com que a bola atingisse facilmente uma das cúpulas. Contudo, as trajetórias seguidas por essas bolas viciadas eram muito peculiares e suficientes para provocar rápido colapso nervoso em alguém que tivesse aprendido a jogar na gravidade normal.

Havia um Ciclorama na Cúpula Três, prometendo uma excursão à Bacia Amazônica (picadas de mosquito opcionais), com início de duas em duas horas. Tendo acabado de chegar da Terra, Sadler não sentia desejo de voltar tão depressa. Além disso, achava que já vira uma exibição de ciclorama na tempestade que havia passado. Presumivelmente fora produzida da mesma maneira, por baterias de projetores de ângulo largo.

A diversão que finalmente o atraiu foi a piscina na Cúpula Dois. Era a coisa principal no Ginásio da Cidade Central, muito frequentada pelo pessoal do Observatório. Um dos riscos ocupacionais da vida na Lua era a falta de exercício e a resultante atrofia muscular. Quem permanecia fora da Terra mais de algumas semanas sentia muito severamente a mudança de peso quando voltava. O que atraiu Sadler ao Ginásio foi, porém, a idéia de que poderia praticar alguns dos saltos ornamentais a que nunca se arriscaria na Terra, onde uma pessoa caía cinco metros no primeiro segundo e adquiria muito maior energia cinética antes de atingir a água.

A Cúpula Dois ficava do outro lado da cidade e, achando que devia poupar energia para gastar na piscina, Sadler tomou o metrô. Mas deixou passar a seção de baixa velocidade, que permitia à pessoa sair da esteira rolante em contínuo movimento, e foi levado contra a vontade até a Cúpula Três antes que pudesse escapar. Para não dar novamente a volta em torno da cidade, voltou pela superfície, passando pelo curto túnel que ligava todas as cúpulas nos pontos onde se tocavam. Havia ali portas automáticas que se abriam a um toque... e se fechavam instantaneamente se a pressão do ar caía de qualquer dos lados.

Metade do pessoal do Observatório parecia estar se exercitando no Ginásio. O Dr. Molton praticava em uma máquina de remar, com os olhos ansiosamente fixados no indicador que marcava suas remadas. O Engenheiro-Chefe, de olhos apertadamente fechados de acordo com as instruções de advertência, estava em pé no centro de um círculo de lâmpadas ultravioleta que emitiam uma luz fantástica enquanto renovavam eu bronzeado. Um dos médicos da enfermaria atacava uma bola de treinamento de boxe com tanta violência, que Sadler esperou nunca precisar recorrer a seus serviços profissionais. Um personagem de aparência robusta, que Sadler acreditava ter vindo da manutenção, tentava erguer uma tonelada; mesmo descontando-se mentalmente a baixa gravidade. ainda era uma proeza de causar respeito.

Todos os outros estavam na piscina e Sadler rapidamente se juntou a eles. Não tinha certeza do que esperava, mas por algum motivo imaginava que nadar na Lua seria drasticamente diferente da mesma experiência na Terra. Mas era exatamente igual e o único efeito da gravidade estava no peso anormal das ondas e na lentidão com que se moviam através da piscina.

Os mergulhos correram bem enquanto Sadler nada tentou de muito ambicioso. Era simplesmente maravilhoso saber o que estava acontecendo e ter tempo de admirar o ambiente durante a vagarosa descida. Depois, muito arrojado, Sadler tentou um salto mortal de cinco metros. Afinal de contas, isso equivalia a menos de um metro na terra...

Infelizmente, calculou errado o tempo da queda e deu uma meia volta a mais... ou a menos. Bateu com os ombros na água e lembrou-se tarde demais da batida que a gente podia levar, mesmo de pequena altura, quando as coisas corriam mal. Manquejando um pouco e sentindo-se como se tivesse sido esfolado vivo, saiu rastejando da piscina. Enquanto as vagarosas ondas se afastavam languidamente, Sadler decidiu deixar aquela espécie de exibicionismo para homens mais jovens.

Depois de todo esse esforço, era inevitável que se juntasse a Molton e alguns de seus outros conhecidos quando deixaram o Ginásio. Cansado, mas satisfeito, e sentindo que aprendera muita coisa a respeito do modo de vida lunar, Sadler recostou-se em seu banco quando o mono-carro saiu da estação e as grandes portas se fecharam hermeticamente após sua passagem. O céu azul salpicado de nuvens cedeu lugar à dura realidade da noite lunar. Lá estava a Terra inalterada, exatamente como ele a vira hora antes. Procurou a cegante estrela *Nova Draconis*, depois se lembrou de que naquela latitude ela estava oculta abaixo da beirada norte da Lua.

As cúpulas escuras, que davam tão pouco sinal da vida e luz que continham, afundaram-se abaixo do horizonte. Enquanto as observava sumir, Sadler teve um repentino e sombrio pensamento: haviam sido construídas para resistir às forças que a Natureza poderia lançar contra elas - mas como seriam lamentavelmente frágeis se um dia enfrentassem a fúria do Homem!

- Eu ainda penso – falou Jamieson. Enquanto o trator avançava e direção à parede sul de Platão - que haverá uma bronca dos diabos quando o velho souber disto?

- Por quê? - perguntou Wheeler. - Quando voltar, ele estará ocupado demais para preocupar-se conosco. Além disso, nós estamos pagando todo o combustível que usamos. Portanto, deixe de se preocupar e divirta-se. Este é o nosso dia de folga, caso você tenha esquecido.

Jamieson não respondeu. Estava muito ocupado em concentrar-se na estrada à frente... se aquilo podia ser chamado de estrada. Os únicos sinais de que outros veículos já haviam passado por aquele caminho eram os sulcos ocasionais na poeira. Como estes perdurariam eternamente ali na Lua sem ventos, nenhum outro sinal era necessário, embora ocasionalmente, se encontrassem avisos inquietadores dizendo: PERIGO - FENDAS À FRENTE! ou OXIGÊNIO DE EMERGÊNCIA - 10 QUILOMETROS.

Só há dois métodos de transporte para longas distâncias na Lua. Os monotrilhos de alta velocidade ligam as principais colônias, com serviço rápido e confortável funcionando em horário regular. Mas o sistema ferroviário é muito limitado e provavelmente assim permanecerá devido a seu custo. Para movimentação sem limitações na superfície lunar, é preciso voltar aos potentes tratores propelidos por turbinas, conhecidos como "Caterpillars" ou, resumidamente, "Cats". São, virtualmente, pequenas naves espaciais montadas sobre pequenos e gordos pneus que lhes permitem ir a qualquer lugar razoável, mesmo na superfície espantosamente acidentada da Lua. Em terreno liso podem facilmente atingir cem quilômetros por hora, mas normalmente é sorte conseguir metade dessa velocidade. A baixa gravidade e as lagartas, que podem baixar quando necessário, permitem-lhes subir encostas fantásticas. Em emergências, sabe-se de casos em que se ergueram em penhascos verticais com o auxílio de seus guinchos embutidos. Nos modelos maiores, pode-se viver durante semanas a fio sem excessivo sofrimento, e toda a minuciosa exploração da Lua foi realizada por prospectores usando esses pequenos e resistentes veículos.

Jamieson era um motorista mais do que perito e conhecia perfeitamente o caminho. Apesar disso, durante a primeira hora Wheeler sentiu que seu cabelos nunca se assentavam. Geralmente os recém-chegados à Lua demoram um pouco para perceber que as encostas são perfeitamente seguras, quando tratadas com respeito. Talvez fosse bom Wheeler ser noviço, pois o a técnica de Jamieson era tão pouco ortodoxa que encheria de verdadeiro alarma um passageiro mais experiente.

O fato de Jamieson ser motorista arrojadamente brilhante era um paradoxo que causava muita discussão entre seus colegas. Normalmente, ele era muito minucioso e cauteloso, inclinado a não agir, a menos que estivesse certo das consequências. Jamais alguém o vira realmente aborrecido ou excitado; muitos o consideravam preguiçoso, mas isso era calúnia. Ele passava semanas trabalhando em algumas observações até os resultados serem absolutamente incontestáveis e depois os deixava de lado por dois ou três meses para examiná-los de novo mais tarde.

No entanto, na direção de um "cat" esse calmo e pacífico astrônomo tornava-se

um motorista temerário, que detinha o recorde extra-oficial de quase todos os percursos de tratores no hemisfério norte. A razão residia - enterrada tão profundamente que nem Jamieson tinha consciência dela - em um desejo da meninice de ser piloto de nave espacial, sonho que fora frustrado por um coração errático.

Do espaço - ou da Terra através de um telescópio - as paredes de Platão parecem uma barreira formidável quando a luz oblíqua do sol as mostra melhor. Na realidade, porém, têm menos de um quilômetro de altura e, se a pessoa escolher a rota certa através dos numerosos passos, a viagem para sair da cratera e entrar no Mare Imbrium não oferece grande dificuldade. Jamieson atravessou as montanhas em menos de um hora, mas Wheeler gostaria que tivesse demorado um pouco mais.

Pararam em uma alta escarpa que dominava a planície. Diretamente à frente, erguendo-se no horizonte, ficava o piramidal cume do Pico. À direita, afundando-se para nordeste, estavam os cumes mais escarpados das Montanhas Teneriffe. Muito poucos desses cumes já haviam sido escalados, em grande parte porque ninguém se preocupara em tentar a proeza. A brilhante luz da Terra fazia com que parecessem ter uma fantástica cor azul-verde, contrastando estranhamente com sua aparência durante o dia, quando eram reduzidos a tons brancos e pretos, nus pelo sol impiedoso.

Enquanto Jamieson se relaxava para apreciar a vista, Wheeler iniciou um cuidadoso exame da paisagem com poderoso binóculo. Dez minutos depois desistiu, nada tendo descoberto de estranho. Não ficou surpreso por isso, pois a área onde haviam pousado os foguetes não programados estava bem abaixo do horizonte.

- Vamos continuar - disse ele. - Poderemos chegar ao Pico dentro de umas duas horas e lá jantaremos.

- E depois? - perguntou J Jamieson em tom resignado.

- Se nada conseguirmos ver, voltaremos como meninos bonzinhos.

- Está bem... mas você achará a viagem incômoda daqui para frente. Acho que nem doze tratores desceram por aqui até hoje. Para animá-lo, posso dizer-lhe que nosso Ferdinand é um deles.

Fez o veículo avançar devagar, contornando cautelosamente uma íngreme ladeira onde rochas lascadas haviam-se acumulado durante milênios. Tais encostas eram extremamente perigosas, pois a menor perturbação podia muitas vezes fazer com que se movessem em lentas e irresistíveis avalanches que levavam de roldão tudo quanto houvesse à sua frente. Apesar de toda sua aparente temeridade, Jamieson não se arriscava realmente e sempre evitava tais ciladas. Um motorista menos experiente teria corrido alegremente ao longo do sopé da encosta, sem parar um momento para pensar - e noventa e nove vezes em cem teria se saído bem. Jamieson já vira o que acontecia na centésima vez. Depois que a onda de entulho poeirenta engolfava um trator não havia como escapar, pois qualquer tentativa de salvação só provocaria novos deslizamentos.

Wheeler começou a sentir-se claramente infeliz na descida das paredes externas de Platão. Isso era estranho, pois elas eram muito menos Íngremes do que as paredes internas e ele havia esperado uma viagem mais confortável. Não contara com o fato de que Jamieson aproveitaria as condições mais fáceis para desenvolver velocidade, em resultado do que Ferdinand entregava-se a um peculiar movimento de balanço. Finalmente Wheeler desapareceu na parte traseira do bem equipado trator e não foi visto pelo piloto durante algum tempo. Quando voltou, observou bastante zangado: - Ninguém me havia dito que a gente podia realmente sofrer enjôo do mar na Lua.

A vista agora era bastante decepcionante, como geralmente acontece quando se desce às terras lunares baixas. O horizonte fica tão perto apenas a uns dois ou três quilômetros de distância - que dá uma impressão de confinamento ou prisão. É quase como se o pequeno círculo de rocha que cerca a pessoa fosse a única coisa existente. A ilusão pode ser tão forte que se soube de homens que dirigiram seus tratores mais devagar do que o necessário, como se subconscientemente temessem cair pela beirada daquele horizonte fantasticamente próximo.

Durante duas horas Jamieson fez o veículo avançar firmemente, até quando, por fim, a tripla torre do Pico dominou o céu à frente. Outrora essa magnífica montanha fora parte de uma vasta parede de cratera que devia ter sido gêmea de Platão. Mas milênios atrás a invasora lava do Mare Imbrium arrastara todo o resto do círculo de cento e cinquenta quilômetros de diâmetro, deixando o Pico em estado isolado e solitário.

Os viajantes fizeram ali uma parada, a fim de abrir alguns pacotes de alimentos e preparar um pouco de café na chaleira de pressão. Um dos pequenos inconvenientes da vida na Lua é que bebidas realmente quentes constituem uma impossibilidade - a água ferve a cerca de setenta graus centígrados na atmosfera de baixa pressão, rica em oxigênio, universalmente empregada. Depois de algum tempo, porém, acostuma-se com bebidas mornas.

Depois de terem limpado os restos da refeição, Jamieson perguntou a seu colega:

- Tem certeza de que deseja ir até o fim?

- Enquanto você disser que é seguro. Daqui aquelas paredes parecem horrivelmente íngremes.

- É seguro, se você fizer o que vou dizer. Eu estava apenas me perguntando como você se sente agora. Não há coisa pior do que ficar enjoado dentro de um traje espacial.

- Eu estou bem - respondeu Wheeler com dignidade. Depois lhe ocorreu outra idéia. Quanto tempo ficaremos fora, afinal de contas?

- Oh, digamos umas duas horas. Quatro no máximo. É melhor soltar tudo o que quiser agora.

- Eu não estava preocupado com isso - replicou Wheeler, que em seguida se retirou de novo para o fundo da cabina.

Nos seis meses em que estivera na Lua, Wheeler não usara traje espacial mais do que uma dúzia de vezes e, na maioria dessas ocasiões, como exercício de emergência. Eram muito raras as ocasiões em que o pessoal de observação precisava sair para o vácuo - a maior parte de seu equipamento era de controle remoto. Mas Wheeler não era completo noviço, embora ainda estivesse no estágio de cautela, o que é muito mais seguro do que a despreocupada super confiança.

Chamaram a Base, através da Terra, para comunicar sua posição e suas intenções; depois cada um ajustou o equipamento do outro, cuidando de todos os pormenores. Quando tiveram certeza de que todo seu equipamento estava em perfeitas condições, abriram a porta da esclusa de ar e saíram para a planície poeirenta.

Como a maioria das montanhas lunares, o Pico não era tão formidável visto de perto quanto parecia à distância. Havia alguns penhascos verticais, mas sempre podiam ser evitados, e raramente era necessário subir ladeiras de mais de quarenta e cinco graus. Com um sexto da gravidade, isso não exigia muito esforço, mesmo quando se usava traje espacial.

Ainda assim, o esforço a que não estava acostumado fez Wheeler suar e arquejar um pouco, após terem subido durante meia-hora. Seu visor estava muito embaçado, de modo que precisava espiar pelos cantos para enxergar convenientemente.

Embora fosse teimoso demais para pedir um andar mais lento, ficou muito satisfeito quando Jamieson resolveu fazer uma parada.

Estavam agora quase a um quilômetro acima da planície e podiam ver pelo menos até cinquenta quilômetros ao norte. Protegeram seus olhos contra o clarão da Terra e começaram a procurar.

Demoraram apenas um momento para encontrar seu objetivo. A meio caminho do horizonte, dois grandes foguetes de carga estavam parados como feias aranhas sobre seus trens de aterragem abertos. Grandes como eram, ficavam ananizados pela curiosa estrutura em forma de cúpula que se erguia da planície. Não era uma cúpula comum de pressão - suas proporções estavam todas erradas; dava quase a impressão de que uma esfera inteira fora parcialmente enterrada, de modo que os três quartos superiores emergiam à superfície. Através de seus binóculos, cujos oculares especiais permitiam seu uso apesar do visor do traje espacial, Wheeler pôde ver homens e máquinas movendo-se em volta da base da cúpula. De tempos a tempos, nuvens de poeira erguiam-se para o céu e voltavam a cair, como se estivesse havendo explosões. Essa era outra coisa estranha na Lua, pensou ele. A maioria dos objetos, ali naquela baixa gravidade, caía com excessiva lentidão para quem estivesse acostumado às condições da Terra. Mas poeira caía excessivamente depressa - de fato na mesma velocidade que qualquer outra coisa - pois não havia ar para conter sua queda.

- Bem _ disse Jamieson, depois de ter feito também demorado exame através do binóculo alguém está gastando uma tremenda quantia de dinheiro.

- Que pensa você que seja? Uma mina?

- Pode ser - respondeu o outro, cauteloso como sempre. - Talvez tenham decidido beneficiar os minérios no local e toda sua usina de extração esteja naquela cúpula. Mas isso é apenas palpite... certamente até hoje nunca vi coisa assim.

- Podemos chegar lá em uma hora, seja aquilo o que for. Vamos continuar e olhar mais de perto?

- Eu receava que você dissesse isso. Não estou certo de que seja coisa muito prudente. Eles poderiam insistir em que ficássemos lá.

- Você andou lendo muitos artigos assustadores. Alguém poderia pensar que há uma guerra e nós somos dois espiões. Eles não poderiam deter-nos... o Observatório sabe onde estamos e o Diretor faria um barulho dos diabos se não voltássemos.

- Desconfio que ele vai fazer isso quando voltarmos, de modo que tanto vale ser enforcado por um carneiro quanto por um rebanho. Vamos... é mais fácil na descida.

- Eu nunca disse que fosse difícil na subida - protestou Wheeler, de maneira não muito convincente. Alguns minutos depois, enquanto descia a encosta atrás de Jamieson, ocorreu-lhe uma idéia alarmante.

- Você acha que nos estavam ouvindo? Suponha que alguém estivesse de escuta nesta frequência... teria ouvido todas as palavras que dissemos. Afinal de contas, estamos na linha direta de visão.

- Quem está sendo melodramático agora? Ninguém a não ser o Observatório estaria ouvindo nesta frequência, e o pessoal de lá não poderia nos ouvir, pois há muitas montanhas entre nós. Parece que você tem culpa na consciência... alguém poderia pensar que você esteve dizendo palavrões novamente.

Essa era uma referência a um infeliz episódio ocorrido logo após a chegada de Wheeler. Desde então ele percebera que o sigilo da fala, que é considerado coisa normal na Terra, nem sempre é possível para quem usa trajes espaciais, cujo menor murmúrio pode ser ouvido por alguém que esteja dentro do alcance de rádio.

O horizonte contraiu-se em volta deles quando desciam para o nível do solo, mas haviam marcado cuidadosamente o rumo e sabiam que caminho tomar quando estivessem de volta a bordo de Ferdinand. Jamieson agora guiava com extraordinário cuidado, pois nunca havia andado antes por aquele terreno. Transcorreram quase duas horas, antes que a enigmática cúpula começasse a aparecer no horizonte, seguida um pouco mais tarde pelos cilindros achatados dos cargueiros.

Mais uma vez Wheeler dirigiu a antena do teto para Terra e chamou o Observatório para explicar o que haviam descoberto e o que pretendiam fazer. Desligou antes que alguém pudesse dizer para não o fazerem, refletindo como era loucura enviar uma mensagem a oitocentos mil quilômetros de distância, a fim de falar com alguém que se encontrava a uma centena de quilômetros. Mas não havia outro meio de estabelecer comunicação de grande distância no nível do solo; tudo abaixo do horizonte era bloqueado pelo efeito blindador da Lua. Na verdade, usando ondas longas, era possível às vezes transmitir sinais a grandes distâncias por meio de reflexo na tênue atmosfera da Lua, mas esse método era tão inseguro que não podia ser usado seriamente. Para todas as finalidades práticas, o contato de rádio na Lua precisava ser na base de "linha de visão".

Foi muito divertido observar a comoção que sua chegada provocou. Wheeler pensou que havia muita semelhança com um formigueiro que fosse bem mexido com uma varinha. Em pouco tempo, viram-se cercados por tratores, escavadeiras mecânicas, carregadeiras e homens excitados em trajes espaciais. Foram obrigados por puro congestionamento a parar Ferdinand.

- A qualquer momento - disse Wheeler - eles chamarão os guardas.

Jamieson não achou graça.

- Você não devia fazer piadas assim - falou em tom de censura. - Podem aproximar-se muito da verdade.

- Bem, aí vem a comissão de recepção. Está vendo as letras no capacete dele? SEC. 2, não é? Suponho que isso significa 'Seção Dois'.

- Talvez. Mas poderia muito bem ser SEG e significar Segurança. Bem... a idéia foi sua. Eu sou apenas o motorista.

Nesse momento houve uma série de enérgicas batidas na porta externa da esclusa de ar. Jamieson apertou o botão que abria o fecho e um momento depois a "comissão de recepção" estava tirando seu capacete dentro da cabina. Era um homem grisalho, de feições bem definidas, com um ar de preocupação que parecia estar permanentemente fixado. Não parecia estar contente em vê-los,

Olhou para Wheeler e Jamieson pensativamente, enquanto os dois astrônomos mostraram seus sorrisos mais amistosos.

- Geralmente não recebemos visitantes disse ele. - Como vieram parar aqui?

A primeira sentença, pensou Wheeler, era de uma moderação como não via desde bastante tempo antes.

- É nosso dia de folga... nós somos do Observatório. Este é o Dr. Jamieson... eu sou Wheeler. Astrofísicos, nós dois. Sabíamos que vocês estavam por aqui, por isso decidimos vir dar uma olhada.

- Sabiam como? - perguntou o outro ríspidamente. Ainda não se apresentara, o que teria sido falta de educação mesmo na Terra e ali era bastante chocante.

- Como talvez saiba - explicou Wheeler humildemente - nós possuímos um ou dois telescópios bem grandes no Observatório. E vocês nos têm causado muita complicação. Eu, pessoalmente, tive dois espectrogramas arruinados por clarão de foguete. Assim, não pode culpar-nos por sermos um pouco inquisitivos.

Um ligeiro sorriso apareceu nos lábios de seu inquiridor, mas foi instantaneamente

banido. Apesar disso, a atmosfera parecia ter-se descongelado um pouco.

- Bem, penso que seria melhor vocês virem comigo ao escritório enquanto fazemos algumas investigações. Não demorará muito tempo.

- Como? Desde quando alguma parte da Lua é propriedade privada?

- Sinto muito, mas o negócio é assim. Vamos, por favor.

Os dois astrônomos vestiram seus trajes e seguiram o outro através da esclusa de ar. Apesar de sua agressiva inocência, Wheeler estava começando a sentir-se um pouco preocupado. Já imaginava toda espécie de possibilidades desagradáveis e surgiram lembranças do que já lera a respeito de espiões, confinamento solitário e muros de tijolos de madrugada.

Foram levados até uma porta bem ajustada na curva da grande cúpula e depois se viram dentro do espaço entre a parede exterior e um hemisfério concêntrico interno. As duas cascas, até onde podiam ser vistas, eram separadas por uma complicada faixa de algum plástico transparente. Até o piso era feito da mesma substância. Isso tudo, concluiu Wheeler, era muito estranho, mas não teve tempo para examinar de perto o material.

Seu guia, nada comunicativo, fazia-os andar muito depressa, como se não desejasse que vissem mais do que o necessário. Entraram na cúpula interna por uma segunda esclusa de ar, onde tiraram seus trajes. Wheeler perguntou-se sombriamente quando teriam permissão de recuperá-los,

O comprimento da esclusa indicava que a cúpula interna devia ser de enorme espessura e, quando a porta à frente deles se abriu, os dois astrônomos imediatamente notaram um cheiro conhecido. Era ozônio. Em algum lugar, não muito longe, havia equipamento elétrico de alta voltagem. Nada havia de excessivamente notável nisso, mas era outro fato a ser guardado para referência futura.

A esclusa abria-se para um pequeno corredor ladeado por portas nas quais estavam pintados números e indicações como PRIVATIVO, SOMENTE PESSOAL TÉCNICO, INFORMAÇÃO, AR SOBRESSALENTE, ENERGIA DE EMERGÊNCIA e CONTROLE CENTRAL. Nem Wheeler nem Jamieson puderam deduzir grande coisa dessas indicações, mas os dois se entreolharam pensativamente quando, por fim, pararam diante de uma porta em que estava escrito SEGURANÇA. A expressão de Jamieson dizia a Wheeler, tão claramente quanto poderiam fazê-lo quaisquer palavras: "Não disse?"

Depois de uma breve pausa, acendeu-se um painel com a inscrição "Entre" e a porta abriu-se automaticamente. À frente havia um escritório perfeitamente comum dominado por um homem de ar decidido, sentado a uma mesa muito grande. O próprio tamanho da mesa era uma proclamação ao mundo de que dinheiro ali não era problema e os astrônomos compararam tristemente aquilo com o equipamento de escritório a que estavam acostumados. Um telex de desenho extraordinariamente complicado estava sobre uma mesa em um canto e as paredes restantes eram inteiramente cobertas por armários de arquivo.

- Bem - disse a Autoridade de Segurança quem são essas pessoas?

- Dois astrônomos do Observatório de Platão.

Acabaram de chegar aqui em um trator e eu pensei que o senhor gostaria de falar com eles.

- Sem a menor dúvida. Seus nomes, por favor. Seguiu-se um tedioso quarto de hora durante o qual particularidades foram anotadas cuidadosamente e o Observatório foi chamado pelo rádio. Isso significava, pensou Wheeler soturnamente, que a coisa começava a ferver. Seus amigos na Sinalização, que vinham acompanhando seus movimentos em caso de acidente, agora precisariam comunicar

oficialmente sua ausência.

Finalmente a identidade dos dois foi estabelecida e o homem sentado à imponente mesa olhou-os com certo ar de perplexidade. Depois sua carranca desfez-se e ele começou a falar-lhes.

- Vocês percebem, naturalmente, que vieram atrapalhar um pouco. Este é o último lugar onde esperaríamos visitantes, caso contrário teríamos colocado avisos para que ninguém se aproximasse. É desnecessário dizer que temos meios para perceber a presença de qualquer pessoa que apareça, mesmo que não seja tão sensata a ponto de apresentar-se abertamente, como vocês fizeram. Todavia, vocês estão aqui e eu suponho que não houve dano. Vocês provavelmente adivinharam que este é um projeto governamental, sobre qual não desejamos falar. Vou precisar mandá-los de volta, mas quero duas coisas de vocês.

- Quais são? - perguntou Jamieson desconfiado.

- Quero que me prometam não falar sobre esta visita mais do que for preciso. Seus amigos ficarão sabendo onde vocês estiveram, de modo que não poderão guardar segredo absoluto. Simplesmente não discutam isto com eles.

- Muito bem - concordou J Jamieson - E o segundo ponto?

- Se alguém insistir em interrogá-los e demonstrar especial interesse por esta sua pequena aventura... comuniquem o fato imediatamente. Só isso. Espero que façam boa viagem na volta.

De volta ao trator, cinco minutos depois, Wheeler ainda estava esbravejando.

- Aquele maldito manda-chuva! Nem nos ofereceu um cigarro.

- Eu prefiro pensar - falou Jamieson com voz mansa - que tivemos muita sorte em sair tão facilmente. Eles encaravam o negócio a sério.

- Eu gostaria de saber que espécie de negócio. Aquilo lhe parece uma mina? E por que estaria acontecendo alguma coisa em um monte de escória como o Mare?

- Penso que deve ser uma mina. Quando subimos eu notei uma coisa que se assemelhava muito a uma máquina perfuratriz do outro lado da cúpula. Mas é difícil explicar toda essa tolice de capa à espada.

- A menos que tenham descoberto alguma coisa e não desejam que chegue ao conhecimento da Federação.

- Nesse caso, nós também provavelmente não vamos descobrir e talvez seja melhor parar de cansar nosso cérebro. Mas, voltando a coisa mais prática... daqui vamos para onde?

- Vamos manter nosso plano original. É possível que agora transcorra um bom tempo, antes que tenhamos oportunidade de usar novamente Ferdinand, por isso talvez convenha aproveitá-lo ao máximo. Além disso, uma de minhas ambições sempre foi ver o Sinus Iridum do nível do solo, por assim dizer.

- Fica bem a uns trezentos quilômetros a leste daqui.

- Sim, mas você mesmo disse que o terreno é bastante plano, se evitarmos as montanhas. Poderíamos chegar lá em cinco horas. Eu já sou motorista suficientemente bom para substituí-lo quando quiser descansar.

- Não em terreno desconhecido... seria muito arriscado. Mas vamos fazer um acordo. Eu o levarei até o Promontório Laplace para que você dê uma olhada na Baía. Depois você poderá dirigir de volta, seguindo a trilha que eu deixar. Mas não se desvie dela, eh?

Wheeler aceitou satisfeito. Estava meio receoso de que Jamieson desistisse da excursão e voltasse ao Observatório sem avisar, mas concluiu que fizera uma injustiça a seu amigo.

Nas três horas seguintes rastejaram ao longo dos flancos das Montanhas Tenerife,

depois atravessaram a planície até a Cordilheira Straight, aquela isolada e solitária faixa de montanhas semelhante a um eco dos imponentes Alpes. Jamieson dirigia agora com firme concentração; estava entrando em território novo e não podia arriscar-se.

De tempos em tempos, apontava para marcos famosos e Wheeler conferia-os na carta fotográfica.

Pararam para uma refeição a mais ou menos dez quilômetros a leste da Cordilheira Straight e investigaram o conteúdo das caixas que a cozinha do Observatório lhes fornecera. Um canto do trator era equipado com minúscula cozinha, mas eles não tinham a menor intenção de usá-la a não ser em uma emergência. Nem Wheeler nem Jamieson era cozinheiro suficientemente bom para encontrar prazer na preparação de refeições e, afinal de contas, achavam que estavam de folga...

- Sid - começou Wheeler abruptamente, entre bocados de sanduíche - que pensa da Federação? Você conheceu mais pessoas de lá do que eu.

- Sim e gostei delas. Pena que você não estivesse aqui antes que o último grupo partisse. Tínhamos uma dúzia deles no Observatório estudando montagem de telescópio. Estavam pensando em construir um instrumento de mil e quinhentos centímetros em uma das luas de Saturno, sabe?

- Seria um grande projeto... eu sempre disse que aqui estamos muito próximos do sol. Sem dúvida, eliminaria a Luz Zodiacal e as outras complicações em volta dos planos internos. Mas, voltando à questão... eles lhe deram a impressão de ter probabilidade de iniciar uma briga com a Terra?

- É difícil dizer. Eram muito francos e amistosos conosco, mas todos nós éramos cientistas e isso ajuda muito. Talvez fosse diferente se nós fôssemos políticos ou funcionários públicos.

- Que diabo, nós somos funcionários públicos! Ainda outro dia, aquele cara, Sadler, me lembrou disso.

- Sim, mas pelo menos somos funcionários públicos científicos... o que faz muita diferença. Eu poderia dizer que eles não davam muita importância à Terra, embora tivessem a delicadeza de não dizer isso. Não há dúvida que estavam aborrecidos com a distribuição de metais. Ouvi se queixarem disso muitas vezes. Seu argumento principal é que têm muito maiores dificuldades do que nós no desbravamento dos planetas exteriores... e que a Terra desperdiça metade do material que usa.

- Em sua opinião, que lado está com a razão?

- Não sei. É difícil conhecer todos os fatos. Mas há muita gente na Terra que tem medo da Federação e não deseja dar-lhe mais poder. Os federais sabem disso. Um dia talvez agarrem primeiro para discutir depois.

Jamieson amassou os envoltórios e jogou-os no cesto de papéis usados. Olhou para o cronômetro, depois tomou seu lugar no banco do motorista.

- É tempo de nos pormos novamente em marcha - disse ele. - Estamos ficando atrasados.

Da Cordilheira Straight viraram para sudeste e finalmente a grande faixa do Promontório Laplace apareceu no horizonte. Quando davam a volta a ela, avistaram uma cena desconcertante: os amassados restos de um trator e, ao lado deles, um rústico monumento de pedras encimado por uma cruz de metal. O trator parecia ter sido destruído por uma explosão em seus tanques de combustível e era um modelo obsoleto de tipo que Wheeler nunca vira. Não ficou surpreso quando Jamieson lhe disse que estava ali há um século; ainda teria exatamente a mesma aparência um milhão de anos depois.

Quando passavam pela faixa do promontório, a imponente parede do norte da

Sinus Iridum - a Baía dos Arcos-íris - surgiu diante de seus olhos. Milênios antes, a Sinus Iridum havia sido uma montanha circular completa - uma das maiores planícies muradas da Lua. Mas o cataclisma que formou o Mar das Chuvas destruiu toda a parede do sul, de modo que agora só resta uma baía semicircular. Através dessa baía o Promontório Laplace e o Promontório Heráclides se olhavam, sonhando com o dia em que eram ligados por montanhas de quatro quilômetros de altura. daquelas montanhas perdidas, tudo quanto resta agora são algumas serras e colinas baixas.

Wheeler estava muito quieto quando o trator passou pelos grandes penhascos que se erguiam como uma fileira de titãs voltados de frente para a Terra. A luz verde que se derramava por seus flancos revelava todos os pormenores das paredes terraceadas. Jamais alguém escalara aquelas alturas, mas um dia, disse Wheeler sabia, homens ficariam em pé nos seus cumes e fariam vitoriosos o outro lado da baía. Era estranho pensar que depois de duzentos anos ainda havia tão grande parte da Lua nunca pisada por pés humanos e tantos lugares onde um homem precisava chegar sem nada que o auxiliasse, a não ser seu próprio esforço e aptidão.

Lembrou-se do primeiro vislumbre que tivera do Sinus Iridum, através do pequeno telescópio improvisado que construía quando menino. Não era mais do que duas pequenas lentes fixadas em um tubo de papelão, mas lhe dera mais prazer do que os gigantescos instrumentos que agora dominava.

Jamieson virou o trator, fazendo uma grande curva, e parou-o com a traseira voltada para o oeste. A linha que haviam seguido através da poeira era claramente visível, uma estrada que perduraria eternamente, a menos que tráfego posterior a apagasse.

- O fim da linha - disse ele. - Você pode tomar conta daqui por diante. A direção é sua até chegarmos a Platão. Depois me acorde e eu levarei o carro através das montanhas. Boa noite.

Como ele conseguia isso Wheeler não era capaz de imaginar, mas em dez minutos Jamieson estava dormindo. Talvez o delicado balanço do trator atuasse como acalento e Wheeler se perguntou até que ponto conseguiria evitar os socos e solavancos no caminho do Observatório. Bem, só havia um meio de descobrir... Olhou cuidadosamente a trilha poeirenta e começou a voltar pela estrada que levava a Platão.

8

Tinha que acontecer mais cedo ou mais tarde, disse Sadler consigo mesmo filosoficamente, enquanto batia na porta do Diretor. Fizera o possível, mas em trabalho como aquele era impossível evitar ferir os sentimentos de alguém. Seria interessante, muito interessante, saber quem se queixara...

O Professor Maclaurin era um dos homens menores que Sadler já vira. Era tão minúsculo que algumas pessoas cometiam o fatal erro de não levá-lo a sério. Sadler não cometeria essa tolice. Homens muito pequenos geralmente tomam o cuidado de compensar suas deficiências físicas (quantos ditadores chegaram a ter sequer a altura mediana?) e, pelo que todos diziam, Maclaurin era uma das figuras mais enérgicas na Lua.

Fitou Sadler por cima da superfície virgem e vazia de sua mesa. Não havia sequer um bloco de papel para quebrar a frieza -- só o pequeno painel do quadro de ligações do comunicador com seu alto-falante embutido. Sadler já ouvira falar nos singulares métodos de administração de Maclaurin e em seu ódio a anotações e memorandos. O Observatório era administrado, em seus negócios cotidianos, quase inteiramente por ordens verbais. Naturalmente, outras pessoas precisavam preparar avisos, horários e relatórios - mas Maclaurin só ligava seu microfone e dava ordens. O sistema funcionava impecavelmente pela simples razão de que o Diretor gravava tudo e podia tocar de novo em um momento a quem quer que dissesse:

"Mas, o senhor nunca me disse isso!" Dizia-se, embora Sadler desconfiasse que era calúnia, que Maclaurin praticara às vezes falsificação verbal, alterando retrospectivamente a gravação. É desnecessário dizer que essa acusação nunca poderia ser virtualmente provada.

O Diretor apontou para a única outra cadeira e começou a falar antes que Sadler chegasse até ela.

- Não sei de quem foi essa brilhante idéia começou ele. - Mas nunca me comunicaram que você viria aqui. Se tivessem me comunicado, eu teria pedido um adiantamento. Embora ninguém aprecie mais do que eu a importância de eficiência, estamos em época muito agitada. Parece-me que meus homens poderiam ser melhor empregados do que em explicar-lhe seu trabalho... particularmente quando estamos lidando com as observações de *Nova Draconis*.

-- Sinto muito que o senhor não tenha sido informado, Professor Maclaurin - respondeu Sadler. - Só posso presumir que os arranjos foram feitos quando o senhor estava em viagem para a Terra.

Perguntou a si próprio o que o Diretor pensaria se soubesse com que cuidado as coisas haviam sido preparadas precisamente dessa maneira.

- Compreendo que devo ser uma espécie de estorvo para seu pessoal, mas todos me deram o máximo de assistência e eu não tenho a menor queixa. De fato, eu pensava estar me dando muito bem com eles.

Maclaurin esfregou seu queixo pensativamente. Sadler fitou fascinado as minúsculas mãos, perfeitamente formadas, que não eram maiores que as de uma criança.

- Quanto tempo espera ficar aqui? - perguntou o Diretor. Ele certamente não se preocupa com meus sentimentos, pensou Sadler ironicamente.

- É muito difícil dizer... a área de minha investigação é tão indefinida. E será apenas lealdade de minha parte avisá-lo de que mal comecei na parte científica de seu trabalho, provavelmente a que apresentará maiores dificuldades. Até agora, limitei-me a Administração e Serviços Técnicos.

Essa notícia não pareceu agradar a Maclaurin. Parecia um pequeno vulcão preparando-se para uma erupção. Só havia uma coisa a fazer, e Sadler a fez rapidamente.

Foi até a porta, abriu-a depressa, olhou para fora e depois a fechou de novo. Essa cena de calculado melodrama deixou o Diretor sem fala, enquanto Sadler caminhou até a mesa e bruscamente desligou a chave do comunicador.

- Agora podemos conversar - começou ele.

- Eu queria evitar isso, mas parece que é inevitável. Provavelmente o senhor nunca viu um cartão como este.

O ainda estupefacto diretor, que provavelmente nunca fora tratado assim em sua vida, fitou a folha branca de plástico. Enquanto olhava, uma fotografia de Sadler, acompanhada de algumas inscrições, apareceu rapidamente - e depois desapareceu abruptamente.

- Que é - perguntou ele quando recuperou o fôlego - Central de Informações? Nunca ouvi falar nisso.

- Não deveria mesmo ter ouvido - respondeu Sadler. - É relativamente nova e muito pouco anunciada. Receio que o trabalho que estou fazendo aqui não seja exatamente o que parece. Para ser brutalmente franco, dificilmente poderia interessar-me menos a eficiência de seu estabelecimento e concordo inteiramente com todas as pessoas que me dizem ser absurdo colocar pesquisa científica na base de contabilidade de custos. Mas é uma história plausível, não acha?

- Continue - disse Maclaurin, com perigosa calma.

Sadler estava começando a divertir-se além das exigências do dever. Não convinha, porém, ficar embriagado pelo poder...

- Estou procurando um espião - disse, com fria e simples franqueza.

- Está falando sério? Nós estamos no século XXII!

- Estou falando absolutamente sério e não preciso dizer-lhe que nada deve revelar desta conversa a pessoa alguma, nem mesmo a Wagnall.

- Eu recuso acreditar - bufou Maclaurin que algum de meus funcionários esteja envolvido em espionagem. A idéia é fantástica.

- Sempre é - respondeu Sadler pacientemente. - Isso não altera a situação.

- Supondo-se que exista a mais ligeira base nessa acusação, o senhor tem alguma idéia de quem poderia ser?

- Se tivesse, receio que não poderia contar-lhe neste estágio. Mas vou ser absolutamente franco. Não temos certeza de que seja alguém daqui... estamos agindo apenas com base em uma nebulosa sugestão que um de nossos... ah.... agentes recolheu. Mas em algum lugar na Lua existe um vazamento de informações e eu estou investigando esta possibilidade determinada. Agora o senhor entende por que tenho sido tão inquisitivo. Procurei agir de acordo com meu papel e penso que agora todos me consideram como um caráter natural. Só posso esperar que nosso fugidio Sr. X, se existir, tenha-me aceito pelo meu valor aparente. A propósito, é por isso que eu gostaria de saber quem se queixou ao senhor. Suponho que alguém o fez.

Maclaurin hesitou através de monossílabos surdos por alguns instantes, depois se

rendeu.

- Jenkins, do Almoxarifado, insinuou que o senhor estava tomando muito de seu tempo.

- Muito interessante - disse Sadler, mais do que um pouco perplexo. Jenkins, almoxarife-chefe, nunca sequer chegara perto de sua lista de, suspeitos.

- Para dizer a verdade, passei relativamente pouco tempo lá... apenas o suficiente para tornar minha missão convincente. Preciso ficar de olho no Sr. Jenkins.

- Toda essa idéia é muito nova para mim falou Maclaurin pensativamente. - Mas mesmo que tivéssemos alguém aqui passando informações para a Federação, absolutamente não vejo como poderia fazê-lo. A menos que fosse um dos funcionários da sinalização, naturalmente.

- Esse é o problema chave - admitiu Sadler. Estava disposto a discutir os aspectos gerais do caso, pois o Diretor talvez fosse capaz de lançar alguma luz sobre eles. Sadler estava bem cômico de suas dificuldades e da magnitude da tarefa que lhe haviam confiado. Como contra-espião, sua posição era estritamente amadorística. O único consolo que possuía era que seu hipotético antagonista se encontraria na mesma situação. Espiões profissionais nunca foram muito numerosos em época alguma e o último deveria ter morrido há mais de um século.

- A propósito - perguntou Maclaurin, com uma risada forçada e pouco convincente - como sabe que não sou eu o espião?

- Eu não sei - respondeu Sadler jovialmente. - Em contra-espionagem, certeza é coisa rara. Mas nós fazemos o que podemos. Espero que o senhor não tenha sido seriamente incomodado durante sua visita à Terra.

Maclaurin fitou-o sem compreender por um momento. Depois seu queixo caiu.

- Então os senhores estiveram me investigando! - gaguejou indignado.

- Isso acontece aos melhores entre nós. Se lhe serve de consolo, pode imaginar pelo que eu passei antes que me dessem este serviço. E eu nunca o pedi...

- Então que deseja que eu faça? - resmungou Maclaurin.

Para um homem de seu tamanho, sua voz era surpreendentemente funda, embora tivessem dito a Sadler que quando ficava realmente aborrecido, sua voz adquiria um tom alto e esganiçado.

- Naturalmente, eu gostaria que me comunicasse qualquer suspeita que chegue a seu conhecimento. De tempos em tempos, talvez eu o consulte sobre vários pontos e ficarei muito contente em ouvir seus conselhos. No mais, por favor, dê-me o mínimo de atenção possível e continue a considerar-me como um aborrecimento.

- Isso - respondeu Maclaurin, com um fraco sorriso - não oferecerá dificuldades. Todavia, pode contar comigo para auxiliá-lo em todos os sentidos. Ainda que seja apenas para provar que suas suspeitas são infundadas.

- Sinceramente espero que sejam - respondeu Sadler. - E obrigado por sua cooperação... Eu a prezo muito.

Exatamente a tempo, parou de assoviar quando fechou a porta depois de passar. Sentia-se muito satisfeito pelo fato de a entrevista ter corrido tão bem, mas lembrava-se de que ninguém assoviava após ter tido uma entrevista com o Diretor. Assumindo uma expressão de grave serenidade, atravessou o escritório de Wagnall e saiu para corredor principal, onde imediatamente se encontrou com Jamieson e Wheeler.

- Você viu o Velho? - perguntou Wheeler ansiosamente. - Ele está de bom humor?

- Como essa foi a primeira vez que falei com ele, não tenho padrões de referência. Nós nos demos muito bem. Qual é o problema? Vocês parecem um par de colegas travessos.

- Ele acaba de chamar-nos - disse Jamieson.
- Não sabemos por que, mas provavelmente está procurando pôr-se a par do que aconteceu em sua ausência. Ele já felicitou Con pela descoberta de *Nova Draconis*, de modo que não pode ser isso. Receio que tenha descoberto que tomamos emprestado um cat para um passeio.

- Que há de mal nisso?
- Bem, eles só devem ser usados em serviços oficiais. Mas todo o mundo faz isso... desde que substituamos o combustível que consumimos, não há o menor prejuízo. Diabo, acho que eu não devia ter contado isso exatamente a você.

Sadler disse algumas palavras dúbias, depois percebeu com alívio que Jamieson se referia apenas a suas anunciadas atividades como vigilante financeiro.

-- Não se preocupe - falou rindo. - O pior uso que poderei dar à informação é . fazer chantagem com você para que me leve a um passeio. Espero que o Ve... que o Professor Maclaurin não lhes faça passar bocados muitos maus.

Todos os três ficariam muito surpreendidos se soubessem com que incerteza o próprio diretor estava encarando essa entrevista. Em ocasiões comuns, pequenas infrações das regras, como uso não autorizado de um trator, eram coisas de que Wagnall tratava, mas ali estava envolvida coisa mais importante. Até cinco minutos antes não tivera a menor idéia do que poderia ser e pedira para falar com Wheeler e Jamieson, a fim de descobrir o que estava acontecendo. O Professor Maclaurin orgulhava-se de manter-se em contato com tudo, e seus subordinados precisavam empregar certa quantidade de tempo e engenhosidade para fazer com que nem sempre fosse bem sucedido.

Wheeler, recorrendo prodigamente ao estoque de boa vontade que *Nova Draconis* lhe fornecera, fez um relato de sua missão extra-oficial. Procurou torná-lo lógico, como se os dois fossem um par de cavaleiros em armaduras saindo para o deserto, a fim de descobrir o dragão que estava ameaçando o Observatório. Nada escondeu de importante, o que foi bom para ele, pois o Diretor já sabia onde haviam estado.

Enquanto ouvia o relato de Wheeler, Maclaurin viu as peças do quebra-cabeça ajustando-se. Essa misteriosa mensagem da Terra, ordenando-lhe que conservasse seu pessoal fora do Mare Imbrium no futuro, devia ter-se originado do lugar que aqueles dois haviam visitado. O vazamento de informações que Sadler estava investigando também teria alguma relação com isso. Maclaurin ainda achava difícil acreditar que qualquer de seus homens fosse espião, mas percebia que espião era a última coisa que qualquer espião competente pareceria ser.

Dispensou Jamieson e Wheeler com uma distraída brandura que deixou os dois profundamente intrigados. Por um momento, ficou perdido em sombrios pensamentos. Talvez fosse coincidência, naturalmente... a história era muito lógica. Mas se um daqueles homens estivesse atrás de informação, havia seguido o caminho certo. Ou não havia? Um verdadeiro espião teria agido abertamente, sabendo que fatalmente atrairia suspeitas sobre si próprio? Não poderia ser um ousado blefe duplo, dentro do princípio de que ninguém suspeita seriamente de um ataque assim frontal?

Graças a Deus, o problema não era seu. Livrar-se-ia dele o mais depressa possível.

O Professor Maclaurin apertou o botão de TRANSMISSÃO e falou para a sala externa.

- Por favor, descubram o sr. Sadler para mim. Quero falar com ele novamente.

Ocorreu uma sutil mudança na posição de Sadler depois do regresso do Diretor. Era uma coisa que Sadler sabia que deveria acontecer, embora tivesse feito o máximo para proteger-se contra isso. Por ocasião de sua chegada, fora tratado com cortês suspeita por todos e precisara de vários dias de sólido trabalho de relações públicas para romper as barreiras. As pessoas tornaram-se amistosas e tagarelas, permitindo-lhe fazer algum progresso. Mas agora pareciam estar lamentando sua franqueza inicial e novamente o trabalho se tornava difícil.

Ele conhecia a razão. Sem dúvida ninguém desconfiava do verdadeiro propósito de sua presença ali, mas todos sabiam que o regresso do Diretor, longe de limitar suas atividades, melhorara de alguma maneira sua posição. Na ecoante caixa de ressonância do Observatório, onde rumores e mexericos circulavam com velocidade dificilmente inferior à da luz, era difícil guardar segredos. Devia ter circulado a notícia de que Sadler era mais importante do que parecia. Ele só esperava que demorasse muito tempo para que alguém calculasse até que ponto era mais importante...

Até então limitara sua atenção à seção administrativa. Isso era em parte uma questão de política, pois essa era a maneira como esperariam que agisse. Mas o Observatório realmente existia para os cientistas, não para cozinheiros, datilógrafos, contadores e secretários, por mais essenciais que estes últimos pudessem ser.

Se existisse um espião no Observatório, havia dois principais problemas a serem por ele enfrentados. Informação é inútil para um espião, a menos que possa ser transmitida a seus superiores. O Sr. X não precisava apenas ter contatos que lhe passassem material... precisava ter também um canal de saída para comunicação.

Fisicamente só havia três meios para sair do Observatório. Podia-se sair por monotrilha, em trator e a pé. O último caso não parecia ter probabilidade de ser importante. Em teoria, um homem poderia caminhar alguns quilômetros e deixar uma mensagem para ser recolhida em algum lugar previamente combinado. Mas procedimento tão peculiar logo seria notado e seria muito fácil investigar o pequeno número de homens da Manutenção, os únicos que usavam trajes espaciais regularmente. Cada saída e entrada através das esclusas de ar devia ser anotada, embora Sadler duvidasse que a regra fosse invariavelmente obedecida.

Os tratores eram mais promissores, pois permitiam muito maior raio de ação. Mas seu uso envolvia conluio, pois sempre levavam uma tripulação de pelo menos dois homens... regra que nunca era violada, por razões de segurança. Havia, naturalmente, o estranho caso de Jamieson e Wheeler. Seus antecedentes estavam sendo cuidadosamente investigados e Sadler receberia um relatório dentro de poucos dias. Mas o comportamento deles, embora irregular, não fora excessivamente ostensivo para justificar verdadeira suspeita.

Restava assim o monotrilha até a Cidade Central. Todo o mundo ia lá, em média, cerca de uma vez por semana. Lá havia possibilidades infinitas para a troca de mensagens e, naquele mesmo instante, numerosos "turistas" estavam discretamente verificando contatos e fazendo toda espécie de descobertas interessantes a respeito

da vida privada do pessoal do Observatório. Era pequena a participação que Sadler podia ter nesse trabalho, exceto fornecer listas das pessoas que visitavam a Cidade com maior frequência.

Só isso quanto às linhas físicas de comunicação. Sadler afastou todas elas de cogitação. Havia outros meios mais sutis e com muito maior probabilidade de serem usados por um cientista. Qualquer membro do quadro de pessoal do Observatório poderia construir um transmissor de rádio; e havia incontáveis lugares onde o aparelho poderia ser escondido. Era verdade que os monitores, escutando pacientemente, nada haviam captado, mas mais cedo ou mais tarde o Sr. X cometeria um erro.

Enquanto isso, Sadler precisaria descobrir o que estavam fazendo os cientistas. O curso intensivo de astronomia e física que frequentara antes de viajar para a Lua seria inteiramente inadequado para dar-lhe verdadeiro conhecimento do trabalho do Observatório, mas pelo menos lhe permitiria apreciar o contorno geral. E, se tivesse sorte, poderia eliminar alguns suspeitos de sua lista deprimentemente longa.

A seção de Computação não o reteve por muito tempo. Por trás de seus painéis de vidro, as imaculadas máquinas permaneciam em silenciosa cogitação, enquanto moças introduziam fitas com programas em seus insaciáveis maxilares. Na sala adjacente, à prova de som, as máquinas de escrever elétricas martelavam, imprimindo intermináveis fileiras e colunas de números. O Dr. Mays, chefe da seção, esforçou-se ao máximo para explicar o que se passava... mas era uma tarefa sem esperança. Aquelas máquinas haviam deixado muito para trás operações elementares como integração, funções de jardim da infância como cossenos e logaritmos. Lidavam com entidades matemáticas de que Sadler nunca ouvira falar e resolviam problemas cuja simples proposição não teria para ele o menor sentido.

Isso não o preocupava muito; vira o que desejava ver. Todo o equipamento principal era fechado à chave; só os engenheiros de manutenção, que ali compareciam uma vez por mês, podiam pôr as mãos nele. Sem dúvida, ali nada havia para ele. Sadler retirou-se nas pontas dos pés, como se estivesse saindo de um santuário.

A oficina ótica, onde pacientes artesãos modelavam vidro até a uma fração de milionésimo de polegada, empregando uma técnica inalterada durante séculos, fascinou-o, mas não adiantou sua busca. Espiou as margens de interferência produzidas por ondas de luz colidentes e observou-as disparar loucamente para trás e para frente enquanto o calor de seu corpo causava expansões microscópicas em blocos de vidro sem defeitos. Ali, arte e ciência se juntavam para alcançar perfeições não encontradas em qualquer outro lugar de toda a escala da tecnologia humana. Poderia haver alguma pista para ele ali, naquela enterrada fábrica de lentes, prismas e espelhos? Parecia muito improvável...

Ele se encontrava, pensou sombriamente Sadler, na situação de um homem em um escuro depósito de carvão, procurando um gato preto que talvez não estivesse lá. Ainda pior, para tornar a analogia mais exata, ele precisaria ser um homem que não sabia que aparência tinha um gato, mesmo quando o visse.

Suas discussões em particular com Maclaurin ajudaram-no muito. O Diretor ainda se mostrava cético, mas estava evidentemente cooperando ao máximo, ainda que fosse apenas para livrar-se desse incômodo intruso. Sadler podia interrogá-lo a respeito de todos os aspectos técnicos do trabalho do Observatório, embora tomasse o cuidado de não lhe dar indicações da direção em que suas investigações o estavam levando.

Compilou um pequeno prontuário de cada membro do quadro de pessoal - o que

não era pequena proeza, embora os dados fatuais lhe tivessem sido fornecidos antes de viajar para o Observatório. Para a maioria de seus pacientes, uma única folha de papel era suficiente, mas para alguns acumulava várias páginas de anotações crípticas. Os fatos de que tinha certeza escrevia a tinta; as especulações eram escritas a lápis, para que pudessem ser modificadas quando necessário. Algumas dessas especulações eram muito fantásticas e frequentemente caluniosas, sendo que Sadler muitas vezes se sentia envergonhado delas. Era difícil, por exemplo, aceitar bebida de alguém que registrara como suscetível de suborno, devido ao custo de manutenção de uma dispendiosa amante na Cidade Central...

Esse suspeito era um dos engenheiros de Construção. Sadler logo o eliminara como candidato provável a chantagem, pois, longe de esconder a situação, a vítima sempre se queixava amargamente das extravagâncias de sua amante. Chegara mesmo a advertir Sadler para que não assumisse compromissos semelhantes.

O sistema de arquivo era dividido em três partes.

A Seção A continha os nomes de uns dez homens que Sadler considerava suspeitos mais prováveis, embora não houvesse um único contra o qual existissem verdadeiras provas. Alguns estavam incluídos simplesmente porque teriam maior oportunidade de passar informação se desejassem. Wagnall era um deles. Sadler estava praticamente certo de que o Secretário era inocente, mas conservava-o na lista para maior garantia.

Vários outros haviam sido incluídos porque tinham parentes próximos na Federação ou porque criticavam muito abertamente a Terra. Sadler não imaginava realmente que um espião bem treinado se arriscasse a levantar suspeitas, comportando-se dessa maneira, mas precisava estar vigilante contra o amador entusiástico que poderia se igualmente perigoso. Os registros sobre espionagem atômica durante a Segunda Guerra Mundial haviam sido muito instrutivos nesse aspecto e Sadler estudara-os com muito grande cuidado.

Outro nome na Lista A era o de Jenkins, o almoxarife-chefe. Nesse caso havia apenas o mais tênue dos palpites, e todas as tentativas de Sadler para segui-lo foram inúteis. Jenkins parecia ser um indivíduo um tanto insociável, que se ressentia da interferência, e não era muito popular entre o resto do pessoal. Tirar alguma coisa dele em matéria de equipamento era considerado o trabalho mais difícil na Lua. Isso naturalmente poderia significar apenas que ele era um bom representante de sua tribo proverbialmente segura.

Restava aquela interessante dupla, Jamieson e Wheeler, que muito contribuía para animar o cenário do Observatório. Sua visita ao Mare Imbrium fora uma exploração bastante típica e seguira, segundo afirmavam a Sadler, o padrão de aventuras anteriores.

Wheeler era sempre o espírito orientador. Seu mal - se isso era um mal - consistia em ter excessiva energia e excessivos interesses. Ainda não tinha trinta anos; um dia, talvez, a idade e a responsabilidade o amadureceriam, mas até então não tivera muita oportunidade. Era fácil demais colocá-lo de lado como um caso de desenvolvimento interrompido, de rapaz de colégio que deixara de crescer. Tinha uma mente de primeira qualidade e nunca fazia coisa alguma que fosse realmente tolice. Embora houvesse muita gente que não gostava dele, particularmente após ter sido vítima de uma de suas brincadeiras de mau gosto, ninguém lhe desejava mal. Movia-se incólume através da pequena selva da política do Observatório e tinha as duradouras virtudes de honestidade e franqueza. Sabia-se sempre o que estava pensando e nunca era necessário pedir-lhe sua opinião. Ele a dava primeiro.

Jamieson tinha caráter muito diferente e, presumivelmente, era o contraste entre

suas personalidades que unia esses dois homens. Era uns dois anos mais velho do que Wheeler e considerado como influência moderadora sobre seu companheiro mais jovem. Sadler duvidava disso; pelo que podia julgar, a presença de Jamieson nunca fizera muita diferença no comportamento de seu amigo. Mencionou isso a Wagnall, que pensou por um momento e depois disse: - Sim, mas pense como Con seria muito pior se Sid não estivesse presente para vigiá-lo.

Sem dúvida Jamieson era muito mais estável e muito mais difícil de se conhecer. Não era tão brilhante quanto Wheeler e, provavelmente, nunca faria descobertas abaladoras, mas era um daqueles homens seguros e dignos de confiança, que fazem a arrumação essencial após os gênios terem aberto novo terreno.

Cientificamente seguro... sim. Politicamente seguro... era outra questão. Sadler procurava sondá-lo, sem tornar isso muito óbvio, mas até então com pouco êxito. Jamieson parecia mais interessado em seu trabalho e seu passatempo - a pintura de paisagens lunares - do que em política. Durante sua estada no Observatório, formara uma pequena galeria de arte e; sempre que tinha oportunidade, saía com traje espacial, carregando cavalete e tintas especiais feitas de óleos de baixa pressão de vapor. Precisara fazer muitas experiências para encontrar pigmentos capazes de ser usados no vácuo, e Sadler duvidava francamente de que os resultados valessem o esforço. Pensava conhecer arte o suficiente para concluir que Jamieson tinha mais entusiasmo do que talento, e Wheeler partilhava desse ponto de vista. "Dizem que os quadros de Sid crescem na gente depois de algum tempo", confidenciara ele a Sadler. "Pessoalmente, não sou capaz de pensar em destino mais horrível".

A Lista B de Sadler continha os nomes de todas as outras pessoas do Observatório que pareciam suficientemente inteligentes para serem espiãs. Era deprimentemente longa e, de tempos em tempos, ele a examinava tentando transferir pessoas para a Lista A ou - ainda melhor - para a terceira e última lista daqueles que estavam inteiramente livres de suspeita. Sentado em seu cubículo, baralhando suas folhas de papel e tentando colocar-se no lugar dos homens que vigiava, Sadler às vezes achava que estava praticando um jogo complicado, no qual a maioria das regras era flexível e todos os jogadores, desconhecidos. Era um jogo mortal, os lances estavam ocorrendo com acelerada rapidez - e de seu resultado poderia depender o futuro da raça humana.

A voz que saiu do alto-falante era grave, culta e sincera. Percorrera o espaço durante muitos minutos, transmitida através das nuvens de Vênus ao longo dos duzentos milhões de quilômetros até a Terra, depois retransmitida da Terra para a Lua. Após essa imensa viagem era ainda clara e limpa, quase sem ter sido tocada pela interferência ou distorção.

"A situação aqui endureceu-se depois de meu último comentário. Ninguém nos círculos oficiais expressa opinião, mas a imprensa e o rádio não são tão reticentes. Voei de Hesperus para cá hoje de manhã e as três horas que passei aqui foram suficientes para que eu avaliasse a opinião pública.

"Devo falar francamente, ainda que isso perturbe as pessoas na Terra. A Terra não é muito popular aqui. A expressão "cachorro comendo" é muito usada aqui. As dificuldades de suprimento da Terra são reconhecidas, mas pensa-se que os planetas da fronteira têm escassez de artigos essenciais, enquanto a Terra desperdiça grande parte de seus recursos em luxos triviais. Vou dar-lhes um exemplo: ontem chegou a notícia de que o posto avançado de Mercúrio havia perdido cinco homens em consequência de defeito em uma unidade de calefação de uma das cúpulas. O controle de temperatura falhou e a lava apanhou-os... morte não muito agradável. Se o fabricante não tivesse escassez de titânio, o acidente não teria acontecido.

"Naturalmente, não é justo culpar a Terra por isso. Mas é lamentável que apenas uma semana antes vocês tivessem cortado novamente a quota de titânio, e os grupos interessados daqui estão fazendo com que o público não se esqueça disso. Não posso ser mais específico, porque não quero ser tirado do ar, mas vocês entendem o que eu quero dizer.

"Não acredito que a situação fique pior, a menos que algum novo fator entre no quadro. Suponham, porém - e aqui desejo tornar claro que estou apenas considerando um caso hipotético - suponham que a Terra localizasse novos suprimentos de metais pesados. Nas profundezas ainda inexploradas dos oceanos, por exemplo. Ou mesmo na Lua, apesar das decepções que ela causou no passado.

"Se isso acontecer e a Terra tentar guardar para si a descoberta, as consequências poderão ser sérias. É muito fácil dizer que a Terra estaria no seu direito. Argumentos jurídicos não têm muito peso quando se enfrenta pressões de mil atmosferas em Júpiter ou se tenta descongelar as luas geladas de Saturno. Não se esqueçam, enquanto gozam de seus amenos dias de primavera e pacíficas noites de verão, de como são felizes em viver na região temperada do Sistema Solar, onde o ar nunca se congela e as rochas nunca se derretem...

"Que poderá fazer a Federação se surgir tal situação? Se eu soubesse, não poderia contar-lhes. Só posso fazer algumas conjecturas. Falar em guerra, no sentido antigo, parece-me absurdo. Qualquer dos lados poderia causar pesados danos ao outro, mas nenhuma verdadeira prova de força poderia ser conclusiva. A Terra tem muitos recursos, embora estejam perigosamente concentrados. E possui a maioria das naves do Sistema Solar.

"A Federação tem a vantagem da dispersão.

Como poderia a Terra travar uma luta simultânea com meia dúzia de planetas e luas, por mais mal equipados que possam estar? O problema de suprimento seria completamente sem esperança.

"Se, que não o permita Deus, se chegasse à violência, poderíamos ver repentinas incursões a pontos estratégicos por naves especialmente equipadas, que fariam um ataque e depois se retirariam para o espaço. Qualquer conversa sobre invasão interplanetária é pura fantasia. A Terra certamente não tem o menor desejo de ocupar outros planetas. E a Federação, ainda que desejasse impor sua vontade à Terra, não dispõe de naves nem de homens para um assalto em grande escala. Como vejo as coisas, o perigo imediato é que possa ocorrer algo como um duelo... onde e como cabe a cada um imaginar... no qual cada lado tentará impressionar o outro com seu poderio. Mas, a quem possa estar pensando em uma guerra limitada e cavalheiresca, eu advirto que guerras raramente são limitadas e nunca são cavalheirescas. Até logo, Terra... aqui é Roderick Beynon, falando de Vênus para vocês."

Alguém estendeu a mão e desligou o aparelho, mas a princípio ninguém parecia inclinado a iniciar a inevitável discussão. Depois Jansen, da Energia, disse em tom de admiração:

- Beynon tem peito, vocês precisam admitir. Ele não poupou golpes. Surpreende-me que o tenham deixado fazer essa transmissão.

- Eu penso que ele fala com bom senso observou Mays. O Papa da Computação tinha um estilo de falar lento e medido que contrastava estranhamente com a rapidez de relâmpago de suas máquinas.

- De que lado você está? - perguntou alguém com desconfiança.

- Oh, eu sou um neutro amistoso.

- Mas a Terra paga seu salário. Que lado você apoiaria se houvesse um encontro?

- Bem... isso dependeria das circunstâncias. Eu gostaria de apoiar a Terra. Mas me reservo o direito de tomar minha decisão. Quem disse "Meu planeta, certo ou errado" era um maldito tolo. Eu ficaria com a Terra se ela tivesse com a razão e provavelmente lhe daria o benefício da dúvida em um caso fronteiro. Mas não a apoiaria se achasse que sua causa era decididamente errada.

Houve um longo silêncio, durante o qual todos ponderaram isso. Sadler observava Mays atentamente, enquanto o matemático falava. Ele sabia que todos respeitavam a honestidade e a lógica de Mays. Um homem que estivesse trabalhando ativamente contra a Terra nunca se expressaria tão francamente assim. Sadler perguntou a si próprio se Maysalaria de maneira diferente se soubesse que um agente de contra-espionagem estava sentado a dois metros dele. Não acreditava que ele alterasse uma única palavra.

- Mas, que diabo! - disse o Engenheiro Chefe, que como de hábito estava obstruindo o fogo sintético. - Não se trata aqui de certo ou errado. Tudo quanto é descoberto na Terra ou na Lua nos pertence e nós podemos fazer o que quisermos com tudo.

- Sem dúvida... mas não se esqueça que estamos retardando nossas entregas de quotas, como disse Beynon. A Federação contava com elas para seus programas. Se repudiamos nossos acordos porque também não temos o material, é uma coisa. Mas é coisa muito diferente se nós temos o material e o estamos retendo para obter vantagens da Federação.

- Por que faríamos uma coisa dessas?

Foi Jamieson quem, inesperadamente, respondeu.

- Medo - disse ele. - Nossos políticos estão com medo da Federação. Sabem que ela já tem mais cérebros e um dia poderá ter mais força. A Terra será então superada.

Antes que alguém pudesse contestá-lo, Czuikov, do Laboratório de Eletrônica, tomou um rumo novo.

- Eu estava pensando - disse ele - naquela transmissão que acabamos de ouvir. Sabemos que Beynon é um homem bastante honesto, mas, afinal de contas, ele transmitia de Vênus, com a permissão deles. No que ele falou pode haver mais do que parece.

- Que quer dizer com isso?

- Ele pode estar fazendo a propaganda deles. Não conscientemente, talvez. É possível que o tenham induzido a dizer o que desejam que seja ouvido por nós. Aquela conversa sobre incursões, por exemplo. Talvez tenha o propósito de assustar-nos.

- É uma idéia interessante. Que pensa, Sadler? Você foi o último a vir da Terra.

Esse ataque frontal tomou Sadler de surpresa, mas ele devolveu a bola habilmente.

- Penso que a Terra não se atemorizaria assim tão facilmente. Mas o trecho que me interessou foi a referência à possibilidade de novos suprimentos na Lua. Parece que estão começando a circular rumores.

Essa foi uma indiscrição calculada da parte de Sadler. Não era, porém, grande indiscrição, pois não havia no Observatório quem não soubesse (a) que Wheeler e Jamieson haviam tropeçado em um estranho projeto governamental no Mare Imbrium e (b) que haviam recebido ordem para não falar a respeito. Sadler estava particularmente ansioso por ver qual seriam as reações deles.

Jamieson assumiu uma expressão de perplexa inocência, mas Wheeler não hesitou em morder a isca.

- Que esperava você? - disse ele. - Metade da Lua deve ter visto aquelas naves descendo no Mare. E deve haver centenas de trabalhadores lá. Não podem ter vindo todos da Terra... : eles irão à Cidade Central e falarão com suas garotas depois de beberem alguns drinques a mais.

Como ele tinha razão, pensou Sadler, e que dor de cabeça esse probleminha estava dando à Segurança.

- Seja como for _ continuou Wheeler - eu tenho uma mente aberta em relação ao assunto. Podem fazer o que quiserem lá, desde que não interfiram comigo. Pelo exterior do lugar nada se pode dizer... a não ser que está custando uma tremenda quantia de dinheiro ao pobre contribuinte.

Houve uma tosse nervosa por parte de um homenzinho manso da Instrumentação, onde ainda naquela manhã Sadler passara umas duas maçantes horas olhando telescópios de raios cósmicos, magnetômetros, sismógrafos, relógios de ressonância molecular e baterias de outros aparelhos que sem dúvida guardavam informações mais rapidamente do que seria possível a alguém analisar.

- Não sei se estão interferindo com você, mas estão criando um inferno para mim.

- Que quer dizer? - perguntaram todos ao mesmo tempo.

- Olhei há meia hora os medidores de força de campo magnético. Em geral o campo aqui é bem constante, exceto quando há uma tempestade, e sempre sabemos quando esperá-la. Mas no momento está acontecendo alguma coisa estranha. Os campos ficam subindo e descendo... não muito, apenas alguns micro-gauss... e eu tenho certeza de que isso é artificial. Verifiquei todo o equipamento do Observatório e todo o mundo jura que não está mexendo com magnetos. Fiquei

pensando se nossos amigos lá no Mare não seriam responsáveis e, apenas por acaso, olhei os outros instrumentos. Não encontrei coisa alguma até chegar aos sismógrafos. Temos um de telemedição perto da parede sul da cratera, como vocês sabem, e ele tem batido todo o lugar. Algumas oscilações pareciam explosões... estou sempre captando isso de Hyginus e das outras minas. Mas havia também nos traços algumas agitações peculiares que estavam quase sincronizadas com os pulsos magnéticos. Descontando-se a perda de tempo através da rocha, a distância conferia perfeitamente. Não há dúvida quanto ao lugar de onde vêm.

- Um interessante trabalho de pesquisa observou Jamieson - mas que significa isso?

- Existem provavelmente muitas interpretações. Mas eu diria que lá no Mare Imbrium alguém está gerando um colossal campo magnético, em pulsos que duram cerca de um segundo cada vez.

- E os tremores do solo.

- Apenas um subproduto. Existe muita rocha magnética aqui em volta e imagino que ela deve levar um forte choque quando aquele campo entra em ação. Vocês provavelmente não notariam aquele tremor do solo, mesmo que estivessem onde ele se inicia, mas nossos sismógrafos são tão sensíveis que podem localizar um meteoro caindo a vinte quilômetros de distância.

Sadler ouviu a discussão técnica resultante com grande interesse. Com tantas mentes afiadas preocupando-se com os fatos, era inevitável que alguém adivinhasse a verdade - e inevitável que outros a contestassem com suas próprias teorias. Isso não era importante; o que o lhe interessava era saber se alguém demonstrava especial conhecimento ou curiosidade.

Mas ninguém o fez e Sadler ficou ainda com suas três desencorajadoras proposições: o Sr. X era esperto demais para ele; o Sr. X não estava ali; ou o Sr. X absolutamente não existia.

11

Nova Draconis estava declinando. Não excedia mais em brilho todos os sóis da galáxia. No entanto, nos céus da Terra ainda era mais brilhante do que Vênus quando este mais brilhava e talvez transcorressem mil anos antes que homens vissem outra vez coisa igual.

Embora muito próxima pela escala de distâncias siderais, *Nova Draconis* ainda era tão distante que sua magnitude aparente não variava em toda a amplitude do Sistema Solar. Era vista com igual luminosidade acima das terras ardentes de Mercúrio e das geleiras nitrogenadas de Plutão. Efêmera como era, desviara por um momento as mentes dos homens de seus próprios negócios e fizera com que eles pensassem nas realidades últimas.

Mas não por muito tempo. A impetuosa luz violeta da maior nova da história brilhava agora sobre um sistema dividido, sobre planetas que haviam deixado de ameaçar-se e se preparavam para ação.

Os preparativos estavam muito mais adiantados do que o público percebia. Nem a Terra nem a Federação havia sido francas com seu povo. Em laboratórios secretos, homens estavam modificando para a destruição os instrumentos que lhes haviam dado a liberdade do espaço. Mesmo que os competidores trabalhassem com inteira independência, era inevitável que desenvolvessem armas semelhantes, pois se baseavam nas mesmas tecnologias.

Entretanto, cada lado tinha seus agentes e contra-agentes, e cada um sabia, pelo menos aproximadamente, que armas os outros estavam desenvolvendo. Talvez houvesse algumas surpresas qualquer uma das quais poderia ser decisiva mas, de maneira geral, os antagonistas estavam igualmente equilibrados.

Em um aspecto, a Federação levava grande vantagem. Podia ocultar suas atividades, suas pesquisas e suas provas, entre as luas e asteroides dispersos, sem qualquer possibilidade de descoberta. A Terra, por outro lado, não podia lançar uma única nave sem que a informação chegasse a Marte ou Vênus em questão de minutos.

A grande incerteza que castigava ambos os lados era a eficiência de seu serviço secreto. Se se chegasse à guerra, seria uma guerra de amadores. Serviço secreto exige tradição longa, embora talvez não honrosa; espões não podem ser treinados da noite para o dia e, mesmo que pudessem, a qualidade de discernimento que caracteriza um espião realmente brilhante não é fácil de se encontrar.

Ninguém tinha melhor consciência disso do que Sadler. Às vezes, perguntava a si próprio se seus colegas desconhecidos, espalhados pelo Sistema Solar, se sentiam igualmente frustrados. Só os homens no alto poderiam ver o quadro completo ou algo que se aproximasse dele. Sadler nunca imaginava o isolamento em que um espião precisa trabalhar - o sentimento horrível de estar sozinho, de não haver pessoa alguma em que se possa confiar, ninguém com quem se possa partilhar o fardo. Desde que chegara à Lua não falara - pelo menos até onde sabia - com qualquer outro membro da Central de Informações. Todos os seus contatos com a organização haviam sido impessoais e indiretos. Seus relatórios de rotina - que para qualquer leitor casual teriam parecido análises extremamente maçantes das contas

do Observatório - iam pelo monotrilho diário para a Cidade Central e ele tinha pouca idéia do que lhes acontecia depois disso. Algumas mensagens haviam chegado pelo mesmo meio e no caso de verdadeira emergência o circuito de teletipo estava à sua disposição.

Esperava seu primeiro encontro com outro agente, que fora combinado com semanas de antecedência. Embora duvidasse de que pudesse ter muito valor prático, daria a seu moral um incentivo muito necessário.

Sadler conhecia agora, pelo menos para sua satisfação, todos os aspectos principais da Administração e Serviços Técnicos. Olhara (de respeitável distância) o centro ardente da micro-pilha que era a principal fonte de energia do Observatório. Havia visto os grandes espelhos dos geradores solares esperando pacientemente o nascer do sol. Fazia anos que não eram usados, mas era agradável tê-los ali para um caso de emergência, prontos para aproveitar os ilimitados recursos do próprio sol.

A fazenda do Observatório surpreendera-o e fascinara-o mais do que tudo. Era estranho que nessa era de maravilhas científicas, de coisas sintéticas e coisas artificiais, ainda houvesse algumas coisas em que a Natureza não podia ser superada. A fazenda era parte integrante do sistema de ar condicionado e mostrava o que tinha de melhor durante o longo dia lunar. Quando Sadler a viu, linhas de lâmpadas fluorescentes proporcionavam um substituto para a luz do sol e placas de metal haviam sido fechadas sobre as grandes janelas que saudariam a aurora quando o sol se erguesse acima da parede ocidental de Platão.

Tinha a impressão de estar de novo na Terra, em alguma estufa bem equipada. O ar, movendo-se lentamente, passava pelas fileiras de plantas em crescimento, dava-lhes seu dióxido de carbono e saía não apenas mais rico em oxigênio, mas também com aquela indefinível frescura que os químicos nunca haviam conseguido produzir.

E ali Sadler foi presenteado com uma maçã pequena, mas muito madura, da qual todos os átomos haviam saído da Lua: Levou-a para seu quarto onde poderia saboreá-la sozinho e não se sentiu mais surpreendido pelo fato de a fazenda ser interditada a todos, exceto aos homens que dela cuidavam. As árvores logo ficariam nuas se qualquer visitante casual pudesse vagar por aqueles verdejantes corredores.

A seção de sinalização representava um contraste tão grande quanto seria possível imaginar. Ali estavam os circuitos que ligavam o Observatório à Terra, ao resto da Lua e, se necessário, diretamente a planetas. Era o perigo maior e mais óbvio. Toda mensagem que chegava ou partia era registrada e os homens que operavam o equipamento haviam sido investigados e reinvestigados pela Segurança. Dois deles haviam sido transferidos, sem saber a razão, para serviços menos sensíveis. Além disso - o que nem mesmo Sadler sabia - uma câmara telescópica, a trinta quilômetros de distância, tirava fotografias a cada minuto da grande coleção de transmissores que o Observatório usava para trabalho de longa distância. Se um desses projetores de rádio apontasse durante qualquer período de tempo para uma direção não autorizada, o fato seria logo conhecido.

Os astrônomos, sem exceção, mostravam-se todos muito dispostos a discutir seu trabalho e explicar seu equipamento. Se desconfiavam das perguntas de Sadler, não davam sinal disso. De sua parte, ele era muito cuidadoso em não sair do papel que adotara. A técnica que usava era a de franqueza de homem para homem: "Naturalmente, este não é de fato meu trabalho, mas interesse-me muito por astronomia e, enquanto estiver aqui na Lua, desejo ver tudo quanto puder. Naturalmente, se você está muito ocupado no momento..." Funcionava sempre como por encanto.

Wagnall em geral fazia os preparativos e amaciava o caminho para ele. O Secretário fora tão útil que a princípio Sadler se perguntara se ele não estaria procurando proteger-se, -mas novas indagações mostraram que Wagnall era assim mesmo. Era uma daquelas pessoas que não podem deixar de tentar dar boa impressão, simplesmente porque desejam estar bem com todo o mundo. Ele devia achar singularmente frustrador, pensou Sadler, trabalhar para um peixe frio como o Professor Maclaurin.

O coração do Observatório era, naturalmente, o telescópio de mil centímetros - o maior instrumento ótico já feito pelo homem. Ficava no alto de uma pequena colina a certa distância da área residencial e era mais impressionante do que elegante. O enorme cano era cercado por uma estrutura semelhante a guindaste que controlava seu movimento vertical, e toda a estrutura podia girar sobre uma pista circular.

- Não tem a menor semelhança com qualquer telescópio da Terra - explicou Molton quando estavam parados juntos dentro da cúpula de observação mais próxima, olhando através da planície. - O tubo, por exemplo. É feito de tal modo que podemos trabalhar mesmo durante o dia. Sem ele, a luz do sol refletir-se-ia das estruturas de apoio para o espelho. Isso arruinaria nossas observações e o calor deformaria o espelho. Poderia demorar horas para ajustar de novo. Os grandes refletores na Terra não precisam preocupar-se com coisas dessa espécie. Só são usados à noite... aqueles que ainda estão em ação.

- Eu não sabia ao certo se ainda havia algum observatório ativo na Terra - observou Sadler.

- Oh, existem alguns. Quase todos são estabelecimentos de treinamento, naturalmente. Verdadeira pesquisa astronômica é impossível lá naquela atmosfera de sopa de ervilha. Veja meu trabalho, por exemplo... espectroscopia de ultravioleta. A atmosfera da Terra é completamente opaca para os comprimentos de onda em que eu estou interessado. Ninguém as tinha observado até o momento em que saímos para o espaço. As vezes eu me pergunto como a astronomia se iniciou na Terra.

- A armação parece-me estranha - observou Sadler pensativamente. - Assemelha-se mais a um canhão do que a qualquer telescópio que já vi.

- Exatamente. Não se preocuparam em fazer uma armação tropical. Existe um computador automático que faz o aparelho acompanhar qualquer estrela que tenhamos determinado. Mas vamos lá embaixo e você verá o que acontece na parte final.

O laboratório de Molton era uma fantástica confusão de equipamentos meio montados, dos quais dificilmente Sadler reconheceria algum. Quando se queixou disso, seu guia pareceu muito divertido.

- Não precisa envergonhar-se disso. Nós planejamos e construímos a maior parte disto aqui... estamos sempre tentando fazer melhoramentos. Mas, falando por alto, o que acontece é isto: a luz do espelho grande... aqui estamos diretamente embaixo dele... é trazida para baixo por aquele tubo ali. Não posso demonstrar no momento, porque alguém está tirando fotografias e meu turno só começará daqui a uma hora. Mas quando chegar meu turno, eu poderei escolher qualquer parte do céu que queira por meio desta mesa de controle remoto e fixar o instrumento sobre ela. Depois, a única coisa que preciso fazer é analisar a luz com estes espectroscópios. Receio que você não possa ver muita coisa de seu funcionamento... são todos totalmente fechados. Quando estão em uso, todo o sistema ótico precisa ser evacuado, pois, como disse ainda há pouco, mesmo um traço de ar obstrui os raios ultra violetas.

Sadler foi repentinamente atacado por uma idéia incongruente.

- Diga-me - falou correndo os olhos pela confusão de fios, pelas baterias de contadores eletrônicos, pelos atlas de linhas espectrais - você já olhou alguma vez através desse telescópio?

Molton sorriu para ele.

- Nunca - respondeu. - Não seria difícil conseguir isso, mas absolutamente não haveria vantagem. Todos esses telescópios realmente grandes são supercâmeras. E quem deseja olhar através de uma câmara?

Havia, porém, outros telescópios no Observatório através dos quais se podia olhar sem tanta dificuldade. Alguns dos instrumentos menores eram ajustados a câmaras de televisão que podiam ser colocadas em posição quando era necessário procurar cometas ou asteroides cuja localização exata se desconhecia. Uma ou duas vezes, Sadler conseguiu emprestado um desses instrumentos e varreu os céus ao acaso, a fim de ver o que podia descobrir. Discava uma posição na mesa de controle remoto, depois espiava na tela para ver o que apanhara. Depois de algum tempo descobriu como usar o Almanaque Astronáutico e foi um grande momento quando acertou as coordenadas de Marte e viu-o aparecer no meio do campo.

Fitou com sentimentos mistos o grande disco verde e ocre que quase enchia a tela. Uma das calotas polares estava ligeiramente inclinada para o sul - era no início da primavera e as grandes tundras cobertas de gelo se descongelariam lentamente depois do duro inverno. Um belo planeta para se olhar do espaço, mas um planeta difícil para se construir uma civilização. Não era de admirar que seus vigorosos filhos estivessem perdendo a paciência com a Terra.

A imagem do planeta era incrivelmente nítida e clara. Não havia o menor tremor ou instabilidade enquanto ele flutuava no campo de visão, e Sadler, que uma vez vislumbrara Marte através de um telescópio na Terra, podia ver agora com seus próprios olhos como a astronomia se libertara de seus grilhões quando a atmosfera fora deixada para trás. Observadores localizados na Terra haviam estudado Marte durante décadas com instrumentos maiores do que aquele, mas ele podia ver agora em poucas horas mais do que eles haviam vislumbrado durante toda a vida. Não estava mais perto de Marte do que eles haviam estado - de fato, o planeta estava agora à considerável distância da Terra - mas não havia a trêmula e dançante névoa de ar para velar sua vista.

Depois que Marte o saciou, procurou Saturno.

A pura beleza do espetáculo deixou-o sem fôlego. Parecia impossível que não estivesse olhando para uma perfeita obra de arte, em lugar de uma criação da Natureza. O grande globo amarelo, ligeiramente achatado nos polos, flutuava no centro de seu complicado sistema de anéis. As fracas faixas e tonalidades das perturbações atmosféricas eram claramente visíveis, mesmo a dois bilhões de quilômetros através do espaço. E, além das cintas concêntricas dos anéis, Sadler pôde contar pelo menos sete das luas do planeta.

Embora soubesse que o olho de operação instantânea da câmara de televisão nunca poderia equiparar-se à paciente chapa fotográfica, procurou também algumas das distantes nebulosas e grupos de estrelas. Deixou o campo de visão vaguear ao longo do congestionado caminho da Via Láctea, fixando a imagem sempre que algum grupo de estrelas particularmente belo ou nuvem de neblina cintilante aparecia na tela. Depois de algum tempo, pareceu a Sadler que se embriagara com o infinito esplendor dos céus. Precisava de alguma coisa que o trouxesse de volta ao reino dos negócios humanos. Por isso, virou o telescópio em direção à Terra.

Era tão enorme que mesmo com o mínimo de potência só podia introduzir parte dela na tela. O grande crescente estava minguando rapidamente, mas mesmo a

porção não iluminada do disco era cheia de interesse. Lá embaixo, de noite, havia os incontáveis clarões fosforescentes que assinalavam a posição das cidades - e lá embaixo estava Jeanette, agora dormindo, mas talvez sonhando com ele. Pelo menos, Sadler sabia que ela recebera sua carta; sua resposta perplexa, mas cautelosa, fora tranquilizadora, embora o tom de solidão e de silenciosa censura tivesse dilacerado seu coração. Teria ele, afinal de contas, cometido um erro? Às vezes lamentava amargamente a convencional cautela que reinara no primeiro ano de sua vida de casado. Como a maioria dos casais do superpovoado planeta que flutuava diante de seus olhos, haviam esperado que sua compatibilidade ficasse provada antes de embarcar na aventura da paternidade. Nessa era, representava definido estigma social o fato de ter filhos antes de estar casado durante vários anos - era uma prova de fraqueza e irresponsabilidade.

Ambos desejavam ter filhos e, agora que tais questões podiam ser decididas antecipadamente, pretendiam começar com um menino. Depois Sadler recebera sua missão e percebera pela primeira vez toda a seriedade da situação interplanetária. Não desejaria trazer Jonathan Peter para o incerto futuro que havia à frente.

Em épocas anteriores poucos homens teriam hesitado por tal razão. De fato, a possibilidade de sua própria extinção muitas vezes fazia com que se tornassem mais ansiosos em procurar a única imortalidade que os seres humanos podem conhecer. Mas o mundo estivera em paz durante duzentos anos e, se viesse agora uma guerra, o complexo e frágil padrão de vida na Terra poderia desfazer-se em pedaços. Uma mulher sobrecarregada com um filho talvez tivesse pouca probabilidade de sobrevivência.

Talvez tivesse sido melodramático e deixado que seus temores dominassem sua capacidade de discernimento. Se Jeanette conhecesse todos os fatos, ainda assim não teria hesitado; teria corrido o risco. Mas, como não podia falar-lhe livremente, ele não quis aproveitar-se de sua ignorância.

Era tarde demais para arrepende-se: tudo quanto amava estava lá naquele mundo adormecido, separado dele pelo abismo do espaço. Seus pensamentos haviam completado o círculo. Ele fizera a viagem da estrela ao homem, através do imenso deserto do cosmo até o solitário oásis da alma humana.

- Não tenho razão para supor - disse o homem de terno azul- que alguém suspeite de você, mas seria difícil um encontro discreto na Cidade Central. Há muita gente em volta e todo o mundo conhece todo o mundo. Você ficaria surpreso se soubesse como é difícil ter algum isolamento.

- Não acha que parecerá estranho eu vir aqui? - perguntou Sadler.

- Não... a maioria dos visitantes faz isso, quando pode. É como ir às Cataratas do Niágara... uma coisa que ninguém deseja perder. Não se pode culpá-los, não acha?

Sadler concordou. Ali estava um espetáculo que nunca poderia ser uma decepção, que sempre superaria toda publicidade prévia. Mesmo agora, o choque de sair para aquele balcão não havia passado completamente. Sadler bem podia acreditar que muitas pessoas fossem fisicamente incapazes de subir até aquele ponto.

Estava em pé em cima do nada, fechado em um cilindro transparente que se projetava da beirada do canyon. O passadiço de metal embaixo de seus pés e o fino corrimão eram os únicos símbolos de segurança oferecidos a ele. Seus dedos ainda se agarravam firmemente àquele corrimão...

A Fenda de Higynus inclui-se entre as maiores maravilhas da Lua. De uma ponta a outra há mais de trezentos quilômetros de comprimento e, em certos lugares, cinco quilômetros de largura. Não é tanto um canyon quanto uma série de crateras interligadas, abrindo-se em dois braços a partir de um vasto poço central. E é a porta através da qual homens chegaram aos tesouros enterrados na Lua.

Sadler não conseguia agora olhar para as profundezas sem perturbar-se. Infinitamente mais abaixo, segundo parecia, alguns estranhos insetos rastejavam vagorosamente de um lado para outro em pequenos focos de luz artificial. Se alguém focalizasse uma lanterna sobre um grupo de baratas, estas teriam igual aparência.

Todavia, aqueles insetos, Sadler sabia, eram as grandes máquinas de mineração em atividade no fundo do canyon. Era surpreendentemente liso lá embaixo, tantos milhares de quilômetros abaixo, pois parecia que a lava inundara a fenda logo depois de sua formação e, em seguida, se congelara em um rio de rocha enterrado.

A Terra, quase verticalmente em cima, iluminava a grande parede imediatamente oposta. O canyon afastava-se para a direita e para a esquerda até onde alcançava a vista e, às vezes, a luz verde-azulada, caindo sobre a superfície da rocha, produzia uma ilusão muito inesperada. Sadler achou fácil imaginar que, se movesse repentinamente a cabeça, estaria olhando para o coração de uma gigantesca cascata, que se precipitava nas profundezas da Lua.

Ao longo da superfície daquela cascata, nos invisíveis fios de cabos elevadores, as caçambas de minérios subiam e desciam. Sadler vira aquelas caçambas movendo-se nas linhas superiores para fora da fenda e sabia que tinham altura maior do que a sua. Agora, porém, pareciam contas movendo-se vagorosamente ao longo de um fio, enquanto levavam sua carga para as distantes usinas de fundição. É uma pena, pensou, que estejam apenas carregando enxofre, oxigênio, sódio e alumínio seria melhor para nós menor quantidade de elementos leves e maior de pesados.

Mas ele fora chamado até ali para tratar de negócios, não para ficar boquiaberto como um turista. Tirou as anotações cifradas de seu bolso e começou a fazer seu relatório.

Não demorou tanto tempo quanto teria desejado. Não havia meios de saber se seu ouvinte estava satisfeito ou decepcionado com o inconclusivo resumo. Ele pensou a respeito por um minuto, depois observou:

- Gostaria que pudéssemos dar-lhe mais ajuda, mas você bem pode imaginar como estamos agora com falta de pessoal. As coisas estão ficando feias... Se vai haver alguma encrenca, acreditamos que será nos próximos dez dias. Alguma coisa está acontecendo em volta de Marte, mas não sabemos o que é. A Federação esteve construindo pelo menos duas naves de tamanho extraordinário e pensamos que estejam experimentando-as. Infelizmente não temos um único dado visual... só alguns rumores que não têm sentido, mas alertaram a Defesa. Estou lhe contando isto para dar-lhe mais informação básica. Ninguém aqui sabe a respeito e se você ouvir alguma pessoa falando nesse sentido, isso significará que ela teve acesso a informação sigilosa. Agora, quanto à sua curta lista de suspeitos provisórios. Vejo que você incluiu Wagnall, mas ele está limpo conosco.

- Está bem... vou mudá-lo para a Lista B.
- Depois Brown, Lefevre e Tolanski... eles certamente não têm contatos aqui.
- Tem certeza disso?
- Bastante. Eles usam suas horas de folga em atividades altamente apolíticas.
- Eu desconfiava disso, observou Sadler, permitindo-se o luxo de um sorriso. - Vou tirá-los de uma vez.

- Agora, este Jenkins, do Almoxarifado. Por que insiste tanto em conservá-lo na lista.

- Não tenho o menor indício verdadeiro. Mas ele parece ser a única pessoa que fez objeções às minhas atividades ostensivas.

- Bem, continuaremos a vigiá-lo. Ele vai à cidade com muita frequência, mas naturalmente tem bons pretextos... é ele quem faz a maioria das compras locais. Isso deixa cinco nomes em sua Lista A, não é?

- Sim... e francamente eu ficaria surpreso se fosse qualquer um deles. Wheeler e Jamieson nós já discutimos. Sei das suspeitas de Maclaurin com relação a Jamieson depois daquela viagem ao Mare Imbrium, mas não confio muito nisso. De qualquer maneira, foi principalmente idéia de Wheeler.

- Depois há Benson e Carlin. Suas esposas vieram de Marte e eles apresentam constantes argumentos quando as notícias estão sendo discutidas. Benson é eletricista na Manutenção Técnica; Carlin é atendente médico. Poder-se-la dizer que eles têm algum motivo, mas é muito tênue. Além disso, seriam suspeitos óbvios demais.

- Bem, aqui está outro que nós gostaríamos que você elevasse para sua lista A. Este Molton.

- O Dr. Molton? - exclamou Sadler com certa surpresa. - Alguma razão particular?
- Nada sério, mas ele esteve em Marte várias vezes em missões astronômicas e tem alguns amigos lá.

- Ele nunca fala em política... eu o sondei uma ou duas vezes e ele simplesmente pareceu não se interessar. Penso que não se encontra com muita gente na Cidade Central... parece completamente absorto em seu trabalho e acho que ele vai à cidade apenas para manter-se em forma no ginásio. Vocês não têm mais alguma coisa?

- Não... sinto muito. É ainda um caso de cinquenta por cento. Existe um

vazamento em algum lugar, mas talvez seja na Cidade Central. O relatório a respeito do Observatório pode ser uma trama deliberada. Como você diz, é muito difícil ver como alguém de lá poderia transmitir informação. Os monitores de rádio nada captaram, a não ser algumas mensagens pessoais não autorizadas, mas inteiramente inocentes.

Sadler fechou sua caderneta e guardou-a com um suspiro. Olhou mais uma vez para as vertiginosas profundezas sobre as quais estava inseguramente flutuando. As baratas rastejavam rapidamente para longe de um ponto na base do penasco e, de repente, uma mancha pareceu espalhar-se devagar sobre a parede iluminada. (A que distância? Dois quilômetros? Três?) Uma nuvem de fumaça apareceu e dispersou-se distantemente no vácuo. Sadler começou a contar os segundos para calcular a distância da explosão e chegou a doze, antes de lembrar-se que estava desperdiçando seu esforço.

Mesmo que fosse uma bomba atômica, nada teria ouvido de onde estava.

O homem de terno azul ajustou a alça de sua máquina fotográfica, acenou com a cabeça para Sadler e voltou a ser novamente o turista perfeito. - Dê-me dez minutos para eu ir embora na sua frente - disse ele - e lembre-se de não me reconhecer se nos encontrarmos de novo.

Sadler ficou quase ressentido com esta última advertência. Afinal de contas, não era um completo amador. Fazia quase meio dia lunar que estava em plena operação.

O movimento era fraco no pequeno café da estação de Hyginus e Sadler viu-se praticamente sozinho. A incerteza geral desencorajava turistas. Quem se encontrasse na Lua, estaria procurando voltar para casa tão depressa quanto lhe permitissem os vôos espaciais. Provavelmente estavam agindo certo. Se houvesse encrenca, seria ali. Ninguém realmente acreditava que a Federação atacasse diretamente a Terra e destruísse milhões de vidas inocentes. Tais barbaridades pertenciam ao passado - era o que se esperava. Mas como se poderia ter certeza? Quem sabia o que poderia acontecer se estourasse a guerra? A Terra era tão terrivelmente vulnerável.

Por um momento Sadler perdeu-se em devaneios de saudade e autopiedade. Ficou pensando se Jeanette adivinhara onde ele estava. Agora, não tinha certeza de desejar que ela soubesse. Isso só aumentaria suas preocupações.

Enquanto tomava café - que pedira automaticamente, embora nunca tivesse encontrado na Lua café digno de ser bebido - considerou a informação que lhe dera seu desconhecido contato. A sugestão a respeito de Molton fora uma clara surpresa e não a levava muito a sério. Havia no astrofísico uma espécie de honestidade que tornava difícil imaginá-lo como espião. Sadler sabia perfeitamente bem que era fatal confiar em tais palpites e, fossem quais fossem seus sentimentos, prestaria agora extraordinária atenção a Molton. Mas apostou consigo mesmo que isso não levaria a coisa alguma.

Reuniu todos os fatos de que pôde se lembrar a respeito do chefe da seção de Espectroscopia. Já sabia que Molton fizera três viagens a Marte. A última visita fora um ano antes, e o próprio Diretor estivera lá mais recentemente. Além disso, na fraternidade interplanetária de astrônomos não havia provavelmente membro do escalão superior que não tivesse amigos tanto em Marte como Vênus.

Haveria algumas características estranhas a respeito de Molton? Nenhuma em que Sadler pudesse pensar, a não ser aquela curiosa insociabilidade que parecia conflitar com um verdadeiro calor interior. Havia naturalmente seu divertido e até comovente "canteiro de flores", como ouvira alguém chamá-lo. Mas, se começasse a investigar excentricidades inocentes como essa, nunca chegaria a lugar algum.

Havia, porém, uma coisa que talvez valesse a pena examinar. Anotaria a loja onde

Molton comprava os materiais de que precisava (era quase o único lugar que Molton visitava além do ginásio), para que um dos contra agentes na cidade pudesse sondá-la. Sentindo-se bastante satisfeito consigo mesmo ao demonstrar assim que não estava deixando passar probabilidades, Sadler pagou sua conta e atravessou o curto corredor que ligava o café à estação quase deserta.

Voltou para a Cidade Central pelo ramal de pouco movimento, sobre o terreno incrivelmente acidentado de Trisnecker. Durante quase toda a viagem a linha do monotrilho era acompanhada pelas torres através das quais passavam as caçambas cheias que saíam de Hyginus e as vazias que voltavam. Os compridos cabos, com quilômetros de extensão, eram o meio mais barato e mais prático de transporte - quando não havia pressa especial na entrega dos produtos. Logo em seguida as cúpulas da Cidade Central apareceram, mas os cabos mudaram de direção e viraram para a direita. Sadler pode vê-los descendo até o horizonte, em direção às grandes indústrias químicas que, direta ou indiretamente, alimentavam e vestiam todos os seres humanos na Lua.

Não se sentia mais um estranho na cidade e foi de cúpula para cúpula com a segurança de um viajante experimentado. A primeira prioridade era um tardio corte de cabelos. Um dos cozinheiros do Observatório ganhava dinheiro extraordinário como barbeiro, mas tendo visto os resultados, Sadler preferia apegar-se aos profissionais. Depois houve tempo apenas para ir ao ginásio e ficar quinze minutos na centrífuga.

Como de hábito, o ginásio estava cheio de funcionários do Observatório desejosos de assegurar sua capacidade de viver novamente na Terra quando desejassem. Havia uma lista de espera para a centrífuga, por isso Sadler enfiou suas roupas em um armário e foi dar um mergulho até quando o zumbido declinante do motor lhe disse que a grande máquina estava pronta para receber nova carga de passageiros. Notou, com tortuoso divertimento, que dois de seus suspeitos da Lista A - Wheeler e Molton - e nada menos que sete da Classe B estavam presentes. Mas no caso da Classe B não era tão surpreendente. Noventa por cento dos funcionários do Observatório constavam daquela comprida lista, que, se precisasse receber um título, deveria chamar-se: "Pessoas suficientemente inteligentes e ativas para serem espiãs, mas a respeito das quais não existe o menor indício em um sentido ou outro".

A centrífuga recebia seis pessoas e tinha algum engenhoso dispositivo de segurança que não a deixava movimentar-se, a menos que o peso estivesse convenientemente equilibrado. Recusou cooperar, até que um homem gordo à esquerda de Sadler trocou de lugar com um homem magro do lado oposto. Depois o motor começou a adquirir velocidade e o grande cilindro, com sua carga humana ligeiramente ansiosa, passou a girar sobre seu eixo. À medida que a velocidade aumentava, Sadler sentia seu peso crescer firmemente. A direção da vertical estava também mudando - girava em direção ao centro do cilindro. Respirou fundo e tentou ver se podia erguer os braços. Estes pareciam feitos de chumbo.

O homem à direita de Sadler levantou-se cambaleando e começou a andar de um lado para outro, conservando-se dentro das linhas brancas cuidadosamente definidas que marcavam os limites de seu território. Todos os outros faziam o mesmo: era fantástico vê-los em pé sobre o que, do ponto de vista da Lua, era uma superfície vertical. Mas estavam colados a ela por uma força seis vezes maior do que a fraca gravidade da Lua - uma força igual ao peso que teriam na Terra.

Não era uma sensação agradável. Sadler achava quase impossível acreditar que, até alguns dias antes, passara toda sua existência em um campo de gravidade com força igual a essa. Presumivelmente se acostumaria de novo, mas no momento se

sentia tão fraco quanto um gatinho. Ficou muito satisfeito quando a centrífuga diminuiu de velocidade e ele pode voltar vagarosamente à delicada gravidade da amistosa Lua.

Sentia -se cansado e um tanto desencorajado quando o monotrilha saiu da Cidade Central. Nem mesmo o breve vislumbre que teve do novo dia, quando o sol ainda oculto tocava os mais altos picos das montanhas ocidentais, conseguiu animá-lo. Fazia mais de doze dias do tempo da Terra que se encontrava ali e a longa noite lunar estava terminando. Mas receava pensar no que o dia poderia trazer.

Todo homem tem sua fraqueza, se soubermos descobri-la. A de Jamieson era tão óbvia que parecia injusto explorá-la, mas Sadler não podia dar-se ao luxo de ter escrúpulos. Todos no Observatório consideravam a pintura do jovem astrônomo como motivo de brando divertimento e não lhe davam o menor encorajamento. Sadler, sentindo-se um grande hipócrita, começou a desempenhar o papel de admirador simpático.

Demorou algum tempo para vencer a reserva de Jamieson e levá-lo a falar francamente. O processo não poderia ter sido apressado sem despertar suspeita, mas Sadler fez bastante progresso pela simples técnica de apoiar Jamieson quando seus colegas caíam sobre ele. Isso acontecia, em média, toda vez que ele apresentava um novo quadro.

Desviar a conversa de arte para política exigiu menos habilidade do que seria de se esperar, pois a política nunca estava muito distante nesses dias. No entanto, estranhamente, foi o próprio Jamieson quem levantou as questões que Sadler estava tentando formular. Evidentemente estivera pensando muito, à sua metódica maneira, lutando com o problema que preocupava todo cientista em escala cada vez maior, desde o dia em que a bomba atômica nasceria na Terra.

- Que faria você - perguntou ele abruptamente a Sadler, algumas horas após este último ter regressado da Cidade Central - se precisasse escolher entre a Terra e a Federação?

- Por que me pergunta? - respondeu Sadler, tentando ocultar seu interesse.

- Tenho perguntado isso a muita gente - respondeu Jamieson. Havia ansiedade em sua voz, indicando a perplexa dúvida de quem procura orientação em um mundo estranho e complexo. - Lembra -se daquela discussão que tivemos na Sala Comum quando Mays disse que quem acreditasse em "Meu planeta, certo ou errado" seria um tolo?

- Lembro-me - respondeu Sadler cautelosamente.

- Eu penso que Mays estava certo. Lealdade não é apenas uma questão de nascimento, mas de ideais. Pode haver ocasiões em que moral e patriotismo se chocam.

- Como você começou a filosofar dessa maneira?

A resposta de Jamieson foi inesperada.

- Por causa de *Nova Draconis* - disse ele. Acabamos de receber os relatórios dos observatórios da Federação situados além de Júpiter. Foram enviados através de Marte e alguém lá juntou uma nota a eles... Molton mostrou-a a mim. Não estava assinada e era bem curta. Dizia simplesmente que, acontecesse o que acontecesse... e a expressão foi repetida duas vezes... eles fariam com que seus relatórios continuassem chegando às nossas mãos.

Um tocante exemplo de solidariedade científica, pensou Sadler. Evidentemente causara profunda impressão em Jamieson. A maioria dos homens - certamente a maioria dos homens que não fossem cientistas - teria achado o incidente bastante trivial. Mas ninharias como essa podiam mudar a mente de homens em momentos cruciais.

- Não sei exatamente o que você deduz disso - falou Sadler, sentindo-se como se estivesse patinando sobre gelo muito fino. Afinal de contas, todo o mundo sabe que a Federação tem muitos homens tão honestos, bem intencionados e cooperativos quanto qualquer um daqui. Mas não se pode governar um sistema solar com base em acessos de emoção. Você realmente hesitaria se houvesse um encontro entre a Terra e a Federação?

Houve uma longa pausa. Depois Jamieson suspirou.

- Eu não sei - respondeu ele. - Realmente não sei.

Era uma resposta absolutamente franca e honesta. Para Sadler, eliminava virtualmente Jamieson de sua lista de suspeitos.

O fantástico incidente do projetor no Mare Imbrium ocorreu quase vinte e quatro horas mais tarde. Sadler ouviu falar a respeito quando se juntou a Wagnall para o café da manhã, como geralmente fazia quando estava perto da Administração.

- Aqui está uma coisa para fazer você pensar - disse Wagnall, quando Sadler entrou na Sala do Secretário. - Um dos técnicos da Eletrônica estava agora há pouco lá em cima na cúpula, admirando a vista, quando de repente um feixe luminoso subiu no horizonte. Durou cerca de um segundo e, diz ele, era de um brilhante colorido azul-branco.

Não há dúvida que veio do lugar onde Wheeler e Jamieson estiveram. Sei que a Instrumentação tem tido dificuldades por causa deles e fui verificar. Seus magnetômetros haviam sido lançados fora da escala dez minutos antes e ocorreram vários "tremores" locais graves.

- Não sei como um projetor poderia dar causa a uma coisa dessa espécie - comentou Sadler, genuinamente perplexo. Depois entendeu todas as implicações da declaração.

- Um feixe luminoso? - disse com a voz entrecortada. - Mas isso é impossível. Não seria visível aqui no vácuo.

- Exatamente - falou Wagnall, evidentemente divertido com a perplexidade do outro. - Só se pode ver um feixe luminoso quando ele passa através de poeira ou ar. E esse era realmente brilhante... quase ofuscante. A frase que Williams usou foi: "Parecia uma barra sólida". Na minha opinião, sabe o que é aquele lugar?

- Não - respondeu Sadler, perguntando a si mesmo como Wagnall havia chegado à verdade. Não tenho a menor idéia.

O Secretário parecia muito acanhado, como se estivesse tentando expor uma teoria da qual se envergonhasse um pouco.

- Penso que é alguma espécie de fortaleza. Oh, eu sei que isso parece fantástico, mas se pensar bem você verá que é a única explicação capaz de ajustar-se a todos os fatos.

Antes que Sadler pudesse responder ou mesmo pensar em uma resposta adequada, a campainha da mesa tocou e um pedaço de papel saiu do teletipo de Wagnall. Era uma fórmula padronizada de sinalização, mas havia nela uma coisa não padronizada: tinha a insígnia vermelha de Prioridade.

Wagnall leu-a em voz alta, arregalando os olhos à medida que o fazia.

URGENTE PARA DIRETOR DO OBSERVATÓRIO PLATÃO. DESMONTE TODO INSTRUMENTO DE SUPERFÍCIE E REMOVA TODO EQUIPAMENTO DELICADO PARA SUBSOLO COMEÇANDO COM GRANDES ESPELHOS. SERVIÇO FERROVIÁRIO SUSPENSO ATÉ NOVA ORDEM. CONSERVE PESSOAL NO SUBSOLO ATÉ ONDE POSSÍVEL. ACENTUE ESSA MEDIDA DE PRECAUÇÃO REPITO MEDIDA DE

PRECAUÇÃO. NÃO SE ESPERA PERIGO IMEDIATO.

- Parece - disse Wagnall vagarosamente não haver mais dúvida. Receio muito que meu palpite estivesse absolutamente correto .

Foi a primeira vez em que Sadler viu todo o pessoal do Observatório reunido. O Professor Maclaurin permanecia em pé sobre o estrado no fundo do salão principal - lugar tradicional para comunicações, recitais de música, interlúdios dramáticos e outras formas de divertimento no Observatório. Contudo, ninguém estava sendo agora divertido.

- Compreendo perfeitamente - disse Maclaurin com amargura - o que isto significa para seus programas. Só podemos esperar que essa providência seja totalmente desnecessária e que voltemos a trabalhar dentro de alguns dias. Evidentemente, porém, não podemos pôr em risco nosso equipamento... os espelhos de quinhentos e de mil centímetros precisam ser colocados em lugar seguro imediatamente. Não tenho a menor idéia sobre que forma de problema é prevista, mas parece que estamos agora em uma posição infeliz. Se irromperem hostilidades, enviarei imediatamente sinais a Marte e Vênus, lembrando-lhes de que esta é uma instituição científica, que muitos de seus cidadãos foram hóspedes aqui distinguidos e que nós não temos a menor importância militar concebível. Agora, por favor, reúnam-se sob a direção de seus líderes de grupo e executem suas instituições com o máximo possível de rapidez e eficiência.

O diretor desceu do estrado. Pequeno como era, parecia agora ainda mais encolhido. Naquele momento, ninguém na sala deixava de partilhar seus sentimentos, por mais que pudessem ter vociferado contra ele no passado.

- Há alguma coisa que eu possa fazer? - perguntou Sadler, que fora deixado de fora nos planos de emergência apressadamente traçados.

- Já usou alguma vez traje espacial? - perguntou Wagnall.

- Não, mas não me importo em experimentar. Para decepção de Sadler, o Secretário sacudiu firmemente a cabeça.

- É perigoso demais... você poderia ver-se em dificuldades e além disso não existem trajes em número suficiente. Mas seria bom se eu tivesse um pouco mais de ajuda no escritório... precisaremos rasgar todos os programas existentes e entrar em um sistema de dupla observação. Por isso todas as rotas e horários precisarão ser reformados... Você poderia ajudar nisso.

É o que resulta de apresentar-se como voluntário para alguma coisa, pensou Sadler. Mas Wagnall tinha razão. Nada havia que ele pudesse fazer para ajudar as equipes técnicas. Quanto à sua própria missão, poderia desempenhá-la melhor no escritório do Secretário do que em qualquer outro lugar, pois daquele momento em diante lá seria o quartel-general operacional.

Não que isso importasse muito agora, pensou Sadler sombriamente. Se o Sr. X existisse e ainda estivesse no Observatório, poderia agora relaxar-se com a consciência de um serviço bem feito.

Ficou decidido que alguns instrumentos tinham que correr riscos. Seriam os pequenos, que podiam ser facilmente substituídos. A Operação Defesa, como a denominara alguém com tendência para nomenclatura militar, concentrar-se-ia nos inestimáveis componentes óticos dos gigantescos telescópios e celóstatos.

Jamieson e Wheeler rodaram para fora no Ferdinand e recolheram os espelhos do

interferômetro - o grande instrumento cujos olhos gêmeos, separados por vinte quilômetros, tornavam possível medir o diâmetro das estrelas. A principal atividade centralizou-se, todavia, em torno do refletor de mil centímetros.

Molton chefiava a equipe do espelho. O trabalho teria sido impossível sem seu minucioso conhecimento das características óticas e de engenharia do telescópio. Seria impossível, mesmo com seu auxílio, se o espelho fosse fundido em uma única unidade, como o do histórico instrumento que ainda se encontrava no topo do Monte Palomar. Este espelho, porém, era constituído de mais de uma centena de seções hexagonais, encaixadas umas nas outras, de modo a formar um grande mosaico. Cada uma delas podia ser removida separadamente e levada para lugar seguro, embora o trabalho fosse lento e tedioso e fossem necessárias semanas para montar de novo o telescópio completo com a fantástica precisão necessária.

Trajes espaciais não eram realmente planejados para trabalho dessa espécie e um dos homens, por inexperiência ou pressa, deixou cair sua ponta de uma seção do espelho quando a erguia para tirá-la da célula. Antes que alguém pudesse segurá-lo, o grande hexágono de quartzo fundido ganhou velocidade suficiente para lascar um de seus cantos .. Essa foi a única perda ótica, o que nas circunstância foi muito honroso. ...

O último homem, cansado e desanimado, entrou pelas esclusas de ar doze horas depois do início da operação. Só um projeto de pesquisa continuava - um único telescópio seguia ainda o lento declínio de *Nova Draconis*, que caminhava para sua extinção final. Com guerra ou sem guerra, esse trabalho continuaria.

Logo após ter sido anunciado que os dois grandes espelhos estavam em segurança, Sadler subiu para uma das cúpulas de observação. Não sabia quando teria outra oportunidade de ver as estrelas e a Terra minguante e desejava levar a lembrança para seu refúgio subterrâneo.

Pelo que se podia ver, o Observatório estava absolutamente intacto. O grande cano do refletor de mil centímetros apontava diretamente para o zênite. Fora colocado em posição vertical para que a célula do espelho pudesse ser baixada até o nível do solo. Pouca coisa menos do que um impacto direto poderia danificar essa maciça estrutura e ela tinha que correr seus riscos nas horas ou dias de perigo que se aproximavam.

Alguns homens ainda se movimentavam do lado de fora. Um deles, notou Sadler, era o Diretor. Era talvez o único homem na Lua que podia ser reconhecido quando usava traje espacial. Fora feito especialmente para ele e aumentava sua altura para um metro e meio.

Um dos caminhões abertos usados para o transporte de equipamento até o Observatório avançava velozmente em direção ao telescópio, levantando pequenas nuvens de poeira. Parou ao lado da grande pista circular, sobre a qual a estrutura girava, e as figuras vestidas em trajes espaciais subiram ao veículo. Depois, o caminhão virou rapidamente para a direita e finalmente desapareceu no solo, descendo a rampa que levava às esclusas de ar da garagem.

A grande planície estava deserta e o Observatório cego, a não ser pelo único e fiel instrumento que apontava na direção norte em sublime desafio às loucuras dos homens. Depois o locutor do onipresente sistema de alto-falantes ordenou a Sadler que saísse da cúpula e ele seguiu relutante para as profundezas. Gostaria de poder esperar um pouco mais, pois dentro de mais alguns minutos as paredes ocidentais de Platão seriam tocadas pelos primeiros dedos da aurora lunar. Parecia uma pena ninguém estar lá para saudá-la.

* * *

Vagarosamente a Lua se virou para o sol, como nunca podia virar-se para a Terra. A linha do dia rastejava sobre as montanhas e planícies, banindo o inimaginável frio da longa noite. Toda a parede ocidental dos Apeninos estava em chamas e o Mare Imbrium subia para o alvorecer. Platão, porém, ainda continuava na escuridão, iluminado apenas pelo brilho da Terra minguante.

Um grupo de estrelas dispersas apareceu de repente na parte baixa do firmamento do lado oeste. As mais altas agulhas da grande parede circular estavam recebendo o sol e, minuto a minuto, a luz descia por seus flancos, até ligá-los todos em um anel de fogo. Agora o sol batia sobre todo o vasto círculo da cratera, enquanto os contrafortes do leste se erguiam para o alvorecer. Quem olhasse da Terra, veria Platão como um ininterrupto anel de luz, cercando um tanque de negras sombras. Ainda demoraria horas para que o sol nascente pudesse clarear as montanhas e vencer as últimas fortalezas da noite.

Não havia olhos para observar quando, pela segunda vez, aquela barra azul-branca furou rapidamente o céu do sul. Isso era bom para a Terra. A Federação ficara sabendo muitas coisa, mas havia ainda algumas coisas que talvez só descobrisse tarde demais.

o Observatório acomodara-se para um sítio de duração indefinida. Não era, de maneira geral, experiência tão frustradora como se poderia ter esperado. Embora os programas principais tivessem sido interrompidos, havia interminável trabalho a ser executado na apuração dos resultados, verificação de teorias e redação de artigos, que até haviam sido deixados de lado por falta de tempo. Muitos dos astrônomos receberam quase com satisfação a pausa, e vários progressos fundamentais em cosmologia foram resultado direto da forçada ociosidade.

O pior aspecto de toda a situação, segundo concordavam todos, era a incerteza e a falta de notícias. Que estaria realmente acontecendo? Seria possível acreditar nos boletins da Terra, que pareciam estar tentando tranquilizar o público, ao mesmo tempo que o preparavam para o pior?

Até onde se podia julgar, esperava-se alguma espécie de ataque e era simplesmente azar do Observatório estar tão próximo do possível ponto de perigo. Talvez a Terra calculasse que forma assumiria o ataque e, sem dúvida, fizera preparativos para enfrentá-lo.

Cada um dos dois grandes antagonistas dava voltas em torno do outro, nenhum deles disposto a desfechar o primeiro golpe, cada um deles esperando levar o outro à capitulação por meio de blefe. Contudo, haviam ido longe demais e nenhum deles poderia recuar sem uma perda de prestígio tão danosa que não poderia ser aceita.

Sadler receava que já tivesse passado o ponto de onde não se podia mais voltar. Teve certeza disso quando chegou pelo rádio a notícia de que o Ministro da Federação em Haia fizera um virtual ultimato ao governo da Terra. Acusara a Terra de deixar de satisfazer as quotas combinadas de metais pesados, de reter deliberadamente suprimentos com finalidades políticas e de ocultar a existência de novos recursos. A menos que concordasse em discutir a distribuição desses novos recursos, a Terra se veria na impossibilidade de usá-los.

O ultimato foi seguido, seis horas mais tarde, por uma transmissão para a Terra, dirigida de Marte por um transmissor de potência espantosa. Assegurava ao povo da Terra que nenhum mal lhe aconteceria e que todo dano que fosse causado ao planeta seria um infeliz acidente de guerra, pelo qual seu próprio governo deveria assumir a culpa. A Federação evitaria todos os atos que pudessem ameaçar áreas povoadas e confiava em que seu exemplo fosse seguido.

No Observatório essa transmissão foi ouvida com sentimentos confusos. Não havia dúvida quanto à sua significação - e não havia dúvida de que o Mare Imbrium era, de acordo com o sentido do Ato, uma área despovoada. Um efeito de transmissão foi o de aumentar a simpatia pela Federação, mesmo entre aqueles que provavelmente seriam prejudicados por suas ações. Jamieson em particular começou a tornar-se cada vez menos tímido na expressão de suas opiniões e logo se tornou bastante impopular. Antes de muito tempo, uma clara cisão apareceu nas fileiras do Observatório. De um lado estavam aqueles (em sua maioria homens mais jovens) que tinham sentimentos muito semelhantes aos de Jamieson e consideravam a Terra reacionária e intolerante. Contra eles, por outro lado, encontravam-se os indivíduos estáveis e conservadores, que sempre apoiavam automaticamente os que detinham

autoridade, sem preocupar-se muito com abstrações morais.

Sadler observava essas discussões com grande interesse, embora estivesse consciente de que o êxito ou malogro de sua missão já fora decidido e que nada poderia fazer agora para alterar a situação. Todavia, existia sempre a possibilidade do Sr. X., provavelmente mítico, tornar-se agora descuidado ou mesmo ser tentado a deixar o Observatório. Sadler adotara certas medidas para impedir isso, com a cooperação do Diretor. Ninguém podia usar trajes espaciais ou tratores sem autorização e a base estava assim efetivamente fechada. Viver no vácuo oferecia certas vantagens do ponto de vista da segurança.

O estado de sítio do Observatório proporcionara a Sadler um pequeno triunfo que ele poderia muito bem ter previsto e que parecia um irônico comentário sobre todos os seus esforços. Jenkins, seu suspeito da seção do Almoxarifado, fora preso na Cidade Central. Quando o serviço de monotrilha foi suspenso, ele estava na cidade em atividade muito extra-oficial e fora surpreendido pelos agentes que o observavam em resultado do palpite de Sadler.

Ele sentira medo de Sadler e com boas razões.

Mas nunca traíra quaisquer segredos de estado, pois nunca os possuía. Como muitos bons almoxarifes antes dele, estivera vendendo propriedades do governo.

Era justiça poética. A própria consciência culpada de Jenkins o traíra. Contudo, embora Sadler eliminasse um nome de sua lista, a vitória proporcionou-lhe pouca satisfação.

As horas arrastavam-se, com os temperamentos ficando cada vez mais exaltados. No alto, o sol erguia-se no céu da manhã e agora se elevava bem acima da parede ocidental de Platão. O sentimento inicial de emergência desaparecera, deixando apenas um sentimento de frustração. Houve um mal orientado esforço no sentido de se organizar um concerto, mas falhou de maneira tão completa que deixou todo o mundo ainda mais deprimido do que antes.

Como nada parecia estar acontecendo, as pessoas começaram a subir novamente à superfície, ainda que apenas para olhar o céu e certificar-se de que tudo ainda estava bem. Algumas dessas excursões clandestinas causaram muita ansiedade a Sadler, mas ele conseguiu se convencer de que eram absolutamente inocentes. Finalmente o Diretor reconheceu a situação, permitindo que número limitado de pessoas subisse às cúpulas de observação em certas horas do dia.

Um dos engenheiros da Energia organizou uma loteria, cujo prêmio seria conferido à pessoa que adivinhasse quanto tempo ia durar aquele peculiar sítio. Todos no Observatório entraram no jogo, e Sadler - agindo com palpite muito fraco leu a lista cuidadosamente depois de ter sido completada. Se houvesse ali alguém que conhecesse a resposta certa, tomaria o cuidado de evitar ganhar. Essa era pelo menos a teoria. Sadler nada descobriu com seu estudo e acabou admirando-se da maneira como seus processos mentais estavam ficando tortuosos. Houve ocasiões em que receou nunca mais ser capaz de voltar a pensar de maneira direta.

A espera terminou exatamente cinco dias depois do Alerta. A superfície estava se aproximando o meio-dia e a Terra minguara para um fino crescente tão próximo do sol que não podia ser olhado com segurança. Mas era meia-noite pelos relógios do Observatório e Sadler dormia quando Wagnall entrou, sem a menor cerimônia, em seu quarto.

- Acorde! - disse ele, quando Sadler esfregou os olhos para deles tirar o sono. - O Diretor quer falar com você! - Wagnall parecia aborrecido por ser usado como mensageiro. - Está acontecendo alguma coisa - queixou-se, olhando desconfiado

para Sadler. - Ele não quis dizer nem a mim do que se trata. .

- Eu também não estou certo de saber respondeu Sadler, enquanto vestia seu chambre. Dizia a verdade e, a caminho do escritório do Diretor, especulava sonolento sobre todas as coisas que poderiam ter acontecido.

O Professor Maclaurin, pensou Sadler, envelhecera muito nos últimos dias. Não era mais o enérgico e vigoroso homenzinho que fora, dirigindo o Observatório com mãos férreas. Havia mesmo uma pilha desarrumada de documentos sobre sua mesa antes imaculada.

Assim que Wagnall, com evidente relutância, deixou a sala, Maclaurin perguntou abruptamente:

- Que está fazendo Carl Steffanson na Lua? Sadler piscou com incerteza - ainda não estava completamente acordado - e depois respondeu hesitante:

- Eu nem sei quem é ele. Tinha obrigação de saber?

Maclaurin pareceu surpreso e decepcionado.

- Pensei que sua gente lhe tivesse dito que ele vinha. É um dos físicos mais brilhantes que temos em sua própria especialização. A Cidade Central acaba de se comunicar conosco para dizer que ele chegou... e nós temos que levá-lo ao Mare Imbrium tão logo seja possível, até aquele lugar que chamam de Projeto Thor.

- Por que ele não pode voar até lá? De que maneira entramos na estória?

- Ele deveria ir por meio de foguete, mas o transporte está fora de ação e não poderá ser utilizado pelo menos durante seis horas. Por isso, vão mandá-lo por monotrilha e nós devemos transportá-lo na última etapa em trator. Pediram-me que designasse Jamieson para o serviço. Todo o mundo sabe que ele é o melhor motorista de trator na Lua... e é o único que já esteve no Projeto Thor, seja isso o que for.

- Continue - disse Sadler, quase adivinhando o que viria em seguida.

- Eu não confio em Jamieson. Não creio que seja seguro mandá-lo em uma missão tão importante como essa parece ser.

- Existe alguma outra 'pessoa que possa fazer o serviço?

- Não no tempo de que dispomos. É um serviço muito especializado e você não faz idéia de como é fácil perder-se no caminho.

- Então parece que terá de ser Jamieson. Por que acha que ele oferece risco?

- Eu o ouvi falando na Sala Comum. Certamente você também o ouviu! Ele não fez segredo de suas simpatias pela Federação.

Sadler observava Maclaurin atentamente enquanto o Diretor falava. A indignação - quase raiva - na voz do homenzinho surpreendeu-o. Por um momento, levantou uma fugidia suspeita em sua mente: estaria Maclaurin tentando desviar atenção de si próprio?

A vaga desconfiança durou apenas um instante. Não havia necessidade, percebeu Sadler, de procurar motivos mais profundos. Maclaurin estava cansado e esgotado pelo trabalho. Como Sadler sempre desconfiara, apesar de toda sua dureza externa, ele era um homenzinho em espírito, tanto quanto em estatura. Estava reagindo de maneira infantil à sua frustração. Vira seus planos desorganizados, todo seu programa paralisado... até mesmo seu precioso equipamento ameaçado. Tudo foi culpa da Federação e quem não concordasse com isso era inimigo potencial da Terra.

Era difícil não se sentir solidário com relação ao Diretor; Sadler suspeitava que ele estava à beira de um esgotamento nervoso e deveria, por isso, ser tratado com extremo cuidado.

- Que deseja que eu faça? - perguntou com o tom de voz mais indiferente que

conseguiu.

- Gostaria de saber se você concorda comigo quanto a Jamieson. Você deve tê-lo estudado cuidadosamente.

- Não tenho permissão para discutir minhas avaliações - respondeu Sadler - São com muita frequência baseadas em coisas ouvidas e em palpites. Mas acho que a própria franqueza de Jamieson é um ponto a seu favor. Como sabe, há uma grande diferença entre discordância e traição.

Maclaurin ficou em silêncio por algum tempo.

Depois sacudiu a cabeça furiosamente.

- É um risco grande demais. Eu não aceitarei a responsabilidade.

A questão, pensou Sadler, ia ser difícil. Não tinha autoridade ali e certamente não poderia passar por cima do diretor. Ninguém lhe mandara instruções. As pessoas que haviam incluído o Observatório na rota de Steffanson provavelmente nem mesmo sabiam que Sadler existia. A ligação entre Defesa e Central de Inteligência absolutamente não eram que deveria ser...

Mas mesmo sem instruções seu dever era claro. Se Defesa desejava levar alguém ao Projeto Thor com tanta urgência, deveria ter boas razões. Ele o devia ajudar, ainda que precisasse sair de seu papel de mero observador.

- O que sugiro é isto, senhor - disse bruscamente. - Entreviste Jamieson e esboce a posição para ele. Pergunte-lhe se se oferecerá como voluntário para o serviço. Eu acompanharei a conversa da sala vizinha e o aconselharei se é seguro aceitar. Minha crença é que, se ele disser que está disposto fazer, ele o fará. Caso contrário, recusará categoricamente sua sugestão. Penso que ele não o trairá.

- O senhor fará com que isso conste dos registros?

- Sim - respondeu Sadler impacientemente. - E se posso dar-lhe um conselho, faça o melhor que puder para esconder suas suspeitas. Sejam quais forem seus sentimentos, mostre-se o mais amistoso e compreensivo que possa.

Maclaurin pensou durante algum tempo, depois sacudiu os ombros resignado. Ligou a chave do microfone.

- Wagnall - disse ele - mande J Jamieson vir aqui.

Para Sadler, que esperava na sala ao lado, pareceu haver transcorrido horas antes que acontecesse alguma coisa. Depois o alto-falante trouxe o som da chegada de Jamieson e imediatamente ouviu Maclaurin dizer:

- Desculpe interromper seu sono, Jamieson, mas temos um serviço urgente para você. Quanto tempo você levaria para ir com um trator até o Passo Prospect?

Sadler sorriu ao ouvir claramente o arquejo de incredulidade. Sabia exatamente o que Jamieson estava pensando. Prospect era o passo através da parede sul de Platão, que dava para o Mare Imbrium. Era evitado pelos tratores, que seguiam um trajeto mais fácil, embora mais longo, alguns quilômetros a oeste. Os monotrilhos, porém, passavam por ele sem dificuldade e, quando havia luz suficiente, seus passageiros tinham uma das mais famosas vistas da Lua - a grande descida para o Mare com a massa do Pico à distância.

- Forçando um pouco, eu poderia ir em uma hora. São apenas quarenta quilômetros, mas o terreno é muito ruim.

- Muito bem - disse a voz de Maclaurin. Acabo de receber uma mensagem da Cidade Central pedindo que o mandasse. Sabem que você é o melhor motorista e já esteve lá antes.

- Estive onde? - perguntou Jamieson.

- No Projeto Thor. Você talvez ainda não tenha ouvido o nome, mas é assim que se chama. O lugar onde você esteve na outra noite.

- Continue, senhor. Estou ouvindo - respondeu Jamieson. - Para Sadler era evidente a tensão em sua voz.

- A situação é a seguinte. Encontra-se na Cidade Central um homem que precisa chegar a Thor imediatamente. Deveria ter ido por meio de foguete, mas não foi possível. Por isso, vão mandá-lo para cá no monotrilho e, para poupar tempo, você esperará no carro no passo e receberá a pessoa. Depois a levará diretamente ao Projeto Thor. Entendido?

- Não completamente. Por que Thor não pode mandar buscá-lo em um de seus próprios cats.

Estaria Jamieson tirando o corpo? - perguntou-se Sadler. Não, decidiu. Era uma pergunta perfeitamente razoável.

- Se olhar o mapa - disse Maclaurin - você verá que Prospect é o único lugar conveniente para um trator encontrar-se com o monotrilho. Além disso, parece não haver motoristas realmente hábeis em Thor. Vão mandar um trator, mas você provavelmente terminará o serviço antes que eles cheguem a Prospecto

Houve uma longa pausa. Jamieson evidentemente estava estudando o mapa.

- Estou disposto a tentar - disse Jamieson.

- Mas gostaria de saber do que se trata.

Vamos indo bem, pensou Sadler. Espero que Maclaurin faça o que eu lhe disse.

- Muito bem - respondeu Maclaurin. - Você tem o direito de saber, suponho eu. O homem que vai a Thor é o Dr. Carl Steffanson. E a missão que executa é vital à segurança da Terra. É só isso que eu sei, mas penso que nada mais preciso dizer.

Sadler esperou, curvado sobre seu alto-falante, enquanto o longo silêncio se arrastava. Sabia a decisão que Jamieson devia estar tomando. O jovem astrônomo estava descobrindo que uma coisa era criticar a Terra e condenar sua política quando a questão não tinha importância prática - e coisa completamente diferente era escolher uma linha de ação que pudesse contribuir para causar sua derrota. Sadler lera em algum lugar que havia muitos pacifistas antes da deflagração da guerra, mas poucos após ela ter realmente começado. Jamieson estava aprendendo agora onde sua lealdade, se não sua lógica, residia.

- Eu irei - disse finalmente, em voz tão baixa que Sadler mal conseguiu ouvi-lo.

- Lembre-se - insistiu Maclaurin - que você tem a liberdade de escolher.

- Tenho? - falou Jamieson. Não havia sarcasmo em sua voz. Estava pensando em voz alta, falando mais consigo mesmo do que com o Diretor.

Sadler ouviu Maclaurin mexer em seus papéis. - E seu ajudante? - perguntou ele.

- Levarei Wheeler. Ele foi comigo na última vez.

- Muito bem. Vá buscá-lo, enquanto eu entro em contato com Transporte. E... boa sorte.

- Obrigado, senhor.

Sadler esperou até ouvir a porta da sala de Maclaurin fechar-se após a saída de Jamieson. Depois se juntou ao Diretor. Maclaurin ergueu os olhos para ele com ar cansado e disse:

- Então?

- Tudo correu melhor do que eu temia. Acho que o senhor agiu muito bem.

Não era mera lisonja. Sadler estava surpreso pela maneira como Maclaurin ocultara seus sentimentos. Embora a entrevista não tivesse sido exatamente cordial, não houvera hostilidade aberta.

-- Sinto-me muito mais feliz - falou Maclaurin - porque Wheeler irá com ele. Wheeler merece confiança.

Apesar de sua preocupação, Sadler teve dificuldade em conter um sorriso. Tinha

plena certeza de que a fé do Diretor em Conrad Wheeler se baseava principalmente na descoberta de *Nova Draconis* pelo jovem, o que provaria o valor do Integrador de Magnitude Maclaurin. Não precisava de outras provas para saber que cientistas eram tão inclinados quanto todas as outras pessoas a deixar que suas emoções prevalecessem sobre sua lógica.

O alto-falante sobre a mesa pediu atenção.

- O trator está saindo, senhor. As portas externas estão sendo abertas agora.

Maclaurin olhou automaticamente para o relógio na parede.

- Foi rápido - disse ele. Depois olhou sombriamente para Sadler.

- Bem, Sr. Sadler, agora é tarde demais para fazer alguma coisa. Só espero que o senhor tenha razão.

* * *

Raramente se percebe que guiar na Lua de dia é muito menos agradável e mesmo menos seguro do que guiar à noite. A impiedosa claridade exige o uso de fortes filtros solares e os trechos de sombra negra que sempre estão presentes, exceto nas raras ocasiões em que o sol fica verticalmente em cima, podem ser muito perigosos. Com frequência, ocultam fendas que um trator em velocidade pode não ser capaz de evitar. Guiar à luz da Terra, por outro lado, não exige tanto esforço. A luz é muito mais suave e os contrastes menos extremos.

As coisas tornavam-se ainda piores para Jamieson por estar ele guiando em direção ao sul quase diretamente para o sol. Havia ocasiões em que as condições eram tão ruins que precisava ziguezaguear furiosamente a fim de evitar a cintilação de pedaços de rochas expostas à frente. Não era tão difícil quando percorriam regiões poeirentas, mas estas se tornavam cada vez mais raras à medida que o terreno se elevava em direção aos contrafortes internos da parede montanhosa.

Wheeler não cometeu a tolice de falar com seu amigo nessa parte da viagem; a tarefa de Jamieson exigia muita concentração. Finalmente subiram em direção ao passo, dando voltas de um lado para outro ao longo das escarpadas encostas que dominavam a planície. Como frágeis brinquedos no horizonte distante, os guindastes do grande telescópio marcavam a localização do Observatório. Lá, pensou Wheeler amarguradamente, estavam investidos milhões de horas-homem, de aptidão e trabalho. Agora o Observatório nada estava fazendo, e o melhor que se podia esperar era que um dia aqueles esplêndidos instrumentos iniciassem novamente sua exploração dos lugares distantes do universo.

Uma serra cortou sua vista da planície embaixo e Jamieson virou para a direita através de um estreito vale. Muito acima, nas encostas sobre eles, a linha do monotrilha era agora visível, aproximando-se e descendo pela montanha em grandes e largos saltos. Não havia meio pelo qual um caterpilar pudesse subir até ela, mas depois que atravessasse o passo eles não teriam dificuldade em rodar até a poucos metros do trilho.

O terreno era extremamente acidentado e traiçoeiro naquele ponto, mas motoristas que haviam percorrido esse caminho antes deixaram marcas para orientar os que viessem depois deles. Jamieson usava agora com frequência os faróis, pois guiava muitas vezes na sombra. Em geral preferia isso a guiar diretamente sob o sol, pois podia ver o terreno à frente muito facilmente com os feixes de luz dirigíveis dos projetores no alto do carro. Wheeler logo tomou a direção dos projetores e achou fascinante observar os ovais de luz que roçavam as rochas. A completa invisibilidade dos feixes de luz propriamente ditos, ali no vácuo quase completo, dava um efeito

mágico à cena. A luz parecia não ter procedência alguma nem a menor ligação com o trator.

Chegaram a Prospect cinquenta minutos após terem saído do Observatório e transmitiram pelo rádio para lá sua posição. Agora bastava descer alguns quilômetros pelo monte até chegar ao local do encontro. A linha do monotrilha convergia para seu trajeto, depois virava para o sul, passando pelo Pico, como uma tira de prata estendendo-se a perder de vista sobre a face da Lua.

- Bem - disse Wheeler com satisfação - não precisaram esperar por nós. Gostaria de saber de que se trata tudo isto.

- Não é óbvio? - perguntou Jamieson. Steffanson é o maior especialista em física de radiação que temos. Se vai haver uma guerra, você sem dúvida percebe que espécie de armas serão usadas.

- Eu não pensei muito nisso... nunca pareceu coisa que merecesse ser levada a sério. Projéteis teleguiados, suponho.

- Muito provavelmente, mas nós devemos ser capazes de fazer melhor do que isso. Homens vem falando em armas de radiação há séculos. Se desejassem essas armas, poderiam fazê-las agora.

- Não me diga que você acredita no raio da morte!

- E por que não? Se você se lembra de seus livros de história, raios de morte mataram alguns milhares de pessoas em Hiroshima. E isso foi há uns duzentos anos.

- Sim, mas não é difícil proteger-se contra coisas dessa espécie. Você é capaz de imaginar um raio causando verdadeiro dano físico?

- Dependeria da distância. Se fossem apenas alguns quilômetros, eu diria que sim. Afinal de contas, podemos gerar quantidades ilimitadas de energia. Atualmente, devemos ser capazes de esguichá-la toda na mesma direção se desejarmos. Até hoje não houve incentivo especial. Mas agora... como podemos saber o que está se passando nos laboratórios secretos em todo o Sistema Solar?

Antes que Wheeler pudesse responder, viu o ponto cintilante de luz muito longe através da planície. Movia-se em direção a eles com incrível velocidade, subindo no horizonte como um meteoro. Em minutos, reduziu-se ao cilindro do nariz achatado do monotrilha, agachado sobre seu trilho único.

- Penso que é melhor eu ir dar-lhe uma ajuda - falou Jamieson. - Ele provavelmente nunca usou traje espacial. E certamente terá alguma bagagem.

Wheeler ficou sentado no lugar do motorista e observou seu amigo trepar pela rocha em direção ao monotrilha. A porta da esclusa de ar de emergência do monotrilha abriu-se e um homem desceu, um tanto inseguro, para a Lua. Pela maneira como se movia, Wheeler pode ver imediatamente que nunca antes estivera em baixa gravidade.

Steffanson carregava uma grossa pasta e uma grande caixa de madeira, que tratava com o máximo cuidado. Jamieson ofereceu-se para levá-lo desses estorvos, mas Steffanson recusou separar-se deles. Sua única outra bagagem era uma pequena mala de viagem, que deixou Jamieson carregar.

As duas figuras desceram com ajuda das mãos pela rampa rochosa e Wheeler acionou a esclusa de ar para deixá-los entrar. O monotrilha, tendo entregue sua carga, voltou para o sul e rapidamente desapareceu pelo caminho por onde viera. Parecia, pensou Wheeler, que o maquinista estava com muita pressa de voltar para casa. Nunca vira um dos carros correr tão velozmente e, pela primeira vez, começou a ter vaga suspeita da tempestade que se armava sobre aquela pacífica paisagem batida pelo sol. Desconfiou que não eram eles os únicos que compareciam a um encontro no Projeto Thor.

Tinha razão. Bem alto no espaço, muito acima do plano em que flutuam a Terra e os planetas, o comandante das forças federais estava reunindo sua minúscula frota. Assim como um gavião circula sobre a presa nos momentos que precedem sua rápida descida, o Comodoro Brennan, até pouco tempo antes Professor de Engenharia Elétrica na Universidade de Hesperus, mantinha suas naves pairando sobre a Lua.

Aguardava o sinal que ainda esperava nunca chegasse.

O Doutor Carl Steffanson não parou para perguntar a si próprio se era um homem corajoso. Nunca antes em sua vida conhecera a necessidade de virtude tão primitiva quanto a coragem física e estava agradavelmente surpreendido com sua calma, agora que a crise quase chegara. Dentro de poucas horas, provavelmente estaria morto. A idéia causava-lhe mais aborrecimento do que medo; havia tanto trabalho que desejava fazer, tantas teorias a serem submetidas a prova. Seria maravilhoso voltar à pesquisa científica, depois da corrida de ratos dos dois últimos anos. Mas isso era devaneio; mera sobrevivência era o máximo que podia esperar agora.

Abriu sua pasta e tirou as folhas de diagramas de instalação e esquemas de componentes. Um pouco divertido, notou que Wheeler olhava com franca curiosidade os complexos circuitos e as etiquetas com a inscrição SIGILOSO coladas neles. Bem, agora havia pouca necessidade de segurança e o próprio Steffanson não poderia ter encontrado muito sentido naqueles circuitos, se não tivessem sido inventados por ele.

Olhou de novo para a caixa a fim de ter certeza de que estava bem amarrada. Nela, com toda probabilidade, residia o futuro de mais de um mundo. Quantos outros homens já haviam sido mandados em missão como essa? Steffanson não conseguiu lembrar-se senão de dois exemplos, ambos nos dias da Segunda Guerra Mundial. Houve um cientista britânico que levou através do Atlântico uma pequena caixa contendo o que posteriormente foi chamado de o mais valioso carregamento até então chegado às praias dos Estados Unidos. Era o primeiro magnetron de cavidade, invenção que fez do radar a arma-chave da guerra e destruiu o poder de Hitler. Depois, alguns anos mais tarde, houve um avião que voou através do Atlântico até a ilha de Tinian, carregando quase todo o urânio 235 livre que existia então.

Mas nenhuma dessas missões, apesar de toda sua importância, tinha a urgência da sua.

Steffanson trocara apenas algumas palavras de cumprimento formal com Jamieson e Wheeler, expressando seu agradecimento pela cooperação deles. Nada sabia sobre eles, exceto que eram astrônomos do Observatório que se ofereceram como voluntários para realizar aquela viagem. Como eram cientistas, certamente teriam curiosidade de saber o que ele estava fazendo ali e não ficou surpreendido quando Jamieson entregou os controles a seu colega e desceu do lugar do motorista.

- Não será muito incomodo daqui por diante - disse Jamieson. - Chegaremos a esse lugar chamado Thor dentro de uns vinte minutos. Isso convém para o senhor?

Steffanson respondeu afirmativamente com a cabeça.

- É melhor do que esperávamos quando aquela maldita nave quebrou. O senhor provavelmente receberá uma medalha especial por isto.

- Não estou interessado - disse J Jamieson friamente; - Tudo quanto desejo é fazer o que é direito. O senhor tem certeza absoluta de que está fazendo o mesmo?

Steffanson olhou para ele surpreendido, mas demorou apenas um instante para compreender a situação. Já encontrara antes o tipo de Jamieson entre os homens

mais jovens de seu próprio pessoal. Esses idealistas passavam todos pelas mesmas crises de consciência. E todos os superavam quando ficavam mais velhos. Às vezes ele se perguntara se isso era uma tragédia ou uma bênção.

- O senhor está me pedindo que preveja o futuro - respondeu em voz baixa. - Jamais um homem pôde dizer se, a longo prazo, seus atos causarão bem ou mal. Mas eu estou trabalhando para a defesa da Terra e se houver um ataque partirá da Federação, não de nós. Penso que o senhor deve ter isso em mente.

- Mas nós não o teremos provocado?

- Até certo ponto, talvez... mas aqui também há muita coisa a dizer de ambos os lados. O senhor pensa nos federais como pioneiros de olhos cintilantes, construindo novas e maravilhosas civilizações lá nos planetas. Esquece-se de que eles também podem ser rudes e inescrupulosos. Lembre-se de como nos forçaram a sair dos asteroides, recusando transportar suprimentos, a não ser por taxas exorbitantes. Veja como nos tornaram difícil mandar naves além de Júpiter... virtualmente interditaram três quartos do sistema solar! Se conseguirem tudo quanto desejam, ficarão intoleráveis. Receio que eles tenham pedido uma lição e nós esperamos dá-la. É uma pena termos chegado a isso, mas eu não vejo alternativa.

Olhou para seu relógio, viu que já estava quase na hora e acrescentou: - O senhor não fará questão de ligar no noticiário? Eu gostaria de ouvir as últimas notícias.

Jamieson ligou o aparelho e girou o sistema de antena na direção da Terra. Havia boa quantidade de ruído do fundo solar, pois a Terra estava agora quase em linha com o sol, mas a pura potência da estação tornava a mensagem perfeitamente inteligível e não havia o menor traço de fading.

Steffanson ficou surpreso ao ver que o cronógrafo do trator estava mais de um segundo adiantado. Depois percebeu que ele era acertado por aquele híbrido de estranho nome, Hora Greenwich Lunar. O sinal que estava ouvindo acabara de percorrer os 400.000 quilômetros que separavam a Lua da Terra. Era uma fria lembrança de como estava distante de sua casa.

Depois houve uma demora tão longa que Jamieson aumentou o volume para verificar se o aparelho ainda estava funcionando. Após um minuto inteiro, o locutor falou, com sua voz esforçando-se desesperadamente para ser tão impessoal como sempre.

"Aqui é a Terra falando. A seguinte declaração foi divulgada em Haia:

"A Federação Triplanetária comunicou ao Governo da Terra que pretende apossar-se de certas porções da Lua e que qualquer tentativa de resistência será enfrentada pela força.

"Este Governo está adotando todas as medidas necessárias para preservar a integridade da Lua. Novo comunicado será divulgado tão logo quanto possível. No momento, é acentuado que não existe perigo imediato, pois não há naves hostis a menos de vinte horas da Terra.

"Aqui é a Terra. Continuem ouvindo."

Fez-se repentino silêncio. Só o sibilar da onda portadora e os ocasionais estalidos da estática solar ainda saíam do alto-falante. Wheeler fizera o trator parar a fim de poder ouvir o comunicado. De seu lugar de motorista, olhou para o pequeno quadro na cabina embaixo. Steffanson fitava os diagramas de circuitos estendidos sobre a mesa do mapa, mas evidentemente não os estava vendo. Jamieson ainda estava parado com a mão sobre o controle do volume. Não se movera desde o início do comunicado. Depois, sem dizer uma palavra, subiu para a cabina de direção e substituiu Wheeler.

Para Steffanson pareceu haver transcorrido séculos, antes que Wheeler o chamasse:

- Estamos quase chegando! Olhe... bem na frente.

Foi até a vigia de observação na frente e olhou através do terreno rachado e partido. Que lugar para se combater, pensou. Mas, naturalmente, aquele deserto nu de lava e poeira de meteoros era apenas um disfarce. Embaixo dele, a Natureza escondera tesouros que homens haviam levado duzentos anos para descobrir. Talvez fosse melhor se nunca os tivessem descoberto...

Ainda dois ou três quilômetros à frente, a grande cúpula de metal cintilava à luz do sol. Vista desse ângulo, tinha uma aparência espantosa, pois o segmento na sombra era tão escuro que ficava quase invisível. À primeira vista, parecia de fato que a cúpula fora cortada em duas por alguma enorme faca. O lugar inteiro parecia inteiramente deserto, mas no interior, sabia Steffanson, havia uma colmeia de furiosa atividade. Rezou para que seus assistentes tivessem completado a ligação dos circuitos de energia e sub-modular

Steffanson começou a ajustar o capacete de seu traje espacial, que não se dera ao trabalho de tirar depois de ter entrado no trator. Ficou em pé atrás de Jamieson, segurando-se em uma das prateleiras de armazenagem para firmar-se.

- Agora que estamos aqui, o mínimo que posso fazer é deixar que os senhores entendam o que aconteceu - disse ele, fazendo um gesto em direção à cúpula que se aproximava rapidamente. - Este lugar começou como uma mina e ainda o é. Conseguimos uma coisa que nunca fora feita antes... abrir um orifício de cem quilômetros de profundidade, diretamente através da crosta da Lua até depósitos de metal realmente ricos.

- Cem quilômetros! - exclamou Wheeler.

- Isso é impossível! Nenhum orifício poderia ficar aberto sob tal pressão,

- Pode ficar e fica - replicou Steffanson. Não tenho tempo para discutir a técnica, mesmo que eu conhecesse muita coisa a respeito. Mas lembre-se de que é possível na Lua abrir um orifício seis vezes mais fundo do que na Terra, antes que ele se feche. Todavia, isso é apenas parte da história. O verdadeiro segredo reside no que chamam de mineração de pressão. À medida que é afundado, o poço é enchido com um pesado óleo de silício, da mesma densidade que as rochas em volta. Assim, por mais fundo que se vá, a pressão é a mesma dentro e fora, não havendo tendência de o buraco fechar-se. Como muitas ideias simples, exigiu muita aptidão para ser posta em prática. Todo o equipamento de operação precisa funcionar submerso, sob enorme pressão, mas os problemas estão sendo resolvidos e acreditamos poder extrair metais em quantidades que valham a pena.

- A Federação soube que isso estava acontecendo há mais ou menos dois anos atrás. Acreditamos que os federais tentaram a mesma coisa, mas sem a menor sorte. Por isso, decidiram que, se não podem partilhar deste tesouro, nós também não o teremos. Sua política parece consistir em intimidar-nos para obter nossa cooperação e isso não vai dar resultado.

- Esses são os antecedentes, mas agora representam apenas a parte menos importante da história. Existem armas aqui também. Algumas foram concluídas e experimentadas, outras estão à espera do ajustamento final. Estou levando os componentes-chave para a arma que talvez seja decisiva. É por isso que a Terra talvez contraia com os senhores uma dívida maior do que poderá pagar. Não me interrompa... estamos quase chegando e isto é o que realmente desejo dizer-lhes. O rádio não estava dizendo a verdade a respeito daquelas vinte horas de segurança.

Isso é o que a Federação quer que nós acreditemos e esperamos que pense que estamos sendo enganados. Mas nós localizamos suas naves, que se aproximam com uma velocidade maior do que aquela em que qualquer coisa já se movimentou no espaço. Receio que eles tenham um novo e fundamental método de propulsão... só espero que isso não lhes tenha dado também novas armas. Nós não dispomos de muito mais de três horas, antes que eles cheguem aqui... presumindo-se que não tenham aumentado ainda mais sua velocidade. Os senhores poderiam ficar, mas para sua própria segurança aconselho-os a virar e voltar o mais depressa possível para o Observatório. Se alguma coisa começar a acontecer enquanto ainda estiverem em terreno aberto, procurem proteção o mais depressa possível. Entrem em uma fenda... em qualquer lugar onde possam encontrar abrigo... e fiquem lá até tudo estar terminado. Agora adeus e boa-sorte. Espero ainda ter uma oportunidade de me encontrar com os senhores quando este negócio estiver liquidado.

Ainda segurando firmemente sua misteriosa caixa, Steffanson desapareceu na esclusa de ar, antes que qualquer dos dois homens pudesse falar. Estavam agora inteiramente à sombra da grande cúpula e Jamieson circundou-a procurando uma abertura. Finalmente reconheceu o lugar por onde ele e Wheeler haviam entrado e parou Ferdinand.

A porta externa do trator abriu-se e o indicador de "Esclusa livre" acendeu. Viram Steffanson correr em direção à cúpula e, em perfeita sincronização, uma portinhola circular abriu-se para deixá-lo entrar, depois se fechou com uma batida em seguida à sua passagem.

O trator ficou sozinho na enorme sombra do edifício. Em nenhum outro lugar havia sinal de vida, mas de repente a estrutura de metal da máquina começou a vibrar com frequência firmemente crescente. Os medidores no painel de controle oscilaram loucamente, as luzes escureceram e depois tudo passou. Tudo voltou à normalidade, mas um tremendo campo de força saía da cúpula e ainda agora se expandia no espaço. Deixou os dois homens com uma esmagadora impressão de energias esperando o sinal para sua descarga. Começaram a compreender a urgência da advertência de Steffanson. Toda a paisagem deserta parecia tensa de expectativa.

Através da planície escarpadamente curva, o trator, como um minúsculo besouro, correu para a segurança dos montes distantes. Mas poderiam eles ter certeza de encontrar segurança mesmo lá? Jamieson duvidava. Lembrou-se das armas que a ciência produzira mais de dois séculos antes. Seriam meramente os alicerces sobre os quais poderiam ser construídas as artes de guerra do presente. O solo silencioso à sua volta, agora ardendo sob o sol do meio-dia, talvez logo fosse queimado por radiações ainda mais violentas.

Fez o trator avançar em direção aos contrafortes de Platão, que se erguiam no horizonte como uma fortaleza de gigantes. Mas a verdadeira fortaleza estava atrás, preparando suas armas desconhecidas para a prova que deveria vir.

Aquilo nunca teria acontecido se Jamieson estivesse pensando mais na direção e menos em política - embora, naquelas circunstâncias, dificilmente pudesse ser culpado. O terreno à frente parecia plano e firme - exatamente igual aos quilômetros que já haviam percorrido em segurança.

Era plano, mas não era mais firme do que água. Jamieson soube o que havia acontecido no momento em o motor de Ferdinand começou a disparar e a frente do trator desapareceu em uma grande nuvem de poeira. Todo o veículo inclinou-se para a frente, começou a balançar-se loucamente de um lado para outro e depois perdeu velocidade, apesar de tudo quanto Jamieson pôde fazer. Como um navio naufragando em mar bravio, começou a afundar. Aos olhos horrorizados de Wheeler, pareciam estar entrando em baixo de rodopiantes nuvens de espuma. Em segundos, a luz do sol à sua volta desapareceu. Jamieson parara o motor. No silêncio rompido apenas pelo murmúrio dos circuladores de ar, estavam afundando abaixo da superfície da Lua.

As luzes da cabina acenderam-se quando Jamieson encontrou a chave. Por um momento os dois homens permaneceram muito aturdidos para fazer alguma coisa, a não ser ficarem sentados e entreolharem-se impotentemente. Depois Wheeler caminhou, não com muita firmeza, até a mais próxima janela de observação. Absolutamente nada conseguiu ver. Não havia noite mais escura do que essa. Parecia que uma lisa cortina de veludo estava estendida sobre o outro lado do grosso quartzo da janela.

De repente, com uma delicada, mas clara batida, Ferdinand chegou ao fundo.

- Graças a Deus - disse Jamieson, respirando. - Não é muito fundo.

- De que nos adianta isso? - perguntou Wheeler, mal ousando acreditar que havia alguma esperança. Ouvira muitas histórias horríveis sobre esses traiçoeiros tanques de poeira e sobre homens e tratores engolidos por eles.

Os tanques de poeira lunares são, felizmente, menos comuns do que se poderia imaginar pelas histórias de alguns viajantes, pois só podem ocorrer em condições bastante especiais, que mesmo hoje não são perfeitamente compreendidas. Para que um deles seja feito é necessário começar com uma cratera rasa na espécie certa de rocha e depois esperar algumas centenas de milhões de anos, enquanto as mudanças de temperatura entre noite e dia pulverizam vagarosamente as camadas da superfície. À medida que continua esse processo milenar, é produzida um espécie de poeira cada vez mais fina, até finalmente começar a escorrer como líquido e acumular-se no fundo da cratera. Em quase todos os sentidos é, de fato, um líquido. É tão incrivelmente fina que se for recolhida em um balde escorrerá em volta como um óleo bastante fino. À noite podem ser observadas correntes de convecção circulando nela, quando as camadas superiores esfriam e descem, enquanto a areia mais quente do fundo sobe à superfície. Este efeito torna fácil localizar os tanques de poeira, pois detectores de raios infravermelhos podem "ver" sua radiação anormal de calor à distância de vários quilômetros. De dia, porém, este método é inútil, devido ao efeito dissimulador do sol.

- Não há necessidade de ficar alarmado disse Jamieson, embora ele próprio não parecesse nada feliz. - Penso que poderemos sair daqui. Deve ser um tanque muito pequeno, senão teria sido localizado antes. Supõe-se que esta área tenha sido

inteiramente marcada.

- É suficientemente grande para engolir-nos.

- Sim, mas não se esqueça de como é esse material. Enquanto pudermos conservar os motores em funcionamento teremos probabilidade de sair... como um tanque submarino subindo para a praia. O que me preocupa é saber se devemos ir em frente ou tentar voltar.

- Se avançarmos, poderemos afundar mais.

- Não necessariamente. Como eu disse, deve ser um tanque muito pequeno e nosso impulso talvez nos tenha levado a mais de metade de sua extensão. De que lado você acha que o fundo está agora inclinado?

- A frente parece ser um pouco mais alta do que a parte de trás.

- É o que eu pensava. Vou para a frente... assim podemos ter também mais força.

Com muita delicadeza Jamieson engatou a embreagem na marcha mais fraca possível. O trator sacudiu-se e protestou, saltou para a frente alguns centímetros, depois parou de novo.

- Eu receava isso - disse Jamieson. - Não podemos manter um avanço constante. Teremos que ir aos saltos. Reze pelo motor... para não falar na transmissão.

Abriram caminho para frente em arrancos angustiosamente lentos, depois Jamieson desligou completamente os motores.

- Por que fez isso? - perguntou Wheeler ansioso. - Parecíamos estar avançado.

- Sim, mas estávamos também ficando muito quentes. Esta poeira é um isolador de calor quase perfeito. Teremos que esperar um minuto até esfriarmos.

Nenhum deles sentia vontade de conversar, quando se sentaram na cabina brilhantemente iluminada que bem poderia, refletiu Wheeler, transformar-se em seu túmulo. Era irônico que tivessem encontrado esse contratempo quando estavam correndo à procura de segurança.

- Ouviu esse barulho? - perguntou Jamieson de repente. Desligou o circulador de ar de modo que o interior da cabina caiu em completo silêncio.

Um som fraquíssimo chegava através das paredes. Era uma espécie de rugido sussurrante e Wheeler não conseguiu imaginar o que seria.

- A poeira está começando a subir. É muito instável... sabe? .. e mesmo uma pequena quantidade de calor é suficiente para iniciar correntes de convecção. Acredito que estamos provocando um pequeno gêiser no alto... ajudará alguém a descobrir-nos se vierem procurar.

Pelo menos, era um pequeno consolo. Tinham ar e alimentos para muitos dias - todos os tratores levavam uma grande reserva de emergência - e o Observatório conhecia sua posição aproximada. Contudo, antes de muito tempo o Observatório talvez tivesse suas próprias complicações e fosse incapaz de preocupar-se com eles...

Jamieson ligou de novo o motor e o resistente veículo começou a abrir caminho para a frente através da seca areia movediça que os envolvia. Era impossível saber quanto progresso estavam fazendo, e Wheeler não ousava imaginar o que aconteceria se os motores falhassem. As lagartas do caterpilar trituravam a rocha embaixo deles e todo o trator se sacudia e gemia sob o intolerável peso.

Transcorreu quase uma hora, antes que tivessem certeza de estar indo a algum lugar. O fundo do trator estava se inclinando decididamente para cima, mas não havia meio de saber quanto estavam abaixo da superfície quase líquida em que se encontravam ainda submersos. Poderiam emergir a qualquer momento para a abençoada luz do dia... ou poderiam ter ainda uma centena de metros a atravessar naquele passo de lesma.

Jamieson estava parando para intervalos cada vez mais demorados, o que talvez

reduzisse a tensão sobre o motor, mas em nada contribuía para reduzir a dos passageiros. Em uma dessas pausas, Wheeler perguntou-lhe francamente o que fariam se não avançasse mais.

- Temos apenas duas possibilidades - respondeu Jamieson. - Podemos permanecer aqui e esperar sermos socorridos... o que não é tão ruim como parece, pois nosso rastro tornará evidente o lugar onde estamos. A outra alternativa é sair.

- Que?! Isso é impossível!

- Absolutamente não é. Conheço um caso em que foi feito. Seria como escapar de um submarino afundado.

- É uma idéia horrível... tentar nadar através dessa substância.

-- Eu fui uma vez apanhado por uma avalanche de neve quando era menino, por isso calculo como seria. O grande perigo seria perder a direção e debater-se em círculos até ficar exausto. Esperemos que não seja preciso tentar a experiência.

Fazia muito tempo, concluiu Wheeler, que não ouvira alguém diminuir tanto a gravidade dos fatos.

A cabina de direção emergiu acima do nível da poeira cerca de uma hora mais tarde e nenhum outro homem poderia ter saudado com tanta alegria o sol. Mas ainda não haviam chegado à segurança. Embora Ferdinand pudesse desenvolver maior velocidade à medida que diminuía a resistência, poderia ainda haver profundezas insuspeitas à sua frente.

Wheeler observou com fascinada repulsa enquanto aquela horrível substância redemoinhava em volta do trator. Às vezes era impossível acreditar que não estivessem abrindo caminho à força através de um líquido e só a lentidão com que se moviam prejudicava a ilusão. Perguntou a si próprio se valeria a pena sugerir que os futuros tratores tivessem linhas mais aerodinâmicas para melhorar suas possibilidades em emergências como aquela. Quem poderia ter sonhado, na Terra, que viesse a ser necessária uma coisa dessa espécie?

Finalmente Ferdinand rastejou para a segurança da terra seca - que, afinal de contas, não era mais seca do que o lago mortal de onde haviam escapado. Jamieson, quase esgotado pela tensão, debruçou-se sobre o painel de controle. A reação deixara Wheeler abalado e fraco, mas sentia-se tão agradecido por estar fora de perigo que não se deixou aborrecer por isso.

Esquecera-se, no alívio de ver novamente luz do sol, de que haviam deixado o Projeto Thor três horas antes e percorrido menos de vinte quilômetros.

Ainda assim, talvez tivessem conseguido salvar-se. Mas mal haviam começado a avançar de novo e estavam rastejando sobre o topo de uma serra bastante suave, quando houve um rangido de metal rasgando-se e Ferdinand tentou girar. Jamieson desligou o motor instantaneamente e o trator parou com o lado voltado para a direção de onde vinham.

- E isso - disse J Jamieson baixinho - é sem a menor dúvida o fim. Mas acho que não estamos em condições de nos queixar. Se a transmissão de estibordo tivesse partido quando ainda estávamos naquele tanque de poeira...

Não concluiu a frase, mas virou-se para a vigia de observação que dava para a trilha que haviam deixado atrás. Wheeler seguiu seu olhar.

A cúpula do Projeto Thor ainda era visível no horizonte. Talvez já tivessem aproveitado demais sua sorte... mas seria bom se pudessem ter posto a protetora curva da Lua entre eles e as tempestades desconhecidas que lá se armavam.

Até hoje, pouca coisa foi revelada sobre as armas usadas na Batalha do Pico. Sabe-se que mísseis desempenharam apenas pequeno papel no encontro. Na guerra espacial qualquer coisa que não seja um impacto direto é quase inútil, pois nada existe para transmitir a energia de uma onda de choque. Uma bomba atômica, explodindo a algumas centenas de metros de distância, não pode causar o menor dano de explosão e mesmo sua radiação pode causar pouco dano a estruturas bem protegidas. Além disso, tanto a Terra como a Federação tinham meios eficazes para desviar projéteis comuns.

Armas puramente imateriais desempenharam os papéis mais eficientes. A mais simples delas eram os feixes de íons, desenvolvidos diretamente das unidades de propulsão das espaçonaves. Desde a invenção das primeiras válvulas de rádio, quase três séculos antes, os homens haviam aprendido a produzir e focalizar correntes cada vez mais concentradas de partículas carregadas. O clímax fora atingido na propulsão de nave espacial com o chamado "foguetes de íons", que gerava seu impulso pela emissão de intensos feixes de partículas eletricamente carregadas. A natureza mortal desses feixes causara muitos acidentes no espaço, embora eles fossem deliberadamente desfocalizados para limitar seu alcance efetivo.

Havia, naturalmente, uma resposta óbvia para tais armas. Os campos elétricos e magnéticos que as produziam podiam também ser usados para sua dispersão, transformando-as de feixes aniquiladores em borrifos dispersos e inofensivos.

Mais eficientes, porém mais difíceis de produzir, eram as armas que usavam radiação pura. Todavia, mesmo nisso, tanto a Terra como a Federação haviam obtido êxito. Restava ver qual delas realizara trabalho melhor - a superior ciência da Federação ou a maior capacidade produtiva da Terra.

O Comodoro Brennan tinha perfeita noção de todos esses fatores quando sua pequena frota convergiu para a Lua. Como todos os comandantes, ia entrar em ação com menos recursos do que desejaria ter. De fato, preferia não entrar em ação de maneira alguma.

A nave de passageiros adaptada, Eridanus, e o cargueiro Lete, em grande parte reconstruído - anteriormente registrados no Lloyd como Estrela Matutina e Rigel - estariam agora avançando entre a Terra e a Lua em seus cursos cuidadosamente planejados. Não sabia se ainda contavam com o elemento de surpresa. Mesmo que tivessem sido percebidos, a Terra talvez não soubesse da existência dessa terceira e maior nave, a Aqueronte. Brennan gostaria de saber que romântico com gosto por mitologia era responsável por esses nomes - provavelmente o Comissário Churchill, que fazia questão de emular seu famoso ancestral de todas as maneiras que podia. Contudo, não eram inapropriados. Os rios da Morte e do Esquecimento... Sim, essas eram coisas que aquelas naves poderiam levar a muitos homens, antes que se passasse outro dia...

O Tenente Curtis, um dos poucos homens da tripulação que passara realmente a maior parte de sua vida de trabalho no espaço, ergueu os olhos da mesa de

comunicações.

- Mensagem que acaba de ser captada da Lua, senhor. Dirigida a nós.

Brennan sentiu-se muito abalado. Se haviam sido localizados, certamente seus adversários não os desprezavam tanto a ponto de admitir claramente o fato! Olhou rapidamente para a mensagem, depois soltou um suspiro de alívio.

DO OBSERVATÓRIO PARA FEDERAÇÃO. DESEJO LEMBRAR-LHES EXISTÊNCIA DE INSTRUMENTOS INSUBSTITUÍVEIS EM PLATÃO. TAMBÉM TODO O PESSOAL DO OBSERVATÓRIO AINDA AQUI. MACLAURIN, DIRETOR.

- Não me assuste assim novamente, Curtis -,disse o Comodoro. - Pensei que você quisesse dizer que era transmitida para mim. Odeio pensar que possam ter-nos percebido a esta distância.

- Desculpe, senhor. É apenas uma transmissão geral. Ainda a estão transmitindo no comprimento de onda do Observatório.

Brennan entregou a mensagem a seu controlador de operações, Capitão Merton.

- Que pensa disto? Você trabalhou lá, não trabalhou?

Merton sorriu ao ler a mensagem.

- Muito próprio de Maclaurin. Em primeiro lugar os instrumentos, em segundo o pessoal. Eu não estou muito preocupado. Farei o possível para não acertar nele. Pensando bem, cem quilômetros não é uma margem ruim de segurança. A menos que haja um impacto direto com uma arma extraviada, eles não tem o menor motivo para preocupação. Estão muito bem enterrados, como o senhor sabe.

O ponteiro implacável do cronômetro estava ceifando os últimos minutos. Ainda confiante em que sua nave, encerrada em seu casulo de noite, ainda não fora percebida, o Comodoro Brennan observou as três centelhas de sua frota avançar ao longo de suas rotas determinadas na esfera de acompanhamento. Jamais havia imaginado que esse seria o seu destino - ter a sorte dos mundos em suas mãos.

Mas não estava pensando nas forças que dormiam nos bancos do reator, aguardando suas ordens. Não se preocupava com o lugar que teria na história quando homens recordassem esse dia. Apenas perguntava a si próprio, como sempre fizeram todos os que entram em batalha pela primeira vez, onde estaria no dia seguinte à mesma hora.

A menos de um milhão de quilômetros de distância, Carl Steffanson estava sentado a uma mesa de controle e observava a imagem do sol, captada por uma das numerosas câmaras que eram os olhos do Projeto Thor. O grupo de cansados técnicos, em pé ao seu redor, havia quase completado o equipamento antes de sua chegada. Agora as unidades discriminadoras que trouxera da Terra com tão desesperada pressa estavam ligadas ao circuito.

Steffanson girou um botão e o sol desapareceu. Passou da posição de uma câmara para outra, mas todos os olhos da fortaleza estavam igualmente cegos. A cobertura era completa.

Cansado demais para sentir qualquer satisfação, recostou-se em sua poltrona e fez um gesto em direção aos controles.

- Agora, cabe aos senhores. Ajustem de modo que passe luz suficiente para visão, mas que proporcione total rejeição do ultravioleta para cima. Temos certeza de que nenhum de seus feixes tem potência efetiva muito além de mil Angstrons. Eles ficarão muito surpreendidos quando todo seu material for repellido. Desejaria apenas que pudessemos mandá-lo de volta para o lugar de onde vieram.

- Gostaria de saber que aparência temos, vistos de fora quando a tela está ligada - disse um dos engenheiros.

-- Exatamente igual a um espelho refletor perfeito. Enquanto continuar refletindo, estaremos seguros contra radiação pura. Isso é tudo quanto posso prometer-lhes.

Steffanson olhou para seu relógio.

- Se o Serviço Secreto está certo, temos ainda uns vinte minutos. Mas não devemos contar com isso.

- Pelo menos Maclaurin sabe onde estamos agora - disse Jamieson, depois de desligar o rádio. - Mas não podemos culpá-lo se não mandar alguém tirar-nos daqui.

- Então que vamos fazer agora?

- Comer alguma coisa - respondeu Jamieson, voltando para a minúscula cozinha. - Penso que temos esse direito e talvez haja uma longa caminhada à nossa frente.

Wheeler olhou nervosamente através da planície, para a distante, mas ainda claramente visível' cúpula do Projeto Thor. Depois seu queixo caiu e demorou alguns segundos para acreditar que seus olhos não estavam pregando-lhe uma peça.

- Sid! - chamou ele. - Venha ver isto! Jamieson aproximou-se dele rapidamente e juntos os dois olharam fixamente para o horizonte. O hemisfério da cúpula, que estava em parte à sombra, mudara completamente de aparência. Em lugar de um fino crescente de luz, mostrava agora uma única estrela ofuscante, como se a imagem do sol estivesse sendo refletida em uma superfície espelhada perfeitamente esférica.

O telescópio confirmou essa impressão. A cúpula propriamente dita não era mais visível. Seu lugar parecia ter sido tomado por essa fantástica aparição prateada. Para Wheeler, parecia exatamente uma grande gota de mercúrio assentada sobre o horizonte.

- Eu gostaria de saber como fizeram aquilo - foi o calmo comentário de Jamieson. - Alguma espécie de efeito de interferência, suponho eu. Deve ser parte de seu sistema de defesa.

- É melhor irmos andando - falou Wheeler ansiosamente. - Não gosto do jeito disto. Sinto-me horrivelmente exposto aqui.

Jamieson começou a abrir armários e tirar suprimentos. Jogou algumas barras de chocolate e pacotes de carne comprimida para Wheeler.

- Comece a mastigar um pouco disso - falou ele. _ Não teremos tempo agora para uma refeição apropriada. É melhor beber também, se estiver com sede. Mas não beba muito... você vai ficar dentro desse traje durante horas e estes não são modelos de luxo.

Wheeler estava fazendo alguns cálculos mentais. Deviam estar a uns oitenta quilômetros da base, com todo o contraforte de Platão entre eles e o Observatório. Sim, seria uma longa caminhada... e, afinal de contas, talvez pudessem estar em segurança ali mesmo. O trator, que já lhes servira tão bem, poderia protegê-los de muitas encrencas.

Jamieson pensou na idéia, mas depois rejeitou-a.

- Lembre-se do que Steffanson disse - observou a Wheeler. - Ele falou para nos enterrarmos assim que pudéssemos. E devia saber o que estava falando.

Encontraram uma fenda a cinquenta metros do trator, na encosta da serra do lado oposto à fortaleza. Tinha profundidade suficiente apenas para que ficassem com a cabeça de fora quando em pé e o fundo era suficientemente plano para que se deitassem. Como trincheira, parecia ter sido feita sob medida e Jamieson sentiu-se muito feliz quando a localizou.

- A única coisa que me preocupa agora - disse ele - é saber quanto tempo

precisaremos esperar. É possível que nada aconteça. Por outro lado, se nos pusermos a andar poderemos ser apanhados em terreno aberto longe de um abrigo.

Depois de alguma discussão decidiram por um meio-termo. Ficariam com os trajes espaciais, mas voltariam a sentar dentro de Ferdinand onde pelo menos teriam conforto. Levariam apenas alguns segundos para chegar à trincheira.

Não houve aviso de espécie alguma. De repente as rochas cinzentas e empoeiradas do Mar das Chuvas foram crestadas por uma luz que nunca haviam conhecido em toda sua história. A primeira impressão de Wheeler foi de que alguém focalizara um gigantesco holofote sobre o trator. Depois percebeu que a explosão, que eclipsara o sol, ocorrera a muitos quilômetros de distância. Bem no alto, acima do horizonte, havia uma bola de brilho violeta, perfeitamente esférica, que perdia rapidamente seu fulgor à medida que se expandia. Em segundos reduziu-se a uma grande nuvem de gás luminoso. Caiu em direção à beirada da Lua e quase imediatamente se afundou abaixo do horizonte como um fantástico sol.

- Nós fomos tolos - disse Jamieson gravemente. - Aquilo era uma ogiva atômica... talvez já estejamos mortos.

- Bobagem - replicou Wheeler, embora sem muita confiança. - Aquilo foi a cinquenta quilômetros de distância. Os raios gama estariam muito fracos quando chegassem até nós... e estas paredes não são mau anteparo.

Jamieson não respondeu; já estava a caminho da esclusa de ar. Wheeler começou a segui-la, depois se lembrou que havia um detector de radiação a bordo e voltou para buscá-lo. Haveria mais alguma coisa que pudesse ser útil? Em repentino impulso, tirou a barra da cortina sobre a pequena alcova que escondia o lavatório e depois arrancou o espelho de parede de cima da pia.

Quando se juntou a Jamieson, que o esperava impacientemente na esclusa de ar, entregou-lhe o detector, mas não se deu ao trabalho de explicar o resto de seu equipamento. Só quando já estavam instalados em sua trincheira, à qual chegaram sem outros incidentes, é que tornou claro seu propósito.

- Se há uma coisa que odeio - falou petulantemente - é não ser capaz de ver o que está acontecendo.

Começou a fixar o espelho na barra da cortina, usando um arame que tirou de um dos bolsos de seu traje. Depois de alguns minutos de trabalho, conseguiu erguer para fora do buraco um tosco periscópio.

- Estou conseguindo ver a cúpula - disse ele com certa satisfação. - Está absolutamente intacta, pelo que posso ver.

- Deve estar mesmo -. respondeu Jamieson.

- Eles devem ter conseguido explodir a bomba de alguma maneira, quando ainda se encontrava a quilômetros de distância.

- Talvez fosse apenas um disparo de advertência.

- Não é provável! Ninguém desperdiça plutônio em exhibições de fogos de artifício. Aquilo era sério. Gostaria de saber quando será o próximo lance.

Não ocorreu antes de mais cinco minutos. Depois, quase simultaneamente, três outros deslumbrantes sóis atômicos explodiram no céu. Todos se moviam em trajetórias que os levariam diretamente à cúpula, mas muito antes de atingi-la, dispersaram-se em tênues nuvens de vapor.

- Primeiro e segundo assalto em favor da Terra - murmurou Wheeler. - Gostaria de saber de onde estão vindo aqueles projéteis.

- Se qualquer deles explodir diretamente em cima de nós - disse Jamieson -

estaremos feitos. Não se esqueça de que não existe aqui atmosfera para absorver os raios gama.

- Que diz o medidor de radiação?

- Não muita coisa ainda, mas eu estou preocupado com aquela primeira explosão, quando ainda estávamos no trator.

Wheeler estava muito ocupado observando o céu para responder. Em algum lugar lá em cima entre as estrelas, que ele podia ver agora que estava fora do clarão direto do sol, deviam encontrar-se as naves da Federação, preparando-se para o ataque seguinte. Não era provável que as próprias naves fossem visíveis, mas ele talvez pudesse ver suas armas em ação.

De algum lugar além do Pico, seis feixes de chama ergueram-se para o céu com enorme aceleração. A cúpula estava lançando seus primeiros projéteis, diretamente para a face do sol. A Lete e a Eridanus usavam um truque tão velho quanto a própria guerra: aproximavam-se de uma direção na qual seu adversário estaria parcialmente cego. Até mesmo o radar poderia ser perturbado pelo fundo de interferência solar, e o Comodoro Brennan arregimentara duas grandes manchas solares como aliadas.

Em segundos os foguetes se perderam no clarão. Pareceram passar minutos. Depois a luz do sol abruptamente se multiplicou cem vezes. O pessoal na Terra, pensou Wheeler, enquanto reajustava os filtros de seu visor, assistirá esta noite a um grande espetáculo. E a atmosfera, que tanto aborrece os astrônomos, protegê-lo-á de tudo quanto essas ogivas possam irradiar.

Não havia meio de se saber se os projéteis tinham causado algum dano. A enorme e silenciosa explosão poderia ter-se dissipado inofensivamente no espaço. Percebeu que aquela ia ser uma estranha batalha. Talvez nunca chegasse sequer a ver as naves da Federação, que quase certamente estariam pintadas de cor tão negra quanto a noite para que não pudessem ser detectadas.

Depois ele viu que algo estava acontecendo à cúpula. Não era mais um cintilante espelho esférico refletindo apenas a imagem do sol. Dela luz jorrava em todas as direções e sua luminosidade aumentava de segundo em segundo. De algum lugar no espaço, energia estava sendo lançada sobre a fortaleza. Isso só podia significar que as naves da Federação flutuavam diante das estrelas, despejando incontáveis milhões de quilouotes sobre a Lua. Mas ainda não havia sinal delas, pois nada revelava o curso do rio de energia que corria invisível pelo espaço.

A cúpula estava agora tão brilhante que não podia ser olhada diretamente, e Wheeler reajustou seus filtros. Perguntou a si próprio quando ela iria responder ao ataque ou se, de fato, poderia fazê-lo enquanto estivesse sob aquele bombardeio. Depois viu que o hemisfério estava cercado por uma tremulante corona, como uma espécie de descarga por eflúvios. Quase no mesmo momento a voz de Jamieson ecoou em seus ouvidos.

- Olhe, Con... bem no alto!

Desviou o olhar do espelho e olhou diretamente para o céu. Pela primeira vez, avistou uma das naves da Federação. Embora não o soubesse, estava vendo a Aqueronte, a única espaçonave até então construída especificamente para a guerra. Era claramente visível e parecia notavelmente próxima. Entre ela e a fortaleza, como um escudo impalpável, flutuava um disco que ele viu tornar-se vermelho-cereja, em seguida azul-branco e depois da mortalmente cauterizante cor violeta, só vista na mais quente das estrelas. O escudo oscilava para frente e para trás, dando a impressão de estar sendo equilibrado por energias tremendas e opostas. Enquanto fitava, esquecido do perigo que corria, Wheeler viu que a nave inteira estava cercada

por uma fraca aura de luz, só levada à incandescência nos lugares onde as armas da fortaleza a atingiam.

Demorou algum tempo para perceber que havia no céu duas outras naves, cada uma delas protegida por seu próprio nimbus flamejante. A batalha estava começando a tomar forma: cada lado testara cautelosamente suas defesas e suas armas, e só agora se iniciava a verdadeira prova de força.

Os dois astrônomos fitavam maravilhados as naves semelhantes a bolas de fogo móveis. Ali havia algo totalmente novo - algo muito mais importante do que meras armas. Aquelas naves possuíam um meio de propulsão que devia tornar o foguete obsoleto. Podiam pairar imóveis à vontade, depois mover-se em qualquer ângulo em alta aceleração. Precisavam dessa mobilidade. A fortaleza, com todo seu equipamento fixo, tinha muito mais potência do que elas e grande parte de sua defesa dependia de sua rapidez.

Em absoluto silêncio, a batalha chegava ao seu clímax. Milhões de anos antes, a rocha fundida congelara-se para formar o Mar das Chuvas e agora as armas das naves transformavam-na novamente em lava. Dos lados da fortaleza, nuvens de vapor incandescente eram lançadas para o céu, quando os feixes dos atacantes gastavam sua fúria contra as rochas desprotegidas. Era impossível dizer que lado estava causando maior dano. De vez em quando um anteparo se arrebatava em chamas, quando um raio de calor passava por aço aquecido ao branco. Quando isso acontecia a uma das belonaves, esta se afastava com incrível velocidade e transcorriam vários segundos antes que os aparelhos de focalização da fortaleza a localizassem de novo.

Tanto Wheeler como Jamieson estavam surpresos pelo fato de a batalha ser travada a tão curta distância. Provavelmente nunca havia mais de cem quilômetros entre os antagonistas e, em geral, muito menos do que isso. Quando se combate com armas que se deslocam à velocidade da luz - de fato, quando se combate com o emprego da própria luz - tais distâncias são triviais.

A explicação não lhe ocorreu senão ao final do encontro. Todas as armas de radiação tem uma limitação: precisam obedecer à lei do inverso do quadrado da distância. Só projéteis explosivos são igualmente eficazes a qualquer distância de que tenham sido projetados; se alguém é atingido por uma bomba atômica, não faz diferença que ela tenha percorrido dez ou mil quilômetros.

Mas, duplicando-se a distância de qualquer espécie de arma de radiação, sua potência é dividida por quatro, devido à dispersão do feixe. Não era de admirar, portanto, que o comandante federal se aproximasse de seu objetivo até o máximo a que se atrevia.

A fortaleza, não tendo mobilidade, precisava aceitar todo castigo que as naves pudessem aplicar-lhe. Após a batalha ter-se desenvolvido por alguns minutos, era impossível voltar os olhos desprotegidos para qualquer lugar na direção sul. Vezes e vezes, as nuvens de vapor da rocha erguiam-se para o céu, caindo depois sobre o solo como luminosa fumaça. Enquanto espiava através de seus óculos escuros e manobrava seu tosco periscópio, Wheeler viu então uma coisa em que mal pôde acreditar. Em volta da base da fortaleza, havia um círculo de lava que se estendia vagarosamente, derretendo barrancos e pequenas colinas como pedaços de cera.

Aquela visão aterradora fê-lo compreender, como nenhuma outra coisa fizera, a tremenda potência das armas que estavam sendo empregadas a apenas alguns quilômetros de distância. Se mesmo o mais insignificante reflexo extraviado daquelas energias chegasse até onde se encontravam, eles seriam apagados da existência tão

rapidamente como mariposas em uma chama de oxigênio.

As três naves pareciam estar se movendo em um complexo padrão tático, de modo a poderem manter a fortaleza sob o máximo bombardeio, ao mesmo tempo que reduziam sua oportunidade de revidar. Várias vezes as naves passaram verticalmente sobre eles e Wheeler retirava-se o mais que podia para o fundo da fenda, temendo que radiação emitida pelos anteparos caísse sobre eles. Jamieson, que desistira de tentar convencer seu colega a arriscar-se menos, rastejara por alguma distância ao longo da fenda, procurando uma parte mais funda, preferivelmente com boa cobertura. Não estava tão distante, porém, a ponto de a rocha interceptar as ondas dos rádios dos trajes espaciais e Wheeler lhe fazia contínuo comentário sobre a batalha.

Era difícil acreditar que todo o encontro ainda não durara dez minutos. Quando examinava cautelosamente o inferno no sul, Wheeler notou que o hemisfério parecia ter perdido um pouco de sua simetria. A princípio pensou que um dos geradores pudesse ter falhado, de modo a não permitir mais a manutenção do campo protetor. Depois viu que o lago de lava estava com pelo menos um quilômetro de extensão e calculou que toda a fortaleza saíra flutuando de suas fundações. Provavelmente os defensores nem sequer tinham conhecimento desse fato. Seu isolamento, que devia cuidar de calores solares, mal perceberia o modesto calor da rocha fundida.

E então começou a acontecer uma coisa estranha: os raios com que estava sendo travada a batalha não eram mais completamente invisíveis, pois a fortaleza não se encontrava mais no vácuo. Ao seu redor, a rocha fervente descarregava enormes volumes de gás, através dos quais o curso dos raios era claramente visível como a luz de holofotes em uma noite nebulosa na Terra. Ao mesmo tempo, Wheeler começou a notar uma contínua chuva de minúsculas partículas à sua volta. Por um momento ficou perplexo. Depois percebeu que o vapor da rocha estava se condensando após ter sido lançado para o céu. Parecia leve demais para ser perigoso e por isso não o mencionou a Jamieson - somente lhe daria com isso mais um motivo para preocupação. Enquanto a poeira que caía não fosse muito pesada, o isolamento normal dos trajes cuidaria dela. Em qualquer caso, provavelmente estava bem fria quando voltava à superfície.

A tênue e temporária atmosfera em volta da cúpula produzia outro efeito inesperado. Ocasionais relâmpagos dardejavam entre o solo e o céu, exaurindo as enormes cargas estáticas que deviam estar se acumulando em volta da fortaleza. Alguns desses relâmpagos teriam sido espetaculares por si sós - mas mal eram visíveis contra as nuvens incandescentes que os geravam.

Embora acostumado aos eternos silêncios da Lua, Wheeler ainda assim sentia uma impressão de irrealidade à vista dessas tremendas forças que se enfrentavam sem o mais ligeiro som. Às vezes uma delicada vibração chegava até ele, talvez o choque da lava caindo transmitido pelas rochas. Mas grande parte do tempo, tinha a impressão de estar assistindo a um programa de televisão, com o som desligado.

Posteriormente, mal poderia acreditar que fora tolo a ponto de expor-se aos riscos que estava então correndo. No momento, não sentia o menor medo - apenas uma imensa curiosidade e excitação. Fora cativado, embora não o soubesse, pelo mortal encanto da guerra. Existe nos homens uma tendência fatal que, apesar de tudo quando possa dizer a razão, faz com que seus corações batam mais depressa quando vêem a bandeira tremulando e ouvem a antiga música dos tambores.

Curiosamente, Wheeler não experimentava qualquer sentimento de identificação como qualquer dos lados. Parecia-lhe, em sua atual disposição anormalmente

fatigada, que tudo aquilo era uma vasta e impessoal exibição preparada para seu especial benefício. Sentia algo que se aproximava de desprezo por Jamieson, que estava perdendo tudo para procurar segurança.

Talvez a verdade fosse que, tendo acabado de escapar de um perigo, Wheeler se encontrava em um estado de exaltação, semelhante a embriaguez, no qual a idéia de risco pessoal lhe parecia absurda. Conseguira sair do tanque de poeira... nada mais poderia fazer-lhe mal agora.

Jamieson não tinha tal consolo. Pouco vira da batalha, mas sentia seu terror e grandeza muito mais profundamente do que seu amigo. Era tarde demais para remorso, mas cada vez mais lutava com sua consciência. Sentia-se furioso com o destino, por havê-lo colocado em uma posição na qual sua ação talvez tivesse decidido o destino de mundos. Estava furioso, em igual medida, com a Terra e com a Federação por terem deixado as coisas chegar a esse ponto. E sentia seu coração doer quando pensava no futuro para o qual a raça humana talvez estivesse agora caminhando.

Wheeler nunca ficou sabendo por que a fortaleza esperou tanto tempo para usar sua arma principal. Talvez Steffanson - ou quem se encontrasse no comando - estivesse esperando que o ataque abrandasse para poder arriscar-se a baixar as defesas da cúpula pelo milionésimo de segundo necessário para lançar seu estilete.

Wheeler viu-o disparar para cima, como uma sólida barra de luz apunhalando as estrelas. Lembrou-se dos rumores que haviam circulado no Observatório: então era isso que fora visto, dardejando acima das montanhas. Não teve tempo para refletir na desconcertante violação das leis de ótica que esse fenômeno implicava, pois estava fitando a nave arruinada sobre sua cabeça. O feixe passara através da Lete como se ela não existisse. A fortaleza perfurara-a como um entomologista perfura uma borboleta com um alfinete.

Fossem quais fossem suas lealdades, era uma coisa terrível ver como os anteparos da grande nave desapareceram repentinamente quando seus geradores morreram, deixando-a indefesa e desprotegida no céu.

As armas secundárias da fortaleza caíram instantaneamente sobre ela, abrindo grandes rasgos no metal e queimando sua couraça camada por camada. Depois, muito devagar, ela começou a rumar para a Lua, ainda bem equilibrada. Ninguém saberá jamais o que a deteve: provavelmente algum curto circuito em seus controles, pois nenhum de seus tripulantes podia ainda estar vivo. De repente, ela se desviou para leste em uma longa e lisa trajetória. A essa altura, a maior parte de seu casco fora arrancada e o esqueleto de sua estrutura estava quase completamente exposto. O choque ocorreu, minutos depois, quando ela mergulhou a perder-se de vista além das Montanhas Tenerife. Uma aurora azul-branca bruxuleou por um momento abaixo do horizonte e Wheeler esperou que o choque chegasse até ele.

Depois, enquanto olhava para leste, viu uma linha de poeira erguendo-se da planície, avançando rapidamente em sua direção, como que impulsionada por forte vento. A concussão estava correndo através da rocha, lançando bem para o alto a poeira da superfície à medida que passava. A rápida e inexorável aproximação daquela parede que se movia silenciosa, avançando à velocidade de vários quilômetros por segundo, teria sido suficiente para encher de terror qualquer pessoa que não conhecesse sua causa. Mas era completamente inofensiva. Quando a frente da onda o alcançou, foi como se um pequeno tremor de terra tivesse passado. O véu de poeira reduziu a visibilidade a zero por alguns segundos, depois desapareceu tão depressa quanto havia chegado.

Quando Wheeler voltou a olhar para as naves restantes, elas estavam tão distantes que seus anteparos se haviam reduzido a pequenas bolas de fogo tendo como fundo o zênite. A princípio, pensou que estivessem se retirando, depois, abruptamente, os anteparos começaram a expandir-se quando elas voltaram ao ataque sob tremenda aceleração vertical. Em volta da fortaleza, a lava, como uma criatura viva torturada, lançava-se loucamente para o céu quando os feixes de energia nela penetravam.

A Aqueronte e a Eridanus interromperam seu mergulho cerca de um quilômetro acima da fortaleza. Por um instante, permaneceram imóveis, depois voltaram juntas para o céu. Mas a Eridanus fora mortalmente ferida, embora Wheeler só soubesse que um dos anteparos estava diminuindo muito mais devagar do que o outro. Com um sentimento de impotente fascinação, observou a nave atingida cair de novo em direção à Lua. Perguntou a si próprio se a fortaleza usaria mais uma vez sua enigmática arma ou se os defensores percebiam que era desnecessário.

A mais ou menos dez quilômetros de altura, os anteparos da Eridanus pareceram explodir e ela ficou desprotegida, como um torpedo rombudo de metal preto, quase invisível contra o céu. Instantaneamente sua tinta absorvedora de luz e a couraça por baixo dela foram arrancadas pelo feixes da fortaleza. A grande nave tornou-se vermelho-cereja, depois branca. Virou-se de modo que sua proa ficou voltada para a Lua e iniciou seu último mergulho. A princípio parecia a Wheeler que ela avançava diretamente para onde ele estava. Depois viu que ela mirava a fortaleza. Obedecia ao último comando de seu capitão.

Foi quase um impacto direto. A nave agonizante esborrachou-se no lago de lava e explodiu instantaneamente, engolfando a fortaleza em um crescente hemisfério de chamas. Isso, pensou Wheeler, devia certamente ser o fim. Esperou que a onda de choque o alcançasse e novamente observou a parede de poeira correr - desta vez para o norte. O choque foi tão violento que o derrubou e ele não via como alguém na fortaleza pudesse ter sobrevivido. Cautelosamente, descansou o espelho que lhe dera quase toda sua visão da batalha e espiou por cima da beirada de sua trincheira. Não sabia que o paroxismo final ainda estava por vir.

Incrivelmente a cúpula ainda estava lá, embora agora parecesse que parte dela fora arrancada. Estava inerte e sem vida; seus filtros de proteção estavam baixados, suas energias esgotadas - sua guarnição, certamente, já morta. Se assim fosse, teria executado seu trabalho. Da nave federal restante não havia sinal. Já se retirara em direção a Marte, com seu armamento principal completamente inútil e suas unidades de propulsão a ponto de falhar. Nunca mais combateria - mas, nas poucas horas de vida que lhe restavam, tinha mais um papel a desempenhar.

- Está tudo acabado, Sid - falou Wheeler através do rádio de seu traje. - Agora é seguro sair e olhar.

Jamieson subiu para fora de uma fenda a cinquenta metros de distância, segurando o detector de radiação à sua frente.

- Ainda está quente por aqui - Wheeler ouviu-o resmungar, quase para si próprio. - Quanto mais cedo nos pusermos a andar, melhor.

- Será seguro voltar ao Ferdinand e transmitir uma mensagem pelo rádio? - começou Wheeler. Depois parou. Alguma coisa estava acontecendo na cúpula.

Em uma explosão semelhante a um vulcão em erupção, o solo abriu-se. Um enorme gêiser começou a subir para o céu, lançando grandes pedras a milhares de metros em direção às estrelas .. Ergueu-se rapidamente acima da planície, levando uma massa trovejante de fumaça e espuma à sua frente. Por um momento se elevou contra o firmamento do sul, como alguma incrível árvore que, aspirando chegar ao

céu, tivesse brotado do solo estéril da Lua. Depois, quase tão rapidamente como crescera, declinou em silenciosa ruína e seus furiosos vapores dispersaram-se no espaço.

As milhares de toneladas de líquido pesado que mantinham aberto o mais profundo poço já perfurado pelo homem atingiram finalmente o ponto de ebulição, quando as energias da batalha se filtraram na rocha. A mina explodira sua tampa tão espetacularmente quanto qualquer poço de petróleo na Terra e provara que uma excelente explosão ainda podia ser provocada sem auxílio de energia atômica.

Para o Observatório a batalha não foi mais do que um ocasional e distante terremoto, uma fraca vibração do solo que perturbou alguns dos instrumentos mais delicados, mas não causou dano material. O dano psicológico, porém, foi coisa diferente. Nada é tão desmoralizador quanto saber que grandes e abaladores acontecimentos estão ocorrendo, mas ficar totalmente ignorante de seu resultado. O Observatório estava cheio de rumores fantásticos e o Escritório de Sinalização era assediado por perguntas. Mas nem mesmo ali havia informações. Todas as transmissões da Terra haviam cessado. Toda a humanidade estava esperando, como que com a respiração presa, que a fúria da batalha cessasse, para que se pudesse conhecer o vencedor. Que não havia vencedor era coisa que não fora prevista.

Somente depois que as últimas vibrações cessaram e o rádio anunciou que as forças da Federação estavam em plena retirada, Maclaurin permitiu que alguém subisse à superfície. A informação que desceu, depois da tensão e excitação das últimas horas, foi não apenas um alívio, mas também um considerável anticlímax. Havia pequena quantidade de radiatividade intensificada, mas nem o mais ligeiro traço de perigo. O que haveria do outro lado das montanhas era, naturalmente, coisa diferente.

A notícia de que Wheeler e Jamieson estavam em segurança deu tremendo impulso ao moral do pessoal. Devido a uma interrupção parcial das comunicações, os dois haviam levado quase uma hora para estabelecer contato com o Observatório. A demora enfurecera-os e preocupara-os, pois os deixara em dúvida se o Observatório fora destruído. Não ousaram partir a pé senão quando tiveram certeza de haver um lugar para onde ir - e Ferdinand estava agora excessivamente radiativo para servir como refúgio seguro.

Sadler encontrava-se nas Comunicações, tentando descobrir o que acontecia, quando a mensagem chegou. Jamieson, parecendo muito cansado, fez um breve relato da batalha e pediu instruções.

- Qual é a leitura de radiação dentro do carro? - perguntou Maclaurin. Jamieson transmitiu as cifras. Ainda parecia estranho a Sadler que a mensagem precisasse ir até a Terra apenas para atravessar uma centena de quilômetros na Lua e nunca fora capaz de acostumar-se com a demora de três segundos que isso causava.

- Vou mandar a seção de saúde calcular a tolerância - respondeu Maclaurin. - Você diz que a leitura fora é apenas um quarto daquela?

- Sim... ficamos fora do trator o máximo possível e entramos de dez em dez minutos para tentar estabelecer contato com vocês.

- O melhor plano é este... mandaremos um trator imediatamente e vocês começarão a andar em nossa direção. Algum lugar em particular de encontro que vocês queiram atingir?

Jamieson pensou por um momento.

- Diga a seu motorista para dirigir-se ao marco do quilômetro cinco deste lado do Prospecto Chegaremos lá quase ao mesmo tempo que ele. Conservaremos nossos rádios de modo que não haverá probabilidade de não nos encontrar.

Quando Maclaurin estava dando suas ordens, Sadler perguntou se havia lugar para

um passageiro extra no trator de socorro. Isso lhe daria oportunidade de interrogar Wheeler e Jamieson muito mais cedo do que de outra maneira qualquer. Quando chegassem ao Observatório - embora ainda não o soubessem - os dois seriam levados imediatamente para o hospital e submetidos a tratamento contra radiação. Não estavam em perigo sério, mas Sadler duvidava que tivesse muita oportunidade de falar com eles durante algum tempo, depois que os médicos os segurassem.

Maclaurin atendeu ao pedido, acrescentando este comentário: - Naturalmente, o senhor percebe que precisará contar-lhes quem é. Depois o Observatório inteiro ficará sabendo em dez minutos.

- Pensei nisso - respondeu Sadler. - Agora não tem mais importância.

Mas para si mesmo, Sadler admitia que tinha importância.

Meia hora depois estava aprendendo a diferença entre viajar no suave e rápido monotrilho e em um trator sacolejante. Depois de algum tempo, acostumou-se às tremendas rampas que o motorista enfrentava despreocupado e deixou de lamentar-se por ter-se oferecido para essa missão. Além de seus tripulantes, o veículo levava o médico-chefe, que esperava fazer contagens de sangue e aplicar injeções assim que fosse efetuado o salvamento.

Não houve clímax dramático para a expedição.

Assim que atravessaram o Passo Prospect estabeleceram contato pelo rádio com os dois homens que caminhavam penosamente em sua direção. Quinze minutos depois as figuras apareceram no horizonte e não houve cerimônia, a não ser os calorosos apertos de mão quando entraram no trator.

Ficaram parados algum tempo, para que o oficial-médico aplicasse suas injeções e fizesse seus testes. Quando terminou, ele disse a Wheeler: - Você vai ficar de cama durante a próxima semana, mas não há motivo para preocupar-se.

- E eu? - perguntou J Jamieson

- Você está bem... uma dose muito menor. Uns dois dias é tudo quanto precisa.

- Valeu a pena - disse Wheeler jovialmente.

- Acho que esse não é preço muito alto a pagar por uma visão de arquibancada do Armagedom

Depois, quando a reação de saber que estava seguro cessou, ele acrescentou ansiosamente: Quais são as últimas notícias? A Federação atacou em algum outro lugar?

- Não - respondeu Sadler. - Não atacou e duvido que pudesse ter atacado. Mas parece que conseguiu seu principal objetivo, que era impedir-nos de usar aquela mina. O que vai acontecer agora depende dos políticos.

- Eh! - disse Jamieson. - Que está você fazendo aqui afinal de contas?

Sadler sorriu.

- Ainda estou investigando, mas digamos que meus termos de referência são mais amplos do que todo o mundo imaginava.

- Você não é repórter de rádio? - perguntou Wheeler desconfiado.

- Bem... não exatamente. Eu preferiria não...

- Eu sei - interveio Jamieson repentinamente. - Você tem alguma coisa a ver com Segurança. Agora tem sentido.

Sadler olhou para ele com vago aborrecimento. Jamieson, decidiu, tinha um talento notável para tornar as coisas difíceis.

- Isso não importa. Mas desejo enviar um relatório completo de tudo quanto vocês viram. Vocês devem entender que são as únicas testemunhas oculares

sobreviventes, com exceção da tripulação da nave federal.

- Eu receava isso - disse Jamieson. -- Então o Projeto Thor foi arrasado?
- Sim, mas penso que executou seu trabalho.
- Que desperdício, porém... Steffanson e todos aqueles outros! Se não fosse eu, ele provavelmente ainda estaria vivo.
- Ele sabia o que estava fazendo... e fez sua própria escolha - respondeu Sadler, rispidamente. Sim, Jamieson ia ser um herói muito recalcitrante.

Durante os trinta minutos seguintes, enquanto voltavam a subir pela parede de Platão na viagem para o Observatório, ele interrogou Wheeler sobre o curso da batalha. Embora o astrônomo só pudesse ter visto, pequena parte do encontro, devido a seu limitado ângulo de visão, sua informação seria inestimável quanto os táticos na Terra efetuassem a autópsia dos acontecimentos.

- O que mais me intriga - concluiu Wheeler - é a arma que a fortaleza usou para destruir a belonave. Parecia alguma espécie de feixe, mas naturalmente isso é impossível. Nenhum feixe de energia pode ser visível no vácuo. E eu me pergunto por que a usaram só uma vez. Você sabe alguma coisa a respeito?

- Receio que não - respondeu Sadler, o que não era verdade. Ainda sabia pouca coisa sobre as armas da fortaleza, mas aquela era a única que agora compreendia perfeitamente. Bem podia avaliar por que um jato de metal fundido, lançado através do espaço, a uma velocidade de várias centenas de quilômetros por segundo, pelos mais potentes eletromagnetos já construídos, poderia ter parecido um feixe de luz relampejando por um instante. E sabia que era uma arma de curto alcance, destinada a penetrar em campos capazes de desviar projéteis comuns. Só poderia ser usada em condições ideais e seriam necessários muitos minutos para recarregar os gigantescos condensadores que forneciam energia aos magnetos.

Esse era um mistério que os próprios astrônomos teriam que resolver. Imaginava que não demorariam muito quando voltassem realmente sua mente para o assunto.

O trator desceu rastejando cautelosamente pelas íngremes encostas internas da grande planície murada e as armações dos telescópios apareceram no horizonte. Assemelhavam-se, pensou Sadler, exatamente a um par de chaminés! de fábrica cercadas por andaimes. Mesmo em sua curta estada ali, ficara gostando muito deles e passara a pensar neles como personalidades, tal como faziam os homens que os usavam. Era capaz de partilhar da preocupação dos astrônomos pela possibilidade de ocorrer algum dano àqueles soberbos instrumentos, que haviam trazido para a Terra conhecimento de uma centena de milhões de anos-luz no espaço.

Um imponente penhasco escondeu o sol e a escuridão caiu abruptamente quando entraram na sombra. No alto as estrelas começaram a reaparecer, enquanto os olhos de Sadler se ajustavam automaticamente à mudança na luz. Ergueu os olhos para o céu do norte e viu que Wheeler estava fazendo a mesma coisa.

Nova Draconis incluía-se ainda entre as mais brilhantes estrelas no céu, mas estava se apagando depressa. Dentro de alguns dias não seria mais brilhante do que Sírio; dentro de alguns meses, ficaria fora do alcance do olho nu. Havia ali certamente alguma mensagem, algum símbolo meio vislumbrado nas fronteiras da imaginação. A ciência aprenderia muita coisa com *Nova Draconis*, mas que ensinaria ela aos mundos comuns dos homens?

Só isto, pensou Sadler. Os céus podiam resplandecer com portentos, a galáxia podia abrasar-se com as luzes de estrelas em explosão, mas o homem continuaria a cuidar de seus próprios negócios com sublime indiferença. Estava agora ocupado com os planetas e as estrelas teriam que esperar. Não se intimidaria com coisa

alguma que elas pudessem fazer; e quando chegasse seu tempo, lidaria com elas como achasse mais conveniente.

Nem os que socorreram nem os que foram socorridos tiveram muita coisa a dizer na última etapa da viagem para o Observatório. Wheeler evidentemente começava a sofrer o choque retardado e suas mãos adquiriram um tremor nervoso. Jamieson limitou-se a ficar sentado e olhar o Observatório que se aproximava, como se nunca antes o tivesse visto. Quando passaram pela longa sombra do telescópio de mil centímetros, ele se virou para Sadler e perguntou: - Conseguiram pôr tudo em segurança a tempo?

- Creio que sim - respondeu Sadler. - Não ouvi falar em dano algum.

Jamieson inclinou a cabeça com ar distraído. Não demonstrou o menor sinal de prazer ou alívio. Atingira saturação emocional e nada poderia realmente afetá-lo agora, até que passasse o impacto das últimas poucas horas.

Sadler deixou-os assim que o trator entrou na garagem subterrânea e dirigiu-se às pressas para seu quarto, a fim de escrever seu relatório. Isso estava fora de seus termos de referência, mas sentia-se satisfeito em poder finalmente fazer alguma coisa construtiva.

Havia agora um sentimento de anticlímax, uma impressão de que a tempestade gastara sua fúria e não voltaria mais. Depois da batalha, Sadler sentia-se muito menos deprimido do que se sentira durante dias. Parecia-lhe que tanto a Terra como a Federação deviam estar igualmente intimidadas pelas forças que haviam desencadeado e que ambas estavam igualmente ansiosas pela paz.

Pela primeira vez desde que deixara a Terra, ousava pensar novamente em seu futuro. Embora não pudesse ainda ser inteiramente ignorado, o perigo de um ataque à própria Terra parecia agora remoto. Jeanette estava em segurança e logo ele poderia voltar a vê-la. Pelo menos poderia contar-lhe onde estivera, pois os acontecimentos haviam tornado absurdo mais segredo.

Havia, entretanto, uma insistente frustração na mente de Sadler. Odiava deixar um trabalho por fazer, mas, pela natureza das coisas, essa sua missão poderia permanecer para sempre incompleta. Daria quase tudo para saber se houvera ou não um espião no Observatório...

A nave Pégaso, com trezentos passageiros e sessenta tripulantes a bordo, estava apenas a quatro dias da Terra quando a guerra começou e acabou. Durante algumas horas houve grande confusão e alarma a bordo, quando as mensagens radiofônicas da Terra e da Federação foram interceptadas. O Capitão Halstead foi obrigado a adotar medidas firmes com alguns dos passageiros, que desejavam voltar em lugar de continuar a viagem para Marte e enfrentar um futuro incerto como prisioneiros de guerra. Não era fácil culpá-los. A Terra ainda estava tão próxima que era um belo crescente prateado, tendo a Lua como um eco mais fraco e menor a seu lado. Mesmo dali, a mais de um milhão de quilômetros de distância, as energias que acabavam de flamejar sobre a face da Lua eram claramente visíveis e contribuíram muito pouco para restaurar o moral dos passageiros.

Eles não eram capazes de compreender que as leis da mecânica celeste não admitem apelo. A Pégaso mal se afastara da Terra e estava ainda a semanas de seu objetivo pretendido. Contudo, atingira sua velocidade orbitante e se lançara como um gigantesco projétil em uma rota que a levaria inevitavelmente a Marte, sob a orientação da gravidade do sol que invadia tudo. Não podia haver retorno; essa era uma manobra que exigiria quantidade impossível de combustível. A Pégaso levava em seus tanques poeira suficiente para igualar a velocidade de Marte no final de sua órbita e permitir razoáveis correções do curso na rota. Seus reatores nucleares podiam fornecer energia para uma dúzia de viagens - mas pura energia era inútil se não houvesse massa propulsora para ejetar. Quisesse ou não, a Pégaso estava dirigida para Marte com a inevitabilidade de um trem descontrolado. O Capitão Halstead não previa viagem agradável.

As palavras *MAYDAY, MAYDAY* saíram ruidosamente do rádio e baniram todas as outras preocupações da Pégaso e de sua tripulação. Durante trezentos anos, no ar, no mar e no espaço, essas palavras haviam alertado organizações de salvamento, haviam levado capitães a mudar seu curso e correr em socorro de camaradas em perigo. Mas havia tão pouca coisa que o comandante de uma espaçonave pudesse fazer! Em toda a história da astronáutica, só havia três casos de operações de salvamento bem sucedidas no espaço.

Existem duas razões para isso, das quais só uma é amplamente noticiada pelas companhias de navegação. É extremamente raro um desastre grave no espaço; quase todos os acidentes ocorrem no pouso ou decolagem. Depois de haver chegado ao espaço e entrado na órbita que a levará sem esforço até seu destino, a nave está segura contra todos os riscos, exceto complicações mecânicas internas. Tais complicações ocorrem com mais frequência do que os passageiros até hoje souberam, mas em geral são triviais e rapidamente resolvidas pela tripulação. Todas as espaçonaves são, por lei, construídas em várias seções independentes, qualquer das quais pode servir como refúgio em caso de emergência. Assim, o pior que pode acontecer é passarem todos algumas horas sem conforto, enquanto um irado capitão respira forte sobre o pescoço de seu oficial de engenharia.

A segunda razão pela qual salvamentos no espaço são tão raros reside no fato de

serem quase impossíveis, pela própria natureza das coisas. Espaçonaves viajam a velocidades enormes em trajetórias calculadas com precisão, que não permitem grandes alterações -- como os passageiros da Pégaso estavam agora começando a compreender. A órbita que uma nave segue de um planeta para outro é única; nenhuma outra nave seguirá jamais a mesma trajetória, entre os mutáveis padrões dos planetas. Não há "rotas de navegação" no espaço e é de fato raro uma nave passar a um milhão de quilômetros de outra. Mesmo quando isso acontece, a diferença de velocidade é quase sempre tão grande que todo contato se torna impossível.

Todos esses pensamentos correram pela mente do Capitão Halstead quando recebeu a mensagem da Sinalização. Leu a posição e a rota do navio em perigo - a cifra da velocidade devia ter sido adulterada na transmissão, tão ridiculamente alta era ela. Quase certamente nada havia que ele pudesse fazer - estavam muito longe e levariam dias para chegar até eles.

Depois notou o nome no fim da mensagem.

Pensava estar familiarizado com todas as naves no espaço, mas essa era nova para ele. Fitou perplexo a mensagem por um momento, antes de perceber de repente quem estava pedindo sua ajuda...

Inimidade desaparece quando homens estão em perigo, no mar ou no espaço. O capitão Halstead debruçou-se sobre sua mesa de controle e disse: - Sinalização! Ponha-me em contato com seu capitão.

- Ele está no circuito, senhor. Pode continuar.

O Capitão Halstead pigarreou. Era uma experiência nova e nada agradável. Não lhe dava a menor satisfação dizer mesmo a um inimigo que nada poderia fazer para salvá-lo.

- Capitão Halstead, da Pégaso, falando - começou. - Vocês estão longe demais para entrar em contato. Nossa reserva operacional é de menos de dez quilômetros por segundo. Nem preciso computar... posso ver que é impossível. Tem alguma sugestão? Por favor, confirme sua velocidade... recebemos uma cifra incorreta.

A resposta, depois de uma demora de quatro segundos, que parecia duplamente enlouquecedora naquelas circunstâncias, foi inesperada e espantosa.

- Aqui é o Comodoro Brennan, do cruzador federal Aqueronte. Confirmando nossa cifra de velocidade. Podemos entrar em contato com vocês dentro de duas horas e faremos nós mesmos todas as correções de rota. Ainda temos potência, mas precisamos abandonar a nave dentro de menos de três horas. Nosso anteparo contra radiação desapareceu e o reator principal está se tornando instável. Temos controle manual sobre ele e será seguro pelo menos durante uma hora depois de nos encontrarmos. Mas não podemos garantir depois disso.

O Capitão Halstead sentiu a carne formigar em sua nuca. Não sabia como um reator podia tornar-se instável - mas sabia o que aconteceria se ele se tornasse instável. Havia muitas coisas a respeito da Aqueronte que ele não compreendia sua velocidade, principalmente - mas um ponto se destacava claramente e sobre ele o Comodoro Brennan não devia ser deixado na menor dúvida.

- Pégaso para Aqueronte -. respondeu ele. - Tenho trezentos passageiros a bordo. Não posso arriscar minha nave, se houver perigo de explosão.

- Não existe o menor perigo... posso garantir isso. Teremos pelo menos cinco minutos depois da advertência, o que nos dará muito tempo para nos afastar de vocês.

- Muito bem... Deixarei minhas esclusas de ar prontas e minha tripulação

preparada para passar-lhes um cabo.

Houve uma pausa mais longa do que aquela ditada pelo preguiçoso progresso das ondas de rádio. Depois Brennan respondeu:

- Essa é a nossa dificuldade. Estamos isolados na seção dianteira. Não há esclusas externas aqui e só temos cinco trajes para cento e vinte homens.

Halstead assoviou e virou-se para seu navegador antes de responder.

- Nada poderemos fazer por eles - disse. - Precisarão rachar o casco para sair e isso será o fim de todos, exceto dos cinco homens com os trajes. Nem sequer podemos emprestar-lhes nossos trajes... não haverá meio de levá-los a bordo sem deixar escapar a pressão.

Ligou a chave do microfone.

- Pégaso para Aqueronte. Como sugere que podemos ajudá-los?

Era fantástico falar com um homem que já estava praticamente morto. As tradições do espaço eram tão rígidas quanto as do mar. Cinco homens poderiam deixar a Aqueronte vivos... mas seu capitão não estaria entre eles.

Halstead não sabia que o Comodoro Brennan tinha outras Ideias e de maneira nenhuma abandonara a esperança, por mais desesperada que parecesse a situação. Seu Médico-chefe, que propusera o plano, já o estava explicando à tripulação.

- Isto é o que vamos fazer - disse o homenzinho moreno que até alguns meses antes era um dos melhores cirurgiões de Vênus, - Não podemos chegar às esclusas de ar, porque estamos cercados de vácuo e só temos cinco trajes espaciais. Esta nave foi construída para combater, não para transportar passageiros, e receio que seus planejadores tinham outras coisas em que pensar além das Regras de Padrão de Qualidade Espacial. Nós aqui estamos e precisamos aproveitar ao máximo os recursos que temos.

- Estaremos ao lado da Pégaso dentro de umas duas horas. Felizmente para nós, ela tem grandes esclusas para embarque de carga e passageiros. Haverá espaço para trinta ou quarenta homens se acomodarem dentro delas, se se apertarem bem... e não estiverem usando trajes. Sim, sei que isso parece ruim, mas não é suicídio. Vocês vão respirar espaço e dar-se bem com ele! Não digo que vai ser agradável, mas será uma coisa de que poderão vangloriar-se pelo resto da vida.

- Agora escutem cuidadosamente. A primeira coisa que preciso provar é que vocês podem viver durante cinco minutos sem respirar... de fato, sem desejar respirar. É um truque simples. Iogues e mágicos conhecem-no há séculos, mas nada existe nele de oculto e se baseia em psicologia de bom senso. Para dar-lhes confiança, quero que vocês façam esta prova.

O Médico-chefe tirou um cronômetro do bolso e continuou:

- Quando eu disser "Agora!" quero que vocês exalem completamente... esvaziem seus pulmões de toda gota de ar... e depois vejam quanto tempo são capazes de ficar assim antes de precisar respirar. Não se esforcem demais... simplesmente prendam a respiração até sentir falta de conforto, depois comecem a respirar de novo normalmente. Começarei a contar os segundos depois de quinze, para que vocês possam dizer o que conseguiram fazer. Se alguém não conseguir chegar aos quinze segundos, recomendarei sua exclusão imediata das forças armadas.

A onda de risos rompeu a tensão, como era seu propósito. Depois o Médico-chefe ergueu a mão e baixou-a gritando "Agora!". Houve um grande suspiro quando todo o grupo esvaziou os pulmões; depois, absoluto silêncio.

Quando o Médico-Chefe começou a contar depois de quinze, houve alguns

arquejos daqueles que mal tinham conseguido chegar a esse ponto. Continuou contando até sessenta, acompanhado por ocasionais e explosivas inalações, à medida que homem após homem capitulava. Alguns ainda estavam obstinadamente contendo a respiração, depois de um minuto.

- Basta -- disse o pequeno cirurgião. - Vocês, durões, podem parar de exhibir-se... estão estragando a experiência.

Houve novamente um murmúrio divertido; os homens estavam readquirindo rapidamente seu moral. Ainda não compreendiam o que estava acontecendo, mas pelo menos estava em andamento algum plano que lhes oferecia uma esperança de salvação.

- Vejamos agora o que conseguimos - disse o Médico-chefe. - Ergam a mão aqueles que resistiram de quinze a vinte segundos... Agora, de vinte a vinte e cinco... Agora de vinte e cinco a trinta... Jones, você é um mentiroso dos diabos... você se entregou aos quinze segundos... Agora de trinta a trinta e cinco...

Quando terminou o censo, era claro que mais de metade do grupo conseguira prender a respiração por trinta segundos e nenhum deixara de chegar aos quinze segundos.

- É mais ou menos o que eu esperava - disse o Médico-chefe. - Podem considerar isto como uma experiência de controle e agora vamos passar para a coisa verdadeira. Devo dizer-lhes que estamos agora respirando aqui quase oxigênio puro, a cerca de trezentos milímetros. Assim, embora a pressão na nave tenha menos de metade de seu valor ao nível do mar na Terra, seus pulmões estão recebendo duas vezes mais oxigênio do que receberiam na Terra... e ainda mais do que receberiam em Marte ou Vênus. Se algum de vocês saiu furtivamente para fumar escondido no lavatório, já notou como o ar era rico, pois seu cigarro terá durado apenas alguns segundos.

- Estou lhes dizendo tudo isso porque sua confiança aumentará se souberem o que está acontecendo. O que vocês vão fazer agora é inundar seus pulmões e encher seu organismo de oxigênio. Isso se chama hiperventilação, que é simplesmente uma palavra difícil para dizer respiração profunda. Quando der o sinal, desejo que todos vocês respirem o mais fundo possível, depois exalem completamente e continuem a respirar da mesma maneira até eu mandar parar. Vou deixar que o façam durante um minuto... alguns de vocês talvez se sintam um pouco tontos ao fim desse tempo, mas isso passará. Absorvam todo o ar que puderem em cada inalação - abram os braços para obter o máximo de expansão dos pulmões.

- Depois, quando terminar o minuto, eu pedirei que exalem, em seguida parem de respirar. Então começarei a contar novamente os segundos. Penso poder prometer-lhes uma grande surpresa. Muito bem... agora vamos!

Nos minutos seguintes, os compartimentos superlotados da Aqueronte apresentaram um espetáculo fantástico. Mais de uma centena de homens sacudia os braços e respirava estertorosamente, como se cada arquejo fosse o último de sua existência. Alguns estavam tão juntos que não podiam respirar tão fundo quanto desejariam e todos tiveram que se segurar de alguma maneira para que seus esforços não os fizessem deslocar-se pelas cabinas.

- Agora! - gritou o Médico-chefe. - Parem de respirar... soprem para fora todo ar... e vejam quanto tempo conseguem ficar com a respiração presa antes de começar de novo. Vou contar os segundos... mas desta vez não começarei antes de haver passado meio minuto.

O resultado, é óbvio, deixou todo o mundo estupefato. Um homem não conseguiu

chegar ao minuto, mas afora isso transcorreram quase dois minutos antes que a maioria dos homens sentisse necessidade de respirar de novo. De fato, respirar antes disso teria exigido esforço deliberado. Alguns homens ainda se sentiam perfeitamente bem depois de três ou quatro minutos. Um deles ainda estava prendendo a respiração aos cinco minutos quando o médico mandou que parasse.

- Penso que todos vocês viram o que eu tentava provar. Quando seus pulmões estão inundados de oxigênio, vocês simplesmente não desejam respirar durante vários minutos, assim corpo não desejariam comer depois uma refeição pesada. Não exige esforço e não representa sacrifício... não se trata de prender a respiração. E se sua vida dependesse disso, vocês se sairiam ainda muito melhor, é o que posso prometer-lhes,

- Agora, nós vamos nos colocar ao lado do Pégaso. Demoraremos menos de trinta segundos para chegar até lá. Seus homens estarão fora com trajes espaciais para puxar os que se extraviarem e as portas da esclusa de ar serão fechadas assim que todos vocês estiverem dentro. Depois a esclusa será inundada de ar e vocês nada sentirão de mal, a não ser alguns que sangrarão pelo nariz.

Ele esperava que isso fosse verdade. Só havia um meio de descobrir. Era um jogo perigoso e sem precedentes, mas não havia alternativa. Pelo menos, daria a cada homem uma oportunidade de lutar pela própria vida.

- Agora - continuou ele - vocês provavelmente estão pensando na queda da pressão. Essa é a única parte nada agradável, mas vocês não ficarão no vácuo tempo suficiente para sofrer danos graves. Abriremos as portas em dois estágios: primeiro baixaremos a pressão vagarosamente até um décimo de atmosfera, em seguida abriremos de uma vez e daremos o salto. Descompressão total é dolorosa, mas não perigosa. Esqueçam todas as tolices que ouviram no sentido de que o corpo humano explode no vácuo. Nós somos muito mais resistentes do que isso e a queda final que vamos fazer de um décimo de atmosfera para zero é consideravelmente menor do que homens já suportaram em provas de laboratório. Conservem a boca bem aberta e deixem escapar os gases intestinais. Vocês sentirão a pele toda ardendo, mas provavelmente estarão tão ocupados que nem repararão nisso.

O Médico-chefe fez uma pausa e examinou sua silenciosa e atenta audiência. Todos estavam recebendo muito bem a coisa, mas isso era de se esperar. Cada um deles era um homem treinado - eram a nata dos engenheiros e técnicos dos planetas.

- Na verdade - continuou o médico jovialmente - vocês provavelmente vão rir quando eu lhes disser qual é o maior perigo. Nada é senão a queimadura do sol. Lá fora vocês estarão sob raios ultravioletas puros, sem a proteção da atmosfera. Isso poderá causar bolhas sérias em trinta segundos, de modo que faremos a travessia à sombra da Pégaso. Se por acaso vocês ficarem fora da sombra, protejam o rosto com o braço. Aqueles que têm luvas farão bem em usá-las.

- Bem, essa é a situação. Eu vou fazer a travessia com o primeiro grupo só para mostrar como é fácil. Agora desejo que vocês se dividam em quatro grupos e eu treinarei cada um deles separadamente.

Lado a lado a Pégaso e a Aqueronte corriam em direção ao planeta distante onde só uma delas chegaria. As esclusas de ar da nave de passageiros estavam abertas, escancaradas a não mais de alguns metros do casco da belonave inutilizada. No espaço entre as duas naves havia cordas de guia e entre elas flutuavam os homens da tripulação da nave de passageiros, prontos para prestar assistência se algum dos homens que escapavam baqueassem durante a rápida, mas perigosa travessia.

Foi sorte para a tripulação da Aqueronte os quatro anteparos de pressão estarem ainda intactos. Sua nave podia ainda ser dividida em quatro compartimentos separados, de modo que um quarto da tripulação poderia deixá-la de cada vez.

As esclusas de ar da Pégaso não poderiam receber todos de uma vez, se fosse necessária uma saída em massa.

O Capitão Halstead observava da ponte quando o sinal foi dado. Uma repentina nuvem de fumaça saiu do casco da belonave, depois a porta de emergência - certamente nunca planejada para uma emergência como essa - saltou para o espaço. Uma nuvem de poeira e vapor condensado estourou para fora, obscurecendo a visão por um segundo. Ele sabia que os homens à espera sentiriam seus corpos sugados pelo ar que escapava, tentando arrancá-los de onde estavam se segurando.

Quando a nuvem se dissipou, os primeiros homens já haviam saído. O líder usava um traje espacial e todos os outros estavam ligados aos três cabos presos a ele. Instantaneamente, homens da Pégaso agarraram dois dos cabos e precipitaram-se para suas respectivas esclusas de ar. Todos os homens da Aqueronte, como Halstead viu com alívio, pareciam estar conscientes e fazendo tudo quanto podiam para ajudar.

Pareceu transcorrer séculos, antes que a última figura na ponta do cabo oscilante fosse puxada ou empurrada para dentro de uma eclusa de ar. Depois a voz de uma daquelas figuras em traje espacial gritou: "Fechar Número Três!" A Número Um seguiu-se quase imediatamente, mas houve uma angustiante demora antes que fosse dado o sinal para a Número Dois. Halstead não podia ver o que estava acontecendo; presumivelmente alguém ainda estava fora e atrasando os restantes. Finalmente, todas as esclusas foram fechadas. Não havia tempo para enchê-las da maneira normal - as válvulas foram abertas por força bruta e as câmaras inundadas com ar da nave.

A bordo da Aqueronte, o Comodoro Brennan esperava, com seus noventa homens restantes nos três compartimentos que ainda estavam fechados. Formaram seus grupos e foram ligados em fileiras de dez atrás de seus líderes. Tudo fora planejado e ensaiado; os poucos segundos seguintes provariam se fora ou não em vão.

Depois os alto-falantes da nave anunciaram, quase em tom de conversa:

"Pégaso para Aqueronte. Todos os seus homens já saíram das esclusas. Nenhuma vítima. Algumas hemorragias. Dêem-nos cinco minutos para preparar-nos para o próximo grupo."

Um homem foi perdido na última travessia. Entrou em pânico e foi preciso fechar a eclusa sem ele, em vez de pôr em risco a vida de todos os demais. Foi pena os homens não se salvarem em sua totalidade, mas no momento todo o mundo estava tão agradecido que não se preocupou com isso.

Restava uma única coisa a fazer. O Comodoro Brennan, último homem a bordo da Aqueronte, ajustou o circuito de tempo que ligaria a propulsão em trinta segundos. Isso lhe daria tempo suficiente. Mesmo em seu desajeitado traje espacial, poderia sair pela porta aberta em metade daquele tempo. O tempo era suficiente, mas só ele e seu oficial de engenharia sabiam como era estreita a margem.

Ligou a chave e precipitou-se para a porta. Já havia chegado à Pégaso quando a nave que comandara, ainda carregada com milhões de quilouotes-século de energia, voltou à vida pela última vez e partiu silenciosamente em direção às estrelas da Via Láctea.

A explosão foi facilmente visível em todos os planetas interiores. Reduziu a nada as últimas ambições da Federação e os últimos temores da Terra.

Toda noite, quando o sol se põe além da solitária pirâmide do Pico, as sombras da grande montanha se estendem para cobrir a coluna de metal que se erguerá no Mar das Chuvas, enquanto perdurar o próprio Mar. São quinhentos e vinte e sete os nomes escritos naquela coluna, por ordem alfabética. Nenhuma marca distingue os homens que morreram pela Federação daqueles que morreram pela Terra. Talvez esse simples fato seja a melhor prova de que eles não morreram em vão.

A Batalha do Pico pôs fim ao domínio da Terra e assinalou a maioria dos planetas. A Terra estava cansada depois de sua longa saga e dos esforços que fizera para conquistar os mundos mais próximos - aqueles mundos que tão inexplicavelmente se voltaram contra ela, como há muito tempo as colônias americanas haviam-se voltado contra a terra materna. Em ambos os casos, as razões eram semelhantes e em ambos o resultado final foi igualmente vantajoso para a humanidade.

Se qualquer dos lados tivesse obtido vitória completa, poderia ter havido um desastre. A Federação talvez fosse tentada a impor à Terra um acordo que nunca poderia fazer cumprir. A Terra, por outro lado, poderia manietar seus filhos errantes, negando-lhes todos os suprimentos, atrasando assim a colonização dos planetas, por séculos.

Ao invés disso, ocorreu um empate. Cada um dos antagonistas recebeu dura e salutar lição; acima de tudo, cada um deles aprendeu a respeitar o outro. E cada um deles esforçava-se agora por explicar aos seus cidadãos exatamente o que estava sendo feito em seu nome...

A última explosão da guerra foi seguida, poucas horas depois, por explosões políticas na Terra, em Marte e em Vênus. Quando a fumaça se dissipou, muitas personalidades ambiciosas haviam desaparecido, pelo menos temporariamente, e aqueles que detinham o poder tinham um objetivo principal - restabelecer relações amistosas e apagar a lembrança de um episódio que não honrava ninguém.

O incidente da Pégaso, interrompendo as divisões da guerra e lembrando aos homens sua unidade essencial, tornou a tarefa dos estadistas muito mais fácil do que seria em outras circunstâncias. O Tratado de Phobos foi assinado no que um historiador chamou de atmosfera de envergonhada conciliação. O acordo foi rápido, pois tanto a Terra como a Federação possuíam alguma coisa de que a outra precisava muito.

A superior ciência da Federação dera-lhe o segredo da propulsão sem aceleração, como era agora universalmente, mas erroneamente chamada. Por sua parte, a Terra estava agora disposta a partilhar a riqueza que descobrira no fundo da Lua. A crosta estéril fora penetrada e finalmente o núcleo pesado estava entregando seus tesouros obstinadamente guardados. Havia ali riqueza suficiente para satisfazer todas as necessidades do homem durante séculos futuros.

Isso estava destinado, nos anos futuros, a transformar o Sistema Solar e alterar completamente a distribuição da raça humana. Seu efeito imediato foi fazer da Lua, durante muito tempo, a parenta pobre da velha e rica Terra, o mais rico e mais

importante de todos os mundos. Dez anos depois a República Lunar Independente estaria ditando termos FOB para a Terra e para a Federação com igual imparcialidade.

Mas o futuro saberia cuidar de si. Tudo quanto importava agora era que a guerra estava terminada.

A Cidade Central, pensou Sadler, crescera desde que ali estivera há trinta anos. Qualquer daquelas cúpulas poderia cobrir todas as sete que existiam antigamente. Quanto tempo demoraria, nesse ritmo, para que toda a Lua estivesse coberta? Esperava que não fosse em seu tempo.

A estação propriamente dita era quase tão grande quanto uma das cúpulas antigas. Onde antes havia cinco linhas, havia agora trinta. Mas o desenho dos monocarros não se alterara muito e sua velocidade parecia ser quase a mesma. O veículo que o trouxera do espaçoporto poderia ter sido o mesmo que o levara através do Mar das Chuvas um quarto de vida antes.

Isto é, um quarto de vida se você fosse cidadão da Lua e pudesse esperar ver seu centésimo vigésimo aniversário. Mas só um terço da vida, se você passasse todas as suas horas de vigília e de sono, lutando contra a gravidade da Terra.

Havia muito mais veículos nas ruas. A Cidade Central era agora grande demais para funcionar em base pedestre. Mas uma coisa não mudara. No alto havia o céu da Terra, azul e salpicado de nuvens, e Sadler não duvidava de que a chuva ainda caísse no horário certo.

Saltou para um auto-taxi e discou o endereço, relaxando-se enquanto era levado através das ruas movimentadas. Sua bagagem já fora para o hotel e ele não tinha pressa em segui-la. Assim que lá chegasse seria novamente envolvido pelos negócios e talvez não tivesse outra oportunidade de executar essa missão.

Os homens de negócios e turistas da Terra pareciam ser ali quase tão numerosos quanto os moradores. Era fácil distingui-los, não apenas por suas roupas e seu comportamento, mas também pela maneira como andavam nessa baixa gravidade. Sadler ficou surpreso ao descobrir que, embora fizesse apenas algumas horas que estava na Lua, o ajustamento muscular automático que aprendera tanto tempo antes entrara de novo facilmente em ação. Era como aprender a andar de bicicleta; depois de ter aprendido, nunca mais se esquece.

Agora havia ali um lago, com ilhas e cisnes.

Lera a respeito dos cisnes. Suas asas precisavam ser cuidadosamente aparadas para impedir que voassem e se chocassem contra o "céu". Houve uma repentina agitação e um grande peixe surgiu à superfície. Sadler se perguntou se ele estaria surpreso ao descobrir como podia saltar alto acima da água.

O táxi, abrindo caminho sobre os trilhos-guia enterrados, afundou-se em um túnel que devia passar por baixo da beirada da cúpula. Por ser a ilusão do céu muito bem planejada, não era fácil saber quando se ia deixar uma cúpula e entrar em outra, mas Sadler percebeu onde estava quando o veículo passou pelas grandes portas de metal na parte mais baixa do tubo. Essas portas, conforme lhe haviam dito, podiam fechar-se em menos de dois segundos - e o fariam automaticamente se houvesse uma queda de pressão de qualquer dos lados. Pensamentos como esse, perguntou ele a si próprio, fariam os habitantes da Cidade Central passar noites insones? Duvidava muito. Considerável fração da raça humana passara sua vida à sombra de vulcões, barragens e diques, sem demonstrar sinais de tensão nervosa. Só uma vez

uma das cúpulas da Cidade Central fora evacuada e isso devido a um vazamento lento que demorara horas para causar efeito.

O táxi saiu do túnel para a área residencial e Sadler viu-se diante de uma completa mudança de cenário. Ali não havia cúpula contendo uma pequena cidade .. Era em si próprio um único e gigantesco edifício, com corredores móveis em lugar de ruas. O táxi parou e lembrou-lhe em tom polido que esperaria trinta minutos por uma taxa adicional de um e cinquenta. Sadler, pensando que talvez demorasse todo esse tempo só para encontrar o lugar que procurava, rejeitou a oferta e o táxi afastou-se à procura de novos fregueses.

Havia um grande quadro de avisos a alguns metros de distância, exibindo um mapa tridimensional do edifício. O lugar todo lembrava a Sadler um tipo de colmeia usado muitos séculos antes, que vira certa vez ilustrado em uma velha enciclopédia. Sem dúvida era absurdamente fácil encontrar o caminho quando se estava acostumado, mas no momento ele se via inteiramente desorientado pelos Andares, Corredores, Zonas e Setores.

- Vai a algum lugar, cavalheiro? - disse uma vozinha a suas costas.

Sadler virou-se e viu um menino de seis ou sete anos, que olhava para ele com olhos alertas e inteligentes. Tinha mais ou menos a mesma idade que seu neto, Jonathan Peter II. Santo Deus, quanto tempo fazia desde a última vez que visitara a Lua.

- Não se vê com frequência gente da Terra aqui - disse o menino. - O senhor está perdido?

- Ainda não - respondeu Sadler. - Mas desconfio que logo estarei.

- Onde vai?

Era realmente espantoso, pensou Sadler, que, apesar das redes interplanetárias de rádio, claras diferenças de língua estivessem aparecendo nos vários mundos. Aquele menino, sem dúvida, sabia falar com perfeição inglês da Terra, quando queria, mas essa não era sua linguagem para comunicação cotidiana.

Sadler olhou para o endereço bastante complexo anotado em sua caderneta e leu-o em voz alta.

- Vamos -- disse seu guia autônomo.

Sadler obedeceu de bom grado.

A rampa à frente terminava abruptamente em larga pista rolante, que se movia devagar. Ela os levou durante alguns metros, depois os colocou em uma seção de alta velocidade. Após correr pelo menos um quilômetro, passando pelas entradas de inúmeros corredores, foram transferidos novamente para uma seção de baixa velocidade e levados para uma enorme praça hexagonal. Estava cheia de gente, que vinha e ia entre uma rua e outra, parando às vezes para fazer compras em pequenos quiosques. Erguendo-se no centro da movimentada cena, havia duas rampas em espiral, uma para o tráfego ascendente e outra para o descendente. Entraram na espiral que levava para cima e deixaram que a superfície móvel os levasse até meia dúzia de andares acima. Em pé na beirada da rampa, Sadler pôde ver que o edifício se estendia para baixo por uma imensa distância. Muito abaixo havia algo que parecia ser uma grande rede. Fez alguns cálculos mentais, depois concluiu que, afinal de contas, seria conveniente para aparar a queda de alguém suficientemente tolo para cair pela beirada. Os arquitetos dos edifícios lunares tinham pela gravidade uma atitude despreocupada que causaria instantâneo desastre na Terra.

A praça superior era exatamente igual àquela por onde haviam entrado, mas nela se via menos gente e poder-se-la dizer que, por mais democrática que fosse a

República Lunar Autônoma, existiam sutis distinções de classe ali, tanto quanto em qualquer outra cultura criada pelo homem. Não havia mais aristocracia de berço ou de dinheiro, mas a de responsabilidade sempre existiria. Ali, sem dúvida, viviam as pessoas que realmente dirigiam a Lua. Tinham mais posses e muito mais preocupações do que seus concidadãos dos andares inferiores e havia contínuo intercâmbio de um nível para outro.

O pequeno guia de Sadler levou-o dessa praça central para outra passagem móvel, depois finalmente para um quieto corredor com uma estreita faixa de jardim no centro e uma fonte brincando em cada extremidade. Avançou até uma das portas e anunciou: - É aqui.

A brusquidão de sua declaração foi perfeitamente neutralizada pelo orgulhoso sorriso com que parecia dizer a Sadler: "Não fui muito esperto?" Sadler estava pensando qual seria a recompensa apropriada para sua iniciativa. Ou o menino se ofenderia se lhe desse alguma coisa?

Este dilema social foi resolvido pelo seu observador guia.

- Mais de dez andares, são quinze.

Então havia uma tarifa padrão, pensou Sadler.

Entregou ao menino um quarto de crédito e, para sua surpresa, foi obrigado a aceitar o troco. Não havia percebido que as conhecidas virtudes lunares de honestidade, iniciativa e lealdade começavam em tão tenra idade.

- Não vá embora ainda - disse a seu guia, enquanto tocava a campainha. - Se ninguém atender, quero que me leve de volta.

- O senhor não telefonou antes? - disse a prática pessoa, olhando incredulamente para ele.

Sadler achou que era inútil explicar. As ineficiências e extravagâncias da antiquada gente da Terra não eram apreciadas por esses enérgicos colonos - embora que Deus o ajudasse se empregasse ali aquela palavra.

Todavia, não houve necessidade da precaução.

O homem com quem esperava encontrar-se estava em casa e o guia de Sadler despediu-se com um alegre adeus enquanto descia pelo corredor, assoviando uma música que acabara de chegar de Marte.

- Não se lembra de mim? - perguntou Sadler. - Eu estava no Observatório de Platão durante a Batalha do Pico. Meu nome é Bertram Sadler.

- Sadler? Sadler? Sinto muito, mas não me lembro do senhor no momento. Mas entre... Sempre me agrada receber velhos amigos.

Sadler seguiu até o interior da casa, olhando em volta curiosamente. Era a primeira vez que entrava em uma residência particular na Lua e, como se poderia esperar, não era possível distingui-la de uma residência semelhante na Terra. O fato de ser uma célula em uma vasta colmeia não fazia com que fosse menos casa; já haviam transcorrido dois séculos desde quando mais do que uma minúscula fração da raça humana vivia em prédios separados e isolados, e a palavra "casa" mudara de significação com o tempo.

Havia, porém, na principal sala de estar um toque que era antiquado demais para qualquer família terrestre. Estendendo-se por metade de uma parede, havia um grande mural animado de uma espécie que Sadler não via desde muitos anos antes. Mostrava uma encosta de montanha coberta de neve, descendo para uma minúscula aldeia apenina um quilômetro ou mais abaixo. Apesar da aparente distância, todos os pormenores eram cristalinamente claros. As pequenas casas e a igreja de brinquedo tinha a clara e vivida nitidez de algo visto pelo lado errado de um telescópio. Além da

aldeia, o terreno elevava-se de novo, cada vez mais íngreme, até a grande montanha que dominava o horizonte e erguia em seu cume um perpétuo penacho de neve, uma flâmula branca sempre flutuando sob o vento.

Era, calculou Sadler, uma cena real registrada uns dois séculos antes. Mas não podia ter certeza; na Terra ainda havia muitas dessas surpresas em lugares remotos.

Sentou-se na cadeira que lhe era oferecida e pela primeira vez olhou bem para o homem que o levava a deixar importantes negócios para procurá-lo.

- O senhor não se lembra de mim? - voltou a perguntar.

- Receio que não... mas eu sou muito ruim em matéria de nomes e fisionomias.

- Bem, eu estou agora quase duas vezes mais velho, de maneira que não é surpreendente. Mas o senhor não mudou, Professor Molton. Eu me lembro de que o senhor foi o primeiro homem com quem falei quando ia para o Observatório. Eu viajava no monotrilho que saía da Cidade Central e observava o sol se pôr por trás dos Apeninos. Foi pouco antes da Batalha do Pico e em minha primeira visita à Lua.

Sadler pôde ver que Molton estava genuinamente perplexo. Fazia trinta anos, afinal de contas, e não devia esquecer que ele próprio tinha uma memória completamente anormal para fisionomias e fatos.

- Não tem importância - continuou. - Eu não poderia realmente esperar que se lembrasse de mim, pois não era um de seus colegas. Estive no Observatório apenas como visitante e não permaneci lá por muito tempo. Eu sou contador, não astrônomo.

- Não diga? falou Molton, ainda claramente desorientado.

- Não foi, porém, nessa qualidade que visitei o Observatório, embora fingisse que era. Na ocasião, eu era realmente um agente do governo investigando uma falha de segurança.

Estava observando atentamente a fisionomia do velho e não havia como enganar-se com a rápida expressão de surpresa. Depois de um curto silêncio, Molton respondeu: - Parece que me lembro de alguma coisa dessa espécie. Mas esqueci completamente o nome. Foi há muito tempo, é claro.

- Sim, é claro - repetiu Sadler. - Mas tenho certeza de que existem algumas coisas de que o senhor se lembrará. Todavia, antes de prosseguir, é melhor eu tornar clara uma coisa. Minha visita aqui é absolutamente extra-oficial. Eu agora não sou realmente mais do que um contador e, posso dizer com satisfação, um contador muito bem sucedido. De fato, sou um dos sócios de Carter, Margraves and Tillotson e estou aqui para fazer o exame das contas de várias grandes empresas lunares. Sua Câmara do Comércio poderá confirmar isso.

- Não compreendo... - começou Molton.

- O que isto tudo a ver com o senhor? Bem, permita-me refrescar sua memória. Eu fui mandado ao Observatório para investigar uma falha de segurança. De alguma maneira, a Federação estava recebendo informações. Um de nossos agentes informou que a falha estava no Observatório e eu fui lá para procurá-la.

- Continue - disse Molton.

Sadler sorriu de modo um pouco contorcido.

- Eu sou considerado um bom contador - prosseguiu Sadler - mas receio não ter sido um agente de segurança muito bem sucedido. Desconfiei de muita gente, mas nada descobri, embora tenha descoberto acidentalmente um ladrão.

- Jenkins - falou Molton de repente.

- Isso mesmo... sua memória não é tão ruim, Professor. Seja como for, nunca

descobri o espião. Eu não poderia sequer provar que ele existisse, embora tenha investigado todas as possibilidades em que pude pensar. O negócio todo deu em nada no fim, naturalmente, e alguns meses depois eu estava de volta ao meu trabalho normal e também muito mais feliz. Mas, isso sempre me preocupou... era uma ponta solta que eu não gostava de ver... uma discrepância no balanço. Abandonei toda esperança de acertá-la, até há umas duas semanas. Então eu li o livro do Comodoro Brennan. O senhor ainda não o viu? .

- Ainda não, embora evidentemente tenha ouvido falar a respeito.

Sadler enfiou a mão dentro de sua pasta e tirou - um gordo volume, que entregou a Molton.

- Eu trouxe um exemplar para o senhor... Sabia que lhe interessaria muito. É um livro sensacional, como pode julgar pelo barulho que está causando em todo o Sistema. O Comodoro não esconde coisa alguma e posso compreender por que muita gente na Federação está furiosa com ele. Contudo, não é esse o ponto que me interessa. O que achei fascinante foi seu relato sobre os acontecimentos que levaram à Batalha do Pico. Imagine minha surpresa quando ele confirmou definitivamente que a informação vital saíra do Observatório. Para citar a frase dele: "Um dos maiores astrônomos da Terra, por meio de brilhante subterfúgio técnico, conservou-nos informados dos desenvolvimentos durante o progresso do Projeto Thor. Não seria apropriado mencionar seu nome, mas ele vive atualmente em honroso retiro na Lua."

Houve um longa pausa. A fisionomia enrugada de Molton fixara-se agora em dobras graníticas e não dava o menor sinal de suas emoções.

- Professor Molton - prosseguiu Sadler gravemente - espero que me acredite quando digo que estou aqui exclusivamente por curiosidade particular. Em qualquer caso, o senhor é um cidadão da República... nada há que eu pudesse fazer mesmo que desejasse; Mas eu sei que aquele agente era o senhor. A descrição se ajusta e eu eliminei todas as outras possibilidades. Além disso, alguns amigos meus na Federação estiveram olhando os registros, também extra-oficialmente. Não terá a menor utilidade o senhor fingir que nada sabe a respeito. Se não quiser falar, eu irei embora. Mas se quiser contar-me... e não vejo que importância possa ter isso agora... eu daria muita coisa para saber como o senhor conseguiu fazer aquilo.

Molton abriu o livro do Professor, ex-Comodoro, Brennan e estava folheando o índice. Depois sacudiu a cabeça com certo aborrecimento.

- Ele não deveria ter dito isso - observou irritado. sem se dirigir particularmente a ninguém.

Sadler soltou um suspiro de satisfeita expectativa. Abruptamente, o velho cientista voltou-se para ele.

- Se eu lhe contar, que uso fará o senhor da informação?

- Nenhum, posso jurar-lhe.

- Alguns de meus colegas poderiam ficar aborrecidos, mesmo depois de tanto tempo. Não foi fácil, sabe? Não me deu prazer também. Mas a Terra precisava ser contida e eu penso que fiz a coisa certa.

- O Professor Jamieson... ele é Diretor agora, não é?... tinha ideias semelhantes. Mas não as pôs em prática.

- Sei disso. Houve uma ocasião em que quase confidenciei a ele, mas talvez seja bom não tê-lo feito.

Molton parou pensativo e seu rosto enrugou-se um pouco.

- Agora estou lembrando - disse ele. - Eu lhe mostrei meu laboratório. Fiquei um pouco desconfiado então... achei estranho o senhor ter chegado naquela ocasião. Por isso mostrei-lhe absolutamente tudo, até ver que o senhor estava aborrecido e nada mais queria observar.

- Isso aconteceu com muita frequência - falou Sadler secamente. - Havia muito equipamento no Observatório.

- Alguns dos meus aparelhos, porém, eram únicos. Nem mesmo um homem de minha própria especialidade teria adivinhado o que esses aparelhos faziam. Suponho que sua gente estava procurando transmissores de rádio escondidos e coisas dessa espécie.

- Sim. Nós tínhamos monitores na escuta, mas nunca localizaram coisa alguma.

Molton estava obviamente começando a se divertir. Talvez, pensou Sadler, ele também se sentira frustrado durante os últimos trinta anos, pelo fato de estar incapacitado de revelar como havia conseguido lograr o exército de segurança da Terra.

- A beleza daquilo - prosseguiu Molton estava no fato de meu transmissor permanecer o tempo todo à vista de todo o mundo. De fato, era a coisa mais óbvia do Observatório. Era o telescópio de mil centímetros, sabe?

Sadler fitou-o incrédulo. - Não compreendo.

- Considere - disse Molton, voltando a ser o professor de colégio em que se tornara ao deixar o Observatório - exatamente o que faz um telescópio. Recolhe luz de uma minúscula porção do céu e a leva com precisão para um foco em uma chapa fotográfica ou para a fenda de um espectroscópio. Mas o senhor não está vendo? .. Um telescópio pode funcionar nos dois sentidos.

- Estou começando a compreender.

- Meu programa de observação envolvia o emprego do telescópio de mil centímetros para estudo de estrelas fracas. Eu trabalhava com o ultravioleta em alto grau... que naturalmente é invisível ao olho humano. Bastava eu substituir meus instrumentos habituais por uma lâmpada ultravioleta e o telescópio imediatamente se tornava um projetor de imensa potência e precisão, lançando um feixe tão estreito que só poderia ser captado na exata porção do céu para onde eu o dirigisse. Interromper o feixe, para finalidades de sinalização, era naturalmente um problema trivial. Eu não sou capaz de transmitir em Morse, mas construí um modulador automático que fazia isso por mim.

Sadler absorveu vagarosamente essa revelação. Depois de explicada, a idéia era ridiculamente simples. Sim, pensando bem, qualquer telescópio *deve* ser capaz de funcionar em ambos os sentidos - recolher luz das estrelas ou emitir em direção a elas um feixe quase perfeitamente paralelo, desde que se acendesse uma luz diante de seu ocular. Molton transformara o refletor de mil centímetros na maior lanterna elétrica já construída.

- Para onde o senhor dirigia seus sinais? perguntou.

- A Federação tinha uma pequena nave a uns dez milhões de quilômetros de distância. Mesmo a essa distância, meu feixe continuava bastante estreito e era necessária boa navegação para manter-se em seu curso. A combinação era que a nave permaneceria sempre exatamente em linha entre mim e uma fraca estrela do norte que era sempre visível acima de meu horizonte. Quando desejava mandar um sinal... eles sabiam quando eu estaria operando, naturalmente... eu precisava apenas introduzir as coordenadas no telescópio e podia ter certeza de que captavam minha mensagem. Eles tinham a bordo um pequeno telescópio com um detector

ultravioleta. Mantinham contacto com Marte através de serviços de rádio normal. Muitas vezes pensei como deveria ser monótono ficar lá longe, simplesmente me ouvindo. As vezes eu nada transmitia durante dias.

- Mais uma coisa - observou Sadler. - Como o senhor recebia as informações?

- Oh, havia dois métodos. Nós recebíamos, naturalmente, exemplares de todas as publicações astronômicas. Havia certas páginas combinadas em determinadas publicações... lembro-me que The Observatory era uma delas... a que eu dedicava atenção. Algumas das letras eram fluorescentes sob ultravioleta em alto grau. Ninguém poderia tê-las localizado. Ultravioleta comum não adiantava.

- E o outro método?

- Eu costumava ir ao ginásio na Cidade Central todo fim de semana. Deixávamos as roupas em armários fechados quando nos trocávamos, mas havia por cima das portas espaço suficiente para ser enfiada qualquer coisa. As vezes eu encontrava em cima de minhas coisas um cartão comum de máquina de calcular, com uma série de perfurações. Absolutamente comum e inocente, é evidente... cartões como aqueles eram encontrados em todo o Observatório e não apenas na seção de Computação. Eu sempre fazia questão de ter alguns genuínos nos bolsos. Quando voltava, eu decifrava o cartão e enviava a mensagem em minha transmissão seguinte. Nunca fiquei sabendo o que transmitia... era sempre em código. E nunca descobri quem jogava os cartões em meu armário.

Molton fez uma pausa e olhou ironicamente para Sadler.

- De maneira geral - concluiu ele - realmente penso que o senhor não tinha muita probabilidade. O único perigo que eu corria era o senhor prender meus contatos e descobrir que eles me passavam informações. Mesmo que isso acontecesse, eu pensava poder escapar. Toda peça de aparelhamento que eu usava tinha alguma função astronômica perfeitamente genuína. Mesmo o modulador era parte de um mal sucedido analisador de espectro que nunca me dei ao trabalho de desmontar. E minhas transmissões duravam apenas alguns minutos... eu podia mandar muita coisa nesse tempo... e depois eu prosseguia com meu programa regular.

Sadler olhou para o velho astrônomo com indisfarçável admiração. Começava a sentir-se muito melhor: um velho complexo de inferioridade fora exorcizado. Não havia a menor necessidade de censurar-se. Duvidava que alguém pudesse ter descoberto as atividades de Molton, limitando-se ao lado do Observatório. As pessoas que mereciam ser culpadas eram os contra-agentes na Cidade Central e no Projeto Thor, que deveriam ter detido a saída de informações mais atrás.

Havia ainda uma pergunta que Sadler desejava fazer, mas não se decidia a fazer: afinal, não era realmente de sua conta. Como não era mais um mistério; por que continuava sendo.

Pôde pensar em muitas respostas. Seus estudos do passado mostravam-lhe que um homem como Molton não se tornaria espião por dinheiro, poder ou qualquer outra razão assim trivial. Algum impulso emocional deveria tê-lo levado ao caminho que seguiu e ele teria agido com profunda convicção interior de que estava certo o que fazia. A lógica talvez lhe dissesse que a Federação devia ser apoiada contra a Terra, mas, em um caso assim, lógica nunca era suficiente.

Esse era um segredo que permaneceria com Molton. Talvez ele percebesse os pensamentos de Sadler, pois abruptamente caminhou para uma larga estante e fez correr um de seus painéis.

- Encontrei certa vez uma frase - disse ele - que me proporcionou considerável conforto. Não tenho certeza se sua intenção era cínica ou não, mas havia muita

verdade nela. Creio que foi dita por um estadista francês chamado Talleyrand, há uns quatrocentos anos. O que ele disse foi isto:

"Que é traição? Meramente uma questão de datas." Talvez o senhor queira pensar nisso, senhor Sadler.

Voltou da estante, carregando dois copos e uma grande garrafa.

- Um passatempo meu - informou ele a Sadler. - A última safra de Hesperus. Os franceses talvez achassem graça, mas eu o comparo à melhor coisa que possa vir da Terra.

Tocaram os copos.

- À paz entre os planetas - disse o Professor Molton - e que jamais um homem precise desempenhar os papéis que nós desempenhamos.

Tendo como fundo uma paisagem a quatrocentos mil quilômetros de distância no espaço e dois séculos no tempo, espião e contra-espião beberam juntos no brinde. Cada um deles estava cheio de recordações, mas essas recordações agora não continham amargura. Nada mais havia a dizer; para ambos a história estava encerrada.

Molton levou Sadler pelo corredor, passando pelas silenciosas fontes e acompanhou-o até estar em segurança sobre o piso rolante que levava à praça principal. Quando voltava para sua casa, passando vagarosamente pelo pequeno e fragrante jardim, quase foi derrubado por um bando de crianças que, rindo, corriam em direção ao parque infantil da Nona Seção. No corredor ecoaram brevemente suas vozes estridentes; depois desapareceram como uma repentina lufada de vento.

O Professor Molton sorriu enquanto as observava correndo para seu brilhante e tranquilo futuro - futuro que ele ajudara a construir. Tinha muitos consolos e esse era o maior deles. Nunca mais, até tão longe quanto a imaginação podia alcançar, a raça humana se dividiria contra si própria. Muito acima dele, além dos tetos da Cidade Central, a inesgotável riqueza da Lua estava fluindo para fora através do espaço, para todos os planetas que o Homem agora dizia serem seus.

composto e impresso na



planimpress gráfica e editora
rua anhaia, 247 - tel. 220-6012 - s.p.

Na incansável busca de um significado para uma sociedade que rapidamente se deixa encharcar por esta avalanche tecnológica, que apenas nos momentos críticos faz com que sintamos o seu peso real, Arthur C. Clarke, proeminente figura dentro do infinito campo da ficção científica mundial, objetiva estabelecer, na presente obra, as distâncias que aos poucos afunilarão o raio de ação do homem em relação ao seu ambiente, nos séculos futuros. Eis o fator fundamental que confere a exata valoração às obras deste escritor, fazendo-o emergir dos domínios mais ou menos gastos daquele tipo de literatura, na medida em que suas obras são o elo maior entre o fantástico e o real. Isso porque Arthur C. Clarke coloca seus representantes da condição humana como elementos mediadores entre esses dois polos.

Assim, como que exemplificando essa característica inerente a Clarke, as personagens de LUZ DA TERRA brotam do fantástico, ao mesmo tempo em que se mostram crivadas pela mesma sensibilidade que tem caracterizado os homens através dos séculos. Tudo isso vertido em uma linguagem rica em símbolos que carregam em si mesmos a medida substancial do comportamento do homem do futuro perante a vida, o qual já tem sob seu domínio o sistema solar.

Digitalizado por "*Espinhudo*"